

abrindo
ESP  **ÇOS**
BAHIA

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA

MIRIAM ABRAMOVAY

COORDENAÇÃO

ELIANE RIBEIRO ANDRADE

MIGUEL FARAH NETO

JOÃO PAULO MACEDO E CASTRO

□ UNESCO 2003 Edição publicada pelo Escritório da UNESCO no Brasil

Social and Human Sciences Sector
Division of Social Sciences Research and Policy
Policy and Cooperation in Social Sciences Section

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, nem tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.

abrindo ESPACOS

BAHIA

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA

MIRIAM ABRAMOVAY
COORDENAÇÃO

ELIANE RIBEIRO ANDRADE

MIGUEL FARAH NETO

JOÃO PAULO MACEDO E CASTRO



Conselho Editorial da UNESCO no Brasil

Jorge Werthein
Cecilia Braslavsky
Juan Carlos Tedesco
Adama Ouane
Célio da Cunha

Comitê para a Área de Ciências Sociais e Desenvolvimento Social

Julio Jacobo Waiselfisz
Carlos Alberto Vieira
Marlova Jovchelovitch Noletto

Revisão: DPE Studio

Assistente Editorial: Larissa Vieira Leite

Diagramação: Fernando Brandão

Projeto Gráfico: Edson Fogaça

© UNESCO, 2003

Abramovay, Miriam

Avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia / Miriam Abramovay et alii. - Brasília : UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas, Universidade Católica de Brasília, UNIRIO, 2003.

188p.

1. Problemas Sociais 2. Juventude-Brasil 3. Violência-Juventude-Brasil
4. Cultura de Paz – Educação – Juventude – Brasil 5. Educação – Problemas Sociais – Brasil I. UNESCO II. Título

CDD 361.1



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Representação no Brasil

SAS, Quadra 5 Bloco H, Lote 6,

Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar.

70070-914 – Brasília – DF – Brasil

Tel.: (55 61) 321-3525

Fax: (55 61) 322-4261

E-mail: UHBRZ@unesco.org.br

ISBN 85-87853-87-2

EQUIPE RESPONSÁVEL

COORDENAÇÃO

Miriam Abramovay – Universidade Católica de Brasília

PESQUISADORES

Eliane Ribeiro Andrade – Convênio UNESCO/UNIRIO
João Paulo Macedo Castro – Convênio UNESCO/UNIRIO
Miguel Farah Neto – Convênio UNESCO/UNIRIO

ASSISTENTES DE PESQUISA – BAHIA

Dione Sá Leite Carvalho
Jussiara Xavier Pinheiro
Sonia Margarida Bandeira Cerqueira

COLABORAÇÃO – EQUIPE DE AVALIAÇÃO E PESQUISA DE BRASÍLIA

Lorena Vilarins dos Santos – UNESCO
Marta Franco Avancini – UNESCO

COLABORAÇÃO – EQUIPE DE AVALIAÇÃO E PESQUISA DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Alexandre Leite – Convênio UNESCO/UNIRIO
Fernanda Estevam de Carvalho – Estagiária – UNIRIO
Luiz Carlos Gil Esteves – Convênio UNESCO/UNIRIO
Luisa Figueiredo do Amaral e Silva – Estagiária – UNIRIO
Maria Ângela de Oliveira Muniz – Convênio UNESCO/UNIRIO
Maria Fernanda Rezende Nunes – Convênio UNESCO/UNIRIO

PLANO AMOSTRAL

Márcio Machado Ribeiro – UNESCO

NOTA SOBRE OS AUTORES

MIRIAM ABRAMOVAY é professora da Universidade Católica de Brasília, vice-coordenadora do Observatório de Violência nas Escolas no Brasil e consultora de vários organismos internacionais em pesquisas e avaliações nos temas: juventude, violência e gênero. Formou-se em Sociologia e Ciências da Educação pela Universidade de Paris, França (Paris VII - Vincennes), possui mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e é doutoranda na Universidade de Bordeaux Victor Segalen, França. Coordenou e publicou várias pesquisas e avaliações de programas sociais. É autora e co-autora de livros sobre juventude, violência e cidadania, bem como de vários artigos publicados em revistas científicas e especializadas no tema violência nas escolas.

ELIANE RIBEIRO ANDRADE é doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, mestre em Educação pelo IESAE da Fundação Getúlio Vargas e pós-graduada em Avaliação de Programas Sociais e Educativos pelo Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura – IICA. Exerceu, por vários anos, a função de Técnica em Assuntos Educacionais do Ministério da Educação – MEC e integra, atualmente, os quadros da Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, atuando, também, como pesquisadora da UNESCO, nos campos de educação e juventude. Professora substituta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, e membro do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro.

MIGUEL FARAH NETO é mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2002). Graduou-se como geógrafo (1973) e como licenciado em Geografia (1974), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 1980, vem desenvolvendo trabalhos nas áreas de Educação de Jovens e Adultos e de políticas públicas para a educação. Integra, hoje, os quadros da Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, atuando, também, como pesquisador da UNESCO, nos campos de educação, juventude e violência.

JOÃO PAULO MACEDO E CASTRO é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional UFRJ. Trabalhou no grupo de pesquisa e avaliação do Programa Escolas de Paz no ano de 2001. Trabalhou na avaliação do Programa Favela Bairro no Rio de Janeiro em 1997/1998 IEC/IPPUR. Trabalhou como pesquisador no Programa de Análise qualitativa dos programas inovadores do Comunidade Solidária (NEEP) 1998/1999.

EQUIPE LOCAL DE PESQUISA DE CAMPO

ESTAGIÁRIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA) E DA UNIVERSIDADE DE SALVADOR (UNIFACS)

Ana Joeny Samartim Fernandes
Araci Lopes de Oliveira
Anderson Luís de Araujo Moreira
Bruno Torres Silva
Carlos Eduardo Santos
Cláudia Borges Souza Dantas
Cláudia Sento Sé da Fonseca
Daniela Pinheiro dos Reis
Deise Angelis Souza Costa
Elita Esméria de Oliveira
Flávio Oliveira da Silva
Jodiane dos Santos Alves Santana
Luciana Oliveira Messeder
Margareth Sampaio Pereira
Maria Ângela Pimentel da Silva
Maurício Caires
Mônica Natividade da Silva
Ricardo Santos Hardmann
Síria Ramos dos Santos
Tatiana Pinto Rezende da Mata

SUMÁRIO

Agradecimentos	13
Prefácio	17
Apresentação	21
Abstract	25
Introdução	27
1. Metodologia e descrição do Programa Abrindo Espaços	37
1.1 Metodologia da avaliação	37
1.1.1 O estudo quantitativo	38
1.1.2 O estudo qualitativo	45
1.2 Origens do programa	47
1.3 Análise da estratégia do programa	49
1.4 Construção da cultura de paz em detrimento da violência	50
1.5 A estratégia do programa	51
2. O Perfil dos atores e o entorno da escola	53
2.1 Perfil dos atores	53
2.1.1 Diretores	53
2.1.2 Equipe executora	57
2.1.3 Oficineiros	66
2.1.4 Beneficiários	71
2.2 O Entorno das escolas	73
2.2.1 A localização das escolas e a vulnerabilidade social	73
2.2.2 Infra-estrutura das escolas	76

3.	Estrutura e funcionamento do Programa Abrindo Espaços	81
3.1	Estrutura organizacional	82
3.2	Funcionamento do Programa Abrindo Espaços	85
3.2.1	Formato das oficinas	85
3.2.2	Organização das oficinas	87
3.2.3	Capacitação	96
3.2.4	Planejamento	100
3.2.5	Divulgação	105
3.2.6	Parcerias	112
3.3	Atores	114
3.3.1	Diretores	115
3.3.2	Professores	119
3.3.3	Funcionários	122
3.3.4	Oficineiros	124
3.3.5	Beneficiários	134
3.3.6	Alunos	143
3.3.7	Jovens	145
4.	Considerações finais e recomendações	155
4.1	Considerações finais	155
4.2	Recomendações	162
	Lista de Tabelas	169
	Lista de Gráficos	175
	Lista de Quadros	177
	Anexo – Situação Educacional dos Jovens na Bahia	179
	Bibliografia	183

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que contribuíram, das mais diferentes formas, para a realização da avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia, numa demonstração sincera de que existe uma parcela significativa de pessoas e instituições que apostam na construção de redes produtivas de diálogo e de mediação entre a juventude, a escola e a comunidade.

Nesse sentido, expressamos nossos agradecimentos à secretária Anaci Bispo Paim, a quem coube a missão de revitalizar o Programa Abrindo Espaços e a parceria com a UNESCO. Por sua decisão de educadora sensível, comprometida com o processo de construção da paz, intra e extra-escolar, envolvendo a sociedade no desenvolvimento educacional e cultural do jovem cidadão.

À equipe do escritório da UNESCO na Bahia, especialmente ao coordenador, Djalma Benedito Neves Ferreira, e ao Josué Nunes, apoio administrativo do Programa Abrindo Espaços.

À coordenadora-geral do Programa na Bahia, Anaílde Almeida, por sua disponibilidade, generosidade, acolhida e inestimável apoio em todo o processo de avaliação.

À Marlova Jovchelovitch Noletto, pela sua constante colaboração com os trabalhos e avaliações do Programa Abrindo Espaços.

À equipe do Núcleo Gestor do Programa, particularmente, Favônia Reis Castelo Branco, Isael Barros,

Silvia Rita Cerqueira, Márcio Gomes, Wilson Brito, Lukas Campello e Ligia Barreto Jacob, por facilitar e auxiliar o acesso às informações.

À Universidade Federal da Bahia, pelo seu apoio, especialmente na pessoa da Professora Katia Siqueira de Freitas, e ao Programa Gestão Participativa com Liderança em Educação.

À Mary Castro por sua colaboração e leitura crítica da avaliação.

À Diana Barbosa pela revisão dos dados e apoio técnico.

Aos diretores, professores, equipes executoras e oficinairos das escolas pesquisadas que, de forma tão solícita, nos receberam, fornecendo dados importantes sobre a escola, o Programa, o bairro e outras dimensões da vida social.

Aos jovens beneficiários, pelos seus depoimentos, sinceros e valiosos, que, mais do que um exercício formal de pesquisa, nos ensina o significado de ser jovem e pobre nas grandes cidades brasileiras, sem, entretanto, abrir mão da alegria e da esperança.

Para os jovens, que são, de fato,
os autores/atores responsáveis
por este Programa, cujas experiências,
aqui registradas, podem contribuir para a
formação de um ser social, cultural e cidadão.

PREFÁCIO

ABRINDO ESPAÇOS PARA A INTERCULTURALIDADE E A CULTURA DA PAZ

Estudos e pesquisas sobre a violência nas escolas estão-se multiplicando, diante da necessidade de enfrentar a crescente deterioração das relações sociais, humanas e interpessoais nas instituições de educação. A escola não é uma ilha de paz no mar da violência social. Feliz exemplo é o deste livro: *Abrindo Espaços*. Trata-se de um projeto implantado em escolas da Bahia como estratégia para responder afirmativamente aos interesses dos jovens, ora idealizados como a esperança do futuro, ora estigmatizados como violentos.

Seja ele de classe social mais elevada ou pobre e excluído, o jovem precisa de espaços de visibilidade a partir de suas próprias expressões. Ele precisa compartilhar experiências, precisa de espaços de sociabilidade afirmativa, criatividade e interação. É o que nos demonstra o projeto da Bahia que ora temos a satisfação de apresentar.

Observe-se, contudo, que a juventude não é uma classe social e nem um segmento homogêneo. Sua identidade está permeada pela questão étnico-racial, de gênero, de opção sexual, de classe social, etc. Essas questões devem ser consideradas em qualquer ação que vise à cultura da paz e da sustentabilidade entre os jovens. Tomemos, por exemplo, a identidade étnico-racial muito presente neste projeto. As zonas de exclusão, marcadas pela privação do exercício da cidadania, são espaços importantes onde podemos observar essas diferenças entre os jovens.

Esta avaliação mostrou o quanto os negros necessitam de espaços próprios para criar e fortalecer a sua identidade. O que isso significa? Significa que, para afirmar a identidade, é preciso “guetizar-se”? Não. Precisamos de espaços próprios de afirmação da identidade, mas, como viver é conviver, precisamos ir além do gueto. Precisamos de integração, da interação de uma educação que crie possibilidades de aprendizagens para uma convivência intercultural, que permita a superação da lógica binária e bipolar, que exclui, discrimina e desintegra. A hostilidade social evidenciada, por exemplo, quando o branco se afasta do negro, pensando que este vai roubá-lo ou quando o policial, na rua, procurando por suspeitos, observa primeiro o negro, ou quando os ricos, na praia, distanciam-se de grupos de crianças e jovens negros para não terem contato com eles, mostra o quanto o racismo ainda está presente no nosso comportamento. A guetização não favorece a cultura da paz. Os encontros interculturais são respostas afirmativas de enfrentar a violência e de trabalhar em favor da paz.

A escola precisa aprender a trabalhar a partir de uma nova lógica para superar a discriminação. Abrir espaços significa, para a escola, abrir-se ela mesma, ou melhor, enxergar-se, antes de mais nada, como espaço de relações e vínculos e redescobrir-se como espaço de encantamento e de alegria. Combate-se a exclusão social dos jovens oferecendo-lhes espaços, oportunidades para eles mesmos dizerem a sua palavra e experimentarem a convivência com as diferenças culturais, conhecendo-as, compreendendo-as, ressignificando-as. A criança e o jovem têm direito de expressar-se sobre tudo o que lhes diz respeito. Numa sociedade autoritária como a nossa há muito que aprender sobre como tratar as crianças e os jovens dos setores mais excluídos da sociedade.

Este livro traz uma grande contribuição a essa nova visão do jovem no Brasil, em particular no Estado da Bahia. Ele revela caminhos para a construção da cultura da paz, revela iniciativas que se negam a compactuar com o discurso determinista e com o individualismo possessivo das nossas elites. Para ensinar o jovem, é preciso viver a juventude, e viver a juventude é acreditar, é ter esperança, é projetar. E mais: este livro nos ajuda a enfrentar uma das questões cruciais do nosso tempo: Que mundo deixaremos para os jovens? Que jovens deixaremos para o mundo?

Moacir Gadotti

Professor da Universidade de São Paulo
Diretor do Instituto Paulo Freire

APRESENTAÇÃO

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em parceria com o Governo do Estado da Bahia, tem a satisfação de apresentar os resultados da avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia.

O Programa Abrindo Espaços integra uma série de iniciativas desenvolvidas pela UNESCO no Brasil, com o objetivo de aproximar a escola, o jovem e a comunidade, por meio de novas práticas educacionais e sociais, visando à construção de uma Cultura de Paz. Sua execução tem como eixo a abertura das escolas aos finais de semana, como estratégia para oferecer oportunidades de acesso à cultura, ao esporte, à arte e ao lazer a uma juventude que anseia por chances reais de manifestação de seu potencial criativo.

Essa estratégia aposta na possibilidade de ampliação do universo cultural dos jovens; na aproximação entre a escola e a comunidade; na valorização do espaço escolar como instância de cuidado e de não-exposição dos jovens a situações de violência; na possibilidade de se desenvolverem novas alternativas de convivência entre jovens de diferentes grupos, em âmbito intra e extra-escolar; no estabelecimento de uma relação de maior aproximação e solidariedade entre os jovens, os professores e a comunidade, viabilizando espaços de diálogo, encontro e afetividade. Assim, o Programa considera, prioritariamente, a importância da construção de propostas que dêem conta do jovem na condição de sujeito, que necessita de respostas imediatas para o presente vivido.

O diagnóstico que subsidiou o investimento em experiências dessa natureza advém de diferentes pesquisas conduzidas pela UNESCO e por diversos parceiros. Nessas

pesquisas, constata-se a elevada incidência de atos de violências envolvendo jovens nos finais de semana, ocasionados, freqüentemente, pela falta de oportunidades de lazer e cultura. Observa-se, também, um aumento significativo de manifestações de violências físicas e simbólicas no âmbito do ambiente escolar, gerando um clima de incertezas e de insegurança que ameaça não apenas a escola, mas o papel da educação como irradiadora de conhecimento e cultura, com sérios prejuízos para os processos de ensino-aprendizagem

O Programa Abrindo Espaços vem possibilitando mudanças positivas na relação entre professores e alunos, novas atitudes para com a escola e efeitos que se projetam para além do fim de semana, ao estimular ou, até mesmo, criar sentido de pertencimento, auto-estima e integração com diferentes organizações, visando a execução e permanência da iniciativa. Seu ponto alto, possivelmente, reside na criatividade, relacionando educação, arte, cultura, esporte, lazer e cidadania. Aposta-se na participação criativa dos jovens e na construção de canais de expressão alternativos, na perspectiva de produzir uma escola que seja a expressão do tempo contemporâneo, investindo em espaços e tempos planejados para acolher, expressando a diversidade dos alunos e oportunizando trocas democráticas de significados.

Cabe destacar que, em cada estado ou município onde se encontra implantado, o Programa Abrindo Espaços assume características específicas, tanto no formato quanto na execução. Tal diversidade é desejável e mostra que a solução de problemas pode ser encontrada nos próprios lugares onde estes ocorrem. Entretanto, é fundamental que as experiências sejam avaliadas e divulgadas, para que possam inspirar e dar subsídios a outras iniciativas comprometidas com a criação de novos caminhos para a educação da juventude e novas formas de enfrentar a violência, construindo novas redes e alternativas de inclusão.

Esta publicação vem-se somar a outras já editadas pela UNESCO e descreve a experiência e a especificidade do Programa Abrindo Espaços, realizado na Cidade de Salvador, que, junto com às iniciativas correntes em Pernambuco e no Rio de Janeiro, vem oferecendo subsídios importantes para construção de políticas públicas na área da educação e da juventude. Os resultados aqui apontados reforçam a potencialidade da escola, do jovem e da comunidade como essenciais no processo de reversão do quadro educacional vigente e, particularmente, das situações de violência a que o jovem está exposto.

Jorge Werthein
Representante da UNESCO
no Brasil

ABSTRACT

This book contains the evaluation of the Program “Making Room: Education and Culture for Peace” in Bahia State, Brazil. The Program was created in 2000 by UNESCO-Brazil and adopts, as its main strategy, opening schools on weekends and offering alternative spaces that can attract youths, contributing to revert the situation of violence and to construct spaces of citizenship, through cultural and sportive activities. At the same time, it gives to youths the opportunity to express; as well a chance for the community to participate of activities – mainly workshops that involve art, culture and sports – it normally does not have access. Is it also based in the idea that the access to culture, art and education works as counterpart to the situations of violence.

In the introduction, it is given information about the economical and social situation of youth in Salvador (the capital of Bahia), describing how they are deprived of educational, work and leisure opportunities and how, many times, they are victims of racism. This situation is analyzed under the framework of the concepts of exclusion and vulnerability.

The first chapter explains the methodology used in the evaluation and contains general description of the Program. The second chapter describes the characteristics of all actors involved in the Program: the directors of the schools, the team in charge of the workshops, the youths who help to organize the activities and the community (people who live in the neighborhood of the schools and composes the public of the workshops). This chapter also analyses the characteristics of the area where the schools are located and their infra-structure.

The third chapter explains and analyses the program itself – how it works, how it is structured, which are its problems and effects. It explains how is the process of preparing the workshops (training the instructors, planning the activities, informing the community about it, making partnerships), as well as it describes the profile of the team in charge of the workshops (directors, teachers, volunteer instructors, students etc) and of the public that participates of the activities. The role of the youths – as organizers, participants and instructors – and of the volunteers is emphasized. In what concerns the effects of the Program, are mentioned the improvement of the relationship between the school and the community, the offer of leisure alternatives (especially to youths) and the growth of the self-esteem of the people involved in it as organizers and as public, among other things.

The conclusion emphasizes the effects of “Making Room” in what concerns the strength of the youth organized groups, that are, most of the time, stigmatized by the community and the creation of spaces and opportunities of dialogue. It also influences, in a positive way, the routine of the school and the integration of the youths in the school environment.

INTRODUÇÃO

*A minha alma está armada
E apontada para a cara do sossego.
Pois PAZ SEM VOZ, PAZ SEM VOZ
Não é PAZ é medo.
Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz
Qual a PAZ que eu não quero conservar
Pra tentar ser feliz.
(O Rappa)*

No Brasil, a população de jovens de 15 a 24 anos é composta por mais de 34 milhões de pessoas (IBGE, 2000), sendo que 40% vivem em famílias em situação de pobreza extrema – sem rendimentos ou com rendimentos de até 1/2 salário mínimo de renda familiar *per capita*. A incidência da pobreza, considerando a identificação étnico-racial, é mais ampla entre os jovens recenseados como de cor “preta” e “parda”. Entre os jovens “brancos”, 22% pertencem a famílias com renda familiar *per capita* de até 1/2 salário mínimo; já entre os de cor “parda” e de cor “preta”, tal proporção sobe para cerca de 45% (Henriques, 2002b). Tais dados ilustram a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a juventude e de se considerar sua diversidade e distintos tipos de exclusão social a que é exposta. Os jovens são atores sociais, com demandas específicas de educação, saúde, lazer e direitos humanos.

Nesse contexto, o Programa Abrindo Espaços se constitui uma estratégia para dar respostas e atender às demandas e aos interesses dos jovens, além de ser um lugar de interação da comunidade e de encontros entre gerações.

Na discussão sobre juventudes, existem alguns vieses e paradigmas conceituais que devem ser analisados, na medida

em que, muitas vezes, estão vinculados a uma visão negativa da condição de ser jovem (Abramovay e Castro, 2003). Ao mesmo tempo em que os jovens são vistos como irreverentes e transgressores, aparecem como uma esperança para o futuro. Enquanto são acusados de “marginais” e principais responsáveis pela violência, são também idealizados e tidos como esperança. O Abrindo Espaços possibilita a construção de uma nova visão sobre as juventudes, valorizando o ser jovem na nossa sociedade.

Ao nível do senso comum, as representações negativas sobre as juventudes imperam, com visões estereotipadas, estigmatizadas e, dependendo do contexto, as referências são: alienação, irresponsabilidade, desmotivação e desinteresse.

A vinculação da juventude com drogas e violência ganha corpo, reforçando a representação negativa sobre as juventudes, como mostram os depoimentos a seguir:

Acho que os jovens estão muito violentos (...) passa num lugar, procura briga com os outros, vai numa festa, quer brigar. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Um menino de 16 anos fumando maconha, roubando celular, porque não tem condições de ter um. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Em pesquisas com os jovens as visões negativas se expressam. No entanto, eles demonstram esperança no futuro e saídas concretas para suas vidas. As entrevistas com alguns oficinairos mostram que os jovens são vistos como: (...) *maus elementos, mal-educados; acatam um lado mau com velocidade. Mais de 20% quer ir pelo caminho errado.* A rebeldia tão característica dessa faixa etária é tida como negativa: *Os jovens de hoje não querem saber nada. Eu tenho visto uma rebeldia muito grande... não querem nada (...).*

Na opinião de alguns diretores entrevistados *a descrença, a falta de projetos, a chamada “deseestrutura familiar”, a falta de limites* são fatores que levam a juventude a: *não ter perspectiva de futuro e valores.*

É interessante perceber que os jovens entrevistados fazem uma nítida separação entre o eu e o nós, se colocando fora das críticas que fazem aos jovens em geral. Assim, o *não querer saber de nada, viver só de embalo e curtidão, fazer coisas que não devem, vandalismo* são expressões constantes nos discursos sobre o outro. Mas ao se perguntar aos próprios jovens quais as qualidades mais presentes entre eles, respeito (36%), competitividade (25,9%), solidariedade (25,4%), espírito de luta (25,3%) e disposição para o trabalho (24,4%) são os que mais aparecem.

TABELA I – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das qualidades mais presentes entre os jovens – 2002

Qualidades mais presentes entre os jovens	Freqüência	Percentual
Respeito	990	36,0
Competitividade	712	25,9
Solidariedade	697	25,4
Espírito de luta	696	25,3
Disposição para o trabalho	670	24,4
Disciplina	635	23,1
Responsabilidade	635	23,1
Justiça	586	21,3
Tolerância	288	10,5
Religiosidade	283	10,3
Consciência política	177	6,4
Nenhuma delas	176	6,4

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi solicitado aos beneficiários: *Das qualidades abaixo, marque as três mais presentes entre os jovens:*

Essas visões e percepções contraditórias em relação ao jovem expressam, mais uma vez, a necessidade de espaços disponíveis para acolhê-los, e atenção às suas diferenças, potencialidades e distintos interesses. Em algumas escolas, percebeu-se a existência de focos de discriminação em relação a grupos de grafiteiros e *rappers*, entre outros. No entanto, a partir do contato com esses jovens – proporcionado pelo compartilhamento das responsabilidades com a equipe executora –, a imagem de *bagunceiros e marginais* vem-se transformando, como pode ser percebido no depoimento de um supervisor: *Eu tinha até um pouco de medo deles, tudo ilusão. Eles são iguais a todos os outros, iguais aos meus filhos.*

Pode-se dizer que partilhar experiências atribuídas aos jovens, conforme propõe o Programa Abrindo Espaços, tem-se mostrado um fato bastante positivo e ao assumirem responsabilidades, ao serem ouvidos, os jovens dão vazão à necessidade de serem vistos. Assim, cria-se um contraponto à *invisibilidade social e cultural* a que eles estão submetidos, que tem impedido que a escola incorpore suas múltiplas potencialidades (Novaes, Porto e Henriques, 2002).

As escolas tornam-se mais vivas, alegres e sintonizadas com as demandas dos jovens – alunos e comunidades – ao disponibilizarem dependências e espaços onde se configura uma sociabilidade afirmativa, por meio dos jogos, práticas esportivas e espetáculos em que jovens participam como atores, espectadores e em outras atividades que estimulam criatividade e interação.

Tal dinâmica altera a percepção que se tem da escola, o relacionamento entre os atores sociais que nela convivem, bem como seu lugar e sua função na comunidade. As estratégias adotadas no Programa e seus efeitos mostram-se particularmente relevantes, devido às condições de vida das juventudes, marcadas, muitas vezes pela exclusão social e pela discriminação racial.

O trabalho destaca a potencialidade do conceito de exclusão social, pois se interessa em perceber os parâmetros expressos pelos grupos pesquisados e a forma como vivenciam essas exclusões. Em tais parâmetros, encontram-se as representações de quais expectativas de futuro estão destinadas aos diferentes grupos sociais, revelando-se, então, como operam e se reproduzem as desigualdades existentes.

O conceito de exclusão social refere-se a um processo que se realiza por múltiplos caminhos, constituindo, no campo do simbólico, um imaginário de percepções e representações excludentes, no qual nega-se o acesso aos direitos de cidadania a todos os indivíduos.

Na construção do conceito de exclusão social que se vem apresentando em trabalhos recentes, promovidos pela UNESCO, entende-se essa exclusão social como “a falta ou a insuficiência da incorporação de parte da população à comunidade política e social, de tal maneira que lhe nega, formal ou informalmente, os direitos de cidadania, como a igualdade perante a lei e as instituições públicas, e o seu acesso às oportunidades sociais, quais sejam, de estudo, de profissionalização, de trabalho, de cultura, de lazer, e de expressão social, entre outros bens e serviços do acervo de uma civilização” (Abramovay *et al.*, 1999: 18).

A exclusão social é entendida como mais que desigualdade econômica. Entretanto, admite-se que este seja um dos principais pilares de sustentação desse fenômeno, envolvendo aspectos culturais e institucionais, de tal forma que numerosas parcelas da sociedade percebem-se excluídas do contrato social, privadas do exercício da cidadania, desassistidas pelas instituições públicas e desamparadas pelo Estado.

Especialmente no Brasil de hoje – um dos países com maior desigualdade socioeconômica no mundo –, a exclusão social se superpõe a uma clivagem básica entre ricos e pobres.

Essa dicotomia estabelece padrões diferenciados para esses grupos, os quais constroem imagens estereotipadas uns dos outros, aumentando a rejeição entre si, já que procuram se defender da ameaça do outro, do diferente.

Por conter elementos culturais, a exclusão social também se refere à discriminação e à estigmatização, tornando necessário pensá-la à luz da diversidade e com a finalidade de contribuir para a construção de uma cultura de paz. Faz sentido, portanto, lidar com discriminações, intolerâncias e exclusões no plano de uma rede conceitual cujos construtos se reforçam mutuamente.

O racismo é também uma forma de exclusão social, imbuído no sistema educacional e na sociedade brasileira, aparecendo algumas vezes de forma manifesta e outras subliminarmente por meio de “brincadeiras e piadas”. É comum na literatura brasileira sobre racismo fazer-se menção à sua banalização, por um certo “racismo cordial”, em que se disfarça posturas racistas na pseudo-afabilidade, mesclando-se referências preconceituosas com um tratamento dito afetivo¹.

Um dado importante para compreender a situação e as condições de vida da juventude na atualidade é fruto do cruzamento entre trabalho, escolaridade e identidade racial. Henriques (2002a) e Silva JR (2002) vêm alertando para a associação da redução das oportunidades de trabalho com as possibilidades de educação para jovens negros – o que configuraria um aumento da proporção de excluídos negros. Como exemplo, podemos citar dados recentes que demonstram que enquanto a escolaridade média de um jovem negro com 25 anos gira em torno de 6,1 anos, um jovem branco da mesma idade tem cerca de 8,4 anos de estudo:

¹ Ver entre outros autores sobre “racismo cordial” Guimarães e Huntley, 2000; Guimarães, 1999; Hasenbalg, 1992; e Moura, 1988.

A intensidade dessa discriminação racial, expressa em termos de escolaridade formal dos jovens adultos brasileiros, é extremamente alta, sobretudo se lembrarmos que se trata de 2,3 anos de diferença em uma sociedade cuja escolaridade média dos adultos é em torno de 6 anos (Henriques, 2002: 18).

Segundo a “Síntese de Indicadores Sociais 2002”, divulgada pelo IBGE, as desigualdades entre negros e brancos são mais gritantes na região metropolitana de Salvador, onde o rendimento médio mensal dos brancos na grande Salvador é o segundo maior do Brasil: R\$ 1.233. Negros e “pardos” ganham apenas 34% deste valor: R\$ 421.

Na Bahia, os jovens confirmam os dados acima citados e denunciam como falsa a idéia da democracia racial – o que pode ser um subsídio que ajuda a desfazer estereótipos e auxiliar na implementação de ações e políticas que ampliem a equidade e as oportunidades sociais.

Durante as entrevistas observou-se que a experiência da discriminação é uma forte marca na vida desses jovens. Nesse sentido, a auto-identificação da grande maioria dos jovens beneficiários (ver tabela 27 no cap. 1), como *negros* (46,6%) ou *mestiços* (32,2%), demonstra, em muitos casos, uma posição frente ao preconceito, o que não os torna menos vulneráveis a atitudes racistas, na medida em que o sentimento de não respeito pela cor vem acompanhado de uma forte sensação de impotência, de exclusão e de falta de pertencimento a uma sociedade que exclui. Segundo Abramovay e Castro:

A crescente socialização de um ethos contrário à discriminação racial e campanhas em particular de entidades do Movimento Negro, pela elevação da auto-estima da população negra, que se materializou, no censo 2000 pela consigna ‘não deixe passar em branco a sua cor’ para que a população negra se registrasse como tal (Abramovay e Castro, 2003: 65).

É importante não perder de vista que a segregação social e espacial é um fenômeno que não é característico somente de Salvador, senão das grandes cidades brasileiras. No entanto, é mais acentuada nessa capital, onde as regras que regem a organização dos espaços se resumem essencialmente a modelos de diferenciações e de separações sociais.

As desigualdades sociais por conta de etnicidade/raça se confundem, se reforçam e se expressam também por outras desigualdades/exclusões. Assim, há bairros em que predominam os ricos ou classe média, com uma composição sociorracial demarcada, isto é, bairros de brancos, enquanto nos bairros de pobres concentram-se os negros. Os depoimentos reforçam que existe a marca dos bairros, dos prédios, dos espaços onde que “se pode ou não freqüentar” e ilustram diferentes formas de distâncias espaciais de classe e de raça:

Aqui, em Salvador, é assim: brancos em condomínios bonitos na orla, como esses aqui embaixo na Pituba, e atrás desses prédios, logo atrás, um mar de gente pobre e negra. É essa a realidade que o hip-hop babiano quer mostrar, a imensa discriminação que a população negra sofre em Salvador. O único lugar que o negro circula sem problema é no Pelourinho. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Se eu passar por um prédio no Itaigara, e tiver alguém saindo, o porteiro corre pra fechar o portão, a gente não tem liberdade de andar. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Os jovens apontam a existência de uma hostilidade racial que, combinada com a questão do espaço, cria um sentimento de “apartheid social” em que: (...) *se a gente sabe que pode passar na rua, a gente evita ficar no meio deles, fica na nossa área mesmo.*

Aponta-se para uma tendência ao isolamento dos jovens em seus próprios bairros para não experimentarem o desconforto do racismo. Assim, é construído um forte sentimento de proteção nos seus locais de moradia, na medida em que são *todos pobres* e, portanto, não há diferença e não pode haver discriminação: *Porque, na comunidade, somos todos pobres, onde nós moramos somos todos pobres. Eu sou negro, ele é branco, moramos no mesmo bairro, ele não vai falar de mim. Mas se eu saio daqui e vou para um bairro classe alta da cidade, eu sou discriminado.*

O depoimento abaixo mostra como a praia – que é uma opção de lazer em Salvador – passa a ser também um espaço não-democrático, marcado por discriminações.

QUADRO I – Negro aqui é bandido

Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA

Aqui negro é bandido, como no Rio de Janeiro ou até mais. Quando a gente chega na praia, ali na Pituba, todo mundo levanta e vai embora, parece que a gente é bicho, pior até... Eu tenho muita vontade de chorar quando acontece isso. Agora eu vou na praia lá embaixo, em Itapoã, mesmo morando aqui, atrás da Pituba.

Essas diferenças são vivenciadas também na relação com as autoridades e, especificamente, com a polícia, que:

Quando você é de cor, o policial fica olhando a gente, já passa rádio.
(Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, Bahia)

Se tivermos andando nós dois e ela [a pesquisadora], numa classe alta e a polícia vier..., se alguém assaltou, eles vão para nós dois que somos negros. Se a gente disser que não roubou, eles vão dar um jeito de fazer a gente confessar que roubou. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Existe um sentimento por parte dos vários entrevistados de que ser negro é uma forma de ser excluído da sociedade, seja por meio da cor ou da maneira de vestir: *Só porque é negro e usa boné, é vagabundo*. Ser negro significa também que o outro, o branco, desconfia e se afasta com temor: *Como a gente é escurinho, nego, e sabendo que mora por aqui e não tem condições, aí se afasta logo “vamos embora”*. *Pensa que a gente vai roubar*.

Outra forma de exclusão e não-democracia é a falta de acesso aos bens culturais disponíveis na nossa sociedade. O lazer é considerado um meio para reforçar as construções sociais de solidariedade, cooperação, amizade entre os diferentes grupos.

Embora Salvador seja considerada, pelos beneficiários do Programa, uma cidade *com muita coisa para fazer*, o acesso, no entanto, é restrito pelas próprias condições econômicas dos jovens: *Não tem dinheiro, não tem transporte*, o que deixa os jovens sem opção de lazer.

O espaço do Programa é reconhecido como uma instância pública de caráter único, em que as oportunidades são democratizadas:

(...) Como lá na minha rua não tem lazer o que eu faço? Venho tomar curso no Abrindo Espaço. Eu venho aqui e me divirto à beça (...) tomando todas as aulas que queria ter. Eu não vou pagar, venho para cá, que é de graça, e acabo me divertindo e aprendendo outras coisas mais. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

O Programa Abrindo Espaços, como ação de intervenção social que causa impacto nessa realidade, tem como meta principal a construção de uma Cultura de Paz que contribua, de forma estratégica, para a elaboração de políticas públicas para a juventude da Bahia.

I. METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PROGRAMA ABRINDO ESPAÇOS

1.1 METODOLOGIA DA AVALIAÇÃO

A avaliação de programas proporciona o conhecimento e o registro de experiências. A presente avaliação tem como objetivo pesquisar o impacto do Programa Abrindo Espaços – PAE – sobre os jovens nas escolas e nas comunidades. Para a UNESCO, assim como para a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, a avaliação é o olhar exterior que tem o papel de orientar a reestruturação do Programa, por meio de um processo contínuo que identifica problemas de concepção e execução, possibilitando a retroalimentação, alterações de pontos críticos, o desenvolvimento de potencialidades e a verificação da consecução dos objetivos propostos.

Considerando a amplitude da ação, o desenho ousado de sua estrutura, o investimento financeiro e a mobilização necessária da Secretaria de Estado de Educação da Bahia, torna-se fundamental avaliar esse Programa, a fim de que se analisem os impactos e processos, sua efetividade e eficácia.

O estudo aqui realizado busca levantar um conjunto de reflexões sobre o Programa Abrindo Espaços, tendo como principal objetivo examinar os impactos que tal ação propiciou no conjunto de escolas participantes dessa experiência. Para tanto, opta-se por apresentar resultados capazes de subsidiar sua continuidade, sustentabilidade e aprimoramento, a partir de interpretações formuladas pelos diferentes atores que o constroem na prática.

É importante ressaltar que, nesse processo, pretende-se apreender generalizações sobre o funcionamento do Programa nas escolas, considerando as especificidades, as histórias e os modos de ser e de gerir a ação em nível local. O desafio foi buscar o que existe de universal e particular na ampla gama de práticas que são redesenhadas cotidianamente.

A avaliação se estruturou em duas etapas complementares e simultâneas: um estudo quantitativo e um estudo qualitativo. Essas duas estratégias de pesquisa, em conjunto, abordaram vários processos: o perfil dos atores envolvidos, o impacto do programa nas escolas e nas comunidades, seu funcionamento, o papel das oficinas como essência da ação nos finais de semana e as percepções dos jovens sobre o Abrindo Espaços – PAE.

Essa abordagem ampla possibilitou uma investigação de diversas situações e de depoimentos sobre as relações sociais entre parceiros do PAE, comunidade escolar e comunidade local, detectando problemas enfrentados pelos jovens e pelas escolas, fornecendo elementos capazes de traçar um panorama do desenvolvimento do Programa, das idéias e das posições assumidas pelos envolvidos.

1.1.1 O Estudo Quantitativo

O estudo quantitativo, do tipo *survey*, abrangeu o censo das 58 escolas integrantes do PAE nas categorias de escola-pólo, ou seja, onde o Programa funciona aos sábados e domingos, e de escolas-padrão, cujo funcionamento se concentra aos sábados.

Foram utilizados quatro tipos de questionários auto-aplicáveis², específicos para os atores sociais, são eles:

² Os questionários auto-aplicáveis são instrumento de coleta de dados respondidos individualmente pelos próprios sujeitos da avaliação.

Diretores das escolas, Oficineiros, Equipe Executora e Beneficiários/Participantes. Os questionários constituem-se de questões fechadas, que possibilitam a quantificação de um vasto número de informações.

Tais instrumentos contemplaram temas como:

- características socioculturais dos atores;
- características do Programa Abrindo Espaços;
- percepção dos atores sobre o Programa Abrindo Espaços;
- desenvolvimento do Programa Abrindo Espaços.

O universo observado, à época do delineamento amostral, era de 34.679 participantes das oficinas, 541 oficinairos, 58 diretores de escola e 226 membros de equipes executoras.

Em virtude do pequeno número de elementos nas populações de diretores e equipes executoras, procedeu-se a um censo para os dois tipos de atores. Para o caso dos beneficiários e oficinairos, optou-se pela realização de uma amostragem probabilística³.

É importante destacar que os beneficiários foram adolescentes e jovens na faixa etária de 11 a 25 anos, que constituem público-alvo do Programa.

Para essa etapa, contou-se com o apoio de um grupo de 20 estagiários, recrutados entre universitários da Universidade Federal da Bahia – UFBA e da Universidade de Salvador – UNIFACS e supervisionados por uma equipe

³ A vantagem de se analisar apenas uma amostra do universo engloba a redução de recursos financeiros e de pessoal, além de possibilitar a coleta e depuração dos dados com maior rapidez, garantindo, também, a possibilidade de realização de inferências para toda a população.

de três consultores. Os estagiários⁴ também fizeram uma observação local direta em todas as escolas que visitaram, e registraram os dados e informações em um roteiro de observação local. Trata-se de um relatório estruturado em questões abertas e fechadas que descreve a realidade da escola e a vivência diária do estagiário em campo. Constava, basicamente, de informações do entorno e da comunidade da escola, instalações e equipamentos e do funcionamento das oficinas. Cabe destacar que o roteiro de observação teve suas questões fechadas quantificadas e as abertas trabalhadas na análise qualitativa do Programa.

As escolas que formaram o universo da avaliação são as seguintes:

QUADRO 2 – Escolas que participaram da avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia – 2002

1. Centro Educacional Luiz Pinto de Carvalho
2. Colégio Estadual Alberto Valença
3. Colégio Estadual Álvaro Augusto da Silva
4. Colégio Estadual Carlos Correia de Menezes Sant'Anna (Carlos Sant'Anna I)
5. Colégio Estadual Carlos Correia de Menezes Sant'Anna (Carlos Sant'Anna II)

⁴ A preparação do grupo de estagiários ocorreu por capacitação específica, quando foram apresentados a filosofia, os objetivos, a estrutura e o funcionamento do PAE; e pelo compromisso ético dos pesquisadores que trabalham para a UNESCO, considerando a complexidade e a delicadeza das questões abordadas. Foram igualmente explicitados os procedimentos metodológicos, etapas, instrumentos de investigação da pesquisa na fase de campo e responsabilidades. Antes da ida ao campo, os estagiários realizaram um treinamento testando instrumentos e formas de abordagem nas escolas, como também um reforço dessa capacitação, relembando procedimentos, compromissos e orientações sobre o funcionamento, a supervisão e o apoio ao trabalho de campo.

QUADRO 2 – (continuação)

6. Colégio Estadual Dalva Mattos
7. Colégio Estadual David Mendes Pereira
8. Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis
9. Colégio Estadual Duque de Caxias
10. Colégio Estadual Landulfo Alves
11. Colégio Estadual Luiz Viana
12. Colégio Estadual Presidente Costa e Silva
13. Colégio Estadual Profª. Maria Odette Pithon Raynal
14. Colégio Estadual Raymundo Mata
15. Colégio Estadual Yêda Barradas Carneiro
16. Colégio Polivalente San Diego
17. Escola Almirante Ernesto de Mourão Sá
18. Escola Cupertino de Lacerda
19. Escola de 1º Grau Nossa Senhora de Fátima
20. Escola de 1º Grau Padre José Vasconcelos
21. Escola de 1º Grau Prof. Elisabeth Chaves Veloso
22. Escola de 1º Grau Prof. Roberto Santos
23. Escola de 1º Grau Renan Baleeiro
24. Escola de 1º Grau Sara Violeta de Melo Kertesz
25. Escola Democrática Estadual de 1º Grau Zumbi dos Palmares
26. Escola Democrática Estadual Prof. Bolívar Santana
27. Escola Dom Avelar Brandão Vilela
28. Escola Estadual Alberto Santos Dumont
29. Escola Estadual Almirante Barroso
30. Escola Estadual Alto de Coutos
31. Escola Estadual Anfrísia Santiago

QUADRO 2 – (continuação)

32. Escola Estadual Aristides de Souza Oliveira
33. Escola Estadual Aplicação Anísio Teixeira
34. Escola Estadual Dantas Júnior
35. Escola Estadual Carlos Barros
36. Escola Estadual de 1º Grau Ana Bernardes
37. Escola Estadual de 1º Grau Dep. Gersino Coelho
38. Escola Estadual de 1º Grau Dep. Naomar Alcântara
39. Escola Estadual de 1º Grau Vitor Civita
40. Escola Estadual Elysis Atháide
41. Escola Estadual Iacy Vaz Fagundes
42. Escola Estadual João XXIII
43. Escola Estadual Kleber Pacheco
44. Escola Estadual Machado de Assis
45. Escola Estadual Márcia Méccia
46. Escola Estadual Prof. Afonso Temporal
47. Escola Estadual Prof. Carlos Alberto Cerqueira
48. Escola Estadual Prof. Maria Anita
49. Escola Estadual Profª. Mariinha Tavares
50. Escola Henriqueta Martins Catharino
51. Escola Maria Amélia Santos
52. Escola Municipal Antônio Carvalho Guedes
53. Escola Municipal Barbosa Romeo
54. Escola Municipal de Periperi
55. Escola Ocridalina Madureira
56. Escola Técnica Estadual Luiz Navarro de Brito
57. Escola Técnica Estadual Newton Sucupira
58. Ginásio Ministro Pires e Albuquerque(GEMPA)

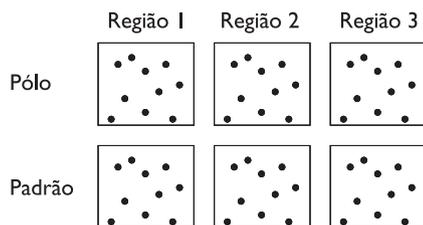
Fonte: UNESCO, Avaliação Abrindo Espaços, 2002.

1.1.1.1 Metodologia Amostral

As escolas foram segmentadas de acordo com o seu tipo (pólo ou padrão) e a sua região geográfica (1, 2 e 3). Uma amostra de cada segmento da população foi selecionada, obtendo-se assim seis segmentos que foram submetidos à amostragem. Cada uma dessas seis amostras foi alocada proporcionalmente ao seu respectivo número de elementos.

FIGURA I – Segmentação da População

□ = Instituição de Ensino



A partir dessa segmentação, foi possível obter estimativas precisas para cada um dos segmentos de interesse, isto é, região geográfica e tipo de instituição, como também verificar a situação do Programa de uma forma global.

TAMANHO DA AMOSTRA

O cálculo da amostra considera o estudo da variabilidade entre os elementos do universo, visto que, quanto maior a variabilidade presente nestes elementos maior será o tamanho da amostra a ser pesquisada. Decidiu-se adotar a variabilidade máxima entre os elementos, obtendo-se um valor conservativo para o tamanho da amostra em cada segmento.

Os dados utilizados para calcular o tamanho da amostra têm como referência temporal o mês de agosto, perfazendo

um contingente de 34.679 participantes e 548 oficinas distribuídos nas 58 escolas.

O total da amostra dos participantes nos seis segmentos foi de 2.873 unidades amostrais, sendo o erro máximo admitido de 4%, em um nível de confiança de 95%. Para a amostra de oficinas obteve-se um quantitativo de 363 unidades amostrais com um erro máximo de 5% e 95% de confiança. Os tamanhos de amostra de cada segmento foram determinados segundo a fórmula a seguir:

$$n = \frac{\frac{N}{4}}{(N-1) \times D + \frac{1}{4}} ; D = \frac{B^2}{Z_a^2} ,$$

sendo “n” o tamanho da amostra, “N” o tamanho da população, “B” o erro máximo e “Z_a” o grau de confiança (Bolfarine e Bussab, 2001).

A tabela a seguir disponibiliza a distribuição do número de participantes no universo e na amostra, de acordo com a região geográfica e o tipo de instituição.

TABELA 2 – Número de participantes e oficinas, no universo e na amostra, segundo a região geográfica e tipo de instituição - 2002

Região Geográfica	Tipo de Instituição	Participantes		Oficinas	
		Universo	Amostra	Universo	Amostra
1	Pólo	7.309	512	123	79
	Padrão	5.275	486	93	50
2	Pólo	6.250	500	75	65
	Padrão	6.822	507	87	62
3	Pólo	7.234	511	130	78
	Padrão	1.789	358	33	29
Total	-	34.679	2.873	541	363

Fonte: Coordenação do Programa Abrindo Espaços, 2002

DESEMPENHO DA AMOSTRA

Após a consolidação dos dados foi possível verificar o desempenho da amostra, isto é, contabilizar as possíveis perdas e relatar os motivos da não-realização de coleta.

Um dos motivos que inviabilizou a aplicação de todos os questionários estabelecidos na amostra foi o fato de o período de coleta dos dados ter coincidido com a época das eleições presidenciais e feriados. Observou-se, também, a redução do número de oficinas oferecidas em uma escola que estava em reforma, o que acarretou a diminuição do número de beneficiários. Houve, ainda, casos de recusa do preenchimento do questionário.

Apesar dessas ocorrências, os resultados obtidos evidenciam um bom desempenho na coleta de dados da pesquisa, visto que os percentuais de resposta foram superiores a 90% em todos os segmentos da população. Estes resultados atestam a validade da amostra, sendo possível realizar inferências para toda a população em estudo.

Como dito anteriormente, os levantamentos direcionados aos diretores das escolas e membros da equipe executora constituíram-se em censos, com um total de 58 diretores e 226 membros da equipe executora.

Para a análise dos dados foram consideradas apenas as respostas válidas obtidas por meio dos questionários, o que não causa viés às inferências realizadas no texto por ser ínfimo o número de não-respostas apresentadas na base de dados.

1.1.2 O Estudo Qualitativo

O estudo qualitativo aconteceu simultaneamente ao quantitativo e consistiu-se na realização de grupos focais e entrevistas individuais com os diversos atores envolvidos com o Programa.

As entrevistas seguiram um roteiro predefinido de questões que versaram, primeiramente, sobre a identidade

dos informantes, formação, relação com a escola e o Programa. A partir daí, foram colhidas informações sobre o Abrindo Espaços, as oficinas, parcerias e relações com a Secretaria de Educação, UNESCO e a comunidade. O último bloco de questões consistiu-se de depoimentos sobre a juventude, problemas enfrentados pelos jovens, a violência e o trabalho voluntário.

Foram entrevistados diretores, supervisores, coordenadores, jovens colaboradores, oficineiros, professores não-participantes do Programa (um por escola), além de terem sido feitos grupos focais com jovens beneficiários (um por escola)⁵, o que corresponde a um total de 60 horas de gravação em fitas.

QUADRO 3 – Entrevistas e grupos focais segundo participantes do Programa – 2002

Instrumentos Qualitativos	
Entrevistas	Quantidade
Diretores	9
Supervisores	9
Coordenadores	9
Jovens colaboradores	18
Oficineiros	32
Professores não-participantes do programa	9
Grupos Focais	Quantidade
Grupos focais com jovens beneficiários	9

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

⁵ O grupo focal foi realizado com jovens de ambos os sexos, escolhidos aleatoriamente entre os jovens beneficiários que estavam no Programa no dia da entrevista e na faixa etária da pesquisa. Os grupos deveriam ter entre 8 e 10 jovens.

Cabe ressaltar que o grupo focal é uma técnica de entrevista na qual os membros do grupo narram e discutem visões e valores sobre eles próprios e o mundo que os rodeia. Tal técnica tem-se revelado um dos principais instrumentos de indagações rápidas (*Rapid Assessment*), desenvolvida para obter uma informação ágil, pouco onerosa, em profundidade e com volume significativo de informação qualitativa fornecida pelos membros de um grupo específico (Abramovay e Rua, 2002).

1.2 ORIGENS DO PROGRAMA

No ano de 2000, no ensejo da celebração do Ano Internacional da Cultura de Paz, a UNESCO/Brasil lançou o programa “Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz”. Este Programa se insere no marco mais amplo de atuação da UNESCO, o qual se volta para o fomento de uma cultura de paz, da educação para todos e ao longo da vida, da erradicação e do combate à pobreza e a construção de uma nova escola para o século XXI, em que ela se torna escola-função e não escola-endereço.

A estratégia do Programa, tal como advoga a UNESCO, consiste na abertura das escolas nos finais de semana e na disponibilização de espaços alternativos que possam atrair os jovens, colaborando para a construção da cidadania, por meio de atividades culturais e esportivas, bem como ampliar a voz e dar visibilidade às diversas manifestações juvenis.

O Programa está em andamento nos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, ampliando assim a dimensão social e pública de todas as organizações e entidades existentes na sociedade, e deve influenciar a criação de políticas públicas voltadas para a juventude. No momento, o Abrindo Espaços

está sendo implantado também em São Paulo e no Rio Grande do Sul, em parceria com os governos estaduais e municipais.

O Abrindo Espaços pretende ainda estimular a discussão sobre a nova estratégia para a implementação de políticas públicas, em que haja espaço para a plena participação dos jovens. Desse modo, além de integrar jovens e comunidades, a oferta de atividades esportivas, artísticas e culturais nos finais de semana ajuda na socialização e contribui para a estimular o sentimento de cidadania.

O PAE é parte de uma série de iniciativas adotadas para o desenvolvimento de uma Cultura de Paz e consolidação de valores democráticos, a fim de combater as desigualdades, os elevados índices de violência e a persistência de diferentes formas de discriminação (Noletto, 2001). É uma iniciativa que ressalta a importância da educação, valendo-se, principalmente, do aporte conceitual produzido por Delors e Morin. Para Delors (1998), a educação deve ser organizada com base em quatro pilares: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*. Morin (2000), por sua vez, defende, com vistas ao milênio recém-iniciado, a construção de uma educação fundamentada em “sete saberes”: *as cegueiras do conhecimento (o erro e a ilusão), os princípios do conhecimento pertinente, a condição humana, a identidade terrena, o enfrentamento das incertezas, a compreensão e a ética do gênero humano*.

O Programa Abrindo Espaços também surge como uma intervenção mediadora, resultado de uma série de pesquisas desenvolvidas pela UNESCO⁶ sobre problemas

⁶ Um razoável investimento em estudos sobre juventude - por metodologia quantitativa e qualitativa, ou seja, análise em profundidade em diferentes áreas do Brasil - promovido pela UNESCO, antecede esta pesquisa. Exemplos são Abramovay (coord.), 2001; Waiselfisz, 1998, 2000; Abramovay e Rua, 2002; Castro *et al.*, 2001; Abramovay *et al.*, 1999; e Minayo, 1999.

da sociedade contemporânea – como é o caso da violência dos jovens que são agentes e vítimas, a questão das drogas, da participação, entre outros. Tais pesquisas constataam, também, a ausência de equipamentos coletivos, culturais, esportivos e de lazer em comunidades em situação de vulnerabilidade social. Indicam ainda que existe, por parte dos jovens, uma reivindicação desses equipamentos e de espaços de sociabilidade onde possam dar vazão à sua criatividade.

A partir da situação encontrada e dos diagnósticos traçados nesses estudos, a UNESCO busca contribuir para a formulação de políticas públicas que se traduzam em espaços de reconhecimento e visibilidade para as várias juventudes.

Esse resultados serviram para a montagem do Programa Abrindo Espaços, utilizando as escolas nos finais de semana e disponibilizando seus equipamentos com atividades alternativas para atrair o jovem.

1.3 ANÁLISE DA ESTRATÉGIA DO PROGRAMA

O lazer desempenha um papel fundamental na construção das relações, dos valores e da identidade dos jovens. Paralelamente, o acesso aos bens culturais, à arte, cultura e educação funcionam como contraponto às situações de violência, viabilizando a construção de canais alternativos de expressão dos sentimentos de indignação e protesto, bem como de afirmação da identidade.

Nesse sentido, a estratégia do Programa além de agregar e maximizar recursos culturais – quer da sociedade, quer da comunidade –, atende à expressiva demanda dos jovens por linguagens de sua preferência, como a criação artístico-cultural própria. Assim, no cenário das atividades realizadas, encontram-se música e dança (rap e *hip-hop* por exemplo), a

criação dramática, o teatro, as oficinas literárias, os jogos e as atividades esportivas (capoeira, karatê, futebol), experimentando regras que estimulem a cooperação e o trabalho em equipe.

Pretende-se despertar, nos diversos atores sociais que vivenciam o espaço escolar, a importância de repensar as juventudes, os encontros/desencontros existentes e todas as vivências que a escola pode promover e potencializar. Procura-se, ainda, provocar a reflexão sobre causas e conseqüências de situações de violências, de exclusão social e sobre como pequenas e grandes mudanças de comportamento e de atitude podem gerar novas formas de relação no plano pessoal, social e político.

1.4 CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ EM DETRIMENTO DA VIOLÊNCIA

Com base nessas referências e em sintonia com a desafiadora realidade a que estão expostas as diversas juventudes de nosso país, a UNESCO vem investido no caminho possível para a construção de uma Cultura de Paz, no desenvolvimento de Programas prioritariamente voltados às juventudes, viabilizados por meio do fomento e apoio a ações propositivas nas áreas da educação, cultura, esporte e lazer, de forma a contribuir para o fortalecimento da cidadania, da participação e da valorização das diferentes expressões juvenis.

Uma das principais preocupações é a construção de espaços alternativos de educação, cultura, esporte e lazer para jovens, isto é, a importância do investimento na formação de um capital cultural (Bourdieu, 1983), conquistando os jovens para que se organizem em função de suas habilidades e talentos, reduzindo as taxas de violência registradas durante

os finais de semana, as quais, vale salientar, são 57% mais elevadas do que as indicadas durante os dias úteis. Conforme apontado no *Mapa da Violência II: os jovens do Brasil* (Waiselfisz, 2000), há um desmesurado aumento das taxas de homicídios de jovens aos sábados e domingos.

No que se refere às situações de violência, um dado alarmante é o da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, que aponta um crescimento de 74,8% das ocorrências policiais entre 1999 e 2000. Destaca-se, ainda, que, entre 1996 e 1999, foram registrados 4.215 homicídios. Em 41,8% deles, as vítimas se encontravam na faixa etária de 15 a 24 anos. No ano de 2000, dos 666 homicídios ocorridos em Salvador, 276 eram de jovens entre 15 e 24 anos de idade, o que corresponde a 41,44% dos homicídios registrados (Caldas e Spínola, 2002).

Na pesquisa *Violências nas Escolas*, Abramovay e Rua demonstram, por meio de amplo levantamento, que 55% dos jovens alunos de 14 capitais brasileiras indicam ser muito fácil obter armas de fogo na escola ou perto dela, alertando, ainda, que 67% dos jovens informaram que são utilizadas armas de fogo em ocorrências violentas nas escolas. Ainda segundo o mesmo estudo, 48% da equipe técnico-pedagógica das escolas de Salvador indicaram as dependências da escola como o local onde mais ocorrem violências (Abramovay e Rua, 2002).

1.5 A ESTRATÉGIA DO PROGRAMA

A implementação do Abrindo Espaços, cuja estratégia engloba diferentes práticas, ocorre por meio de parcerias entre a UNESCO e governos estaduais e/ou municipais, visando à sua organização, execução e sustentabilidade. Deve-se destacar, entretanto, que o Programa assume diferentes

desenhos e características, considerando as diversas realidades que compõem os espaços sociais. Assim, em cada estado, município, região, bairro e escola, ele ganha um novo arranjo, uma nova forma de agir a favor da construção de um diálogo que contribua para a paz.

O que produz a unidade e a identidade do Programa é o fato de apostar nos jovens e no seu reconhecimento social, na participação dos diferentes atores, na negociação, no diálogo, na tolerância à diversidade, nas relações intergeracionais, na promoção de ambientes com significado e, fundamentalmente, no respeito à história e ao trabalho que cada escola e cada comunidade já vem desenvolvendo.

Assim, a UNESCO avalia, como fator fundamental para o sucesso do Abrindo Espaços, a construção coletiva das diversas ações, priorizando o levantamento do universo sociocultural e dos talentos existentes na escola e do seu entorno, a participação dos jovens, a consideração de suas demandas. O encontro das potencialidades juvenis com a escola, como se observa nas diversas manifestações do Abrindo Espaços, vem contribuindo decisivamente para a construção de novas práticas educativas gerando, tantos outros desafios.

2. O PERFIL DOS ATORES E O ENTORNO DA ESCOLA

2.1 PERFIL DOS ATORES

Os participantes do Abrindo Espaços são os principais atores de sua construção. Por isso, o perfil deles é de fundamental importância, considerando-se que essa é uma ação educativa ampla, que envolve diretores das escolas, componentes das equipes executoras locais, oficinheiros e jovens beneficiários. Cabe ressaltar ainda, que a análise está focada naqueles que desempenham funções específicas no PAE, ou seja, os que participam do seu dia-a-dia, e que foi desenvolvida principalmente a partir da análise dos questionários respondidos.

Ao mesmo tempo, é importante analisar a escola e o seu entorno, considerando os espaços como instâncias de cuidado e de não-exposição da juventude a situações de violência.

2.1.1 Diretores

A maior parte dos diretores se encontra na faixa etária de 41 a 50 anos (45,6%), sendo também expressivo o número daqueles que possuem de 51 a 60 anos (36,8%).

Corroborando o fato de que as mulheres ainda são o maior contingente de profissionais no campo do magistério, encontrou-se, nas escolas participantes, 87,9% de diretores do sexo feminino e 12,1% do sexo masculino.

A grande maioria dos diretores se auto-identifica como negra (33,3%) e mestiça (47,4%), o que pode ser reflexo do debate sobre a importância e a valorização da consciência negra no Estado da Bahia.

Quanto à religião, 68,5% dizem ser católicos, 16,7%, espíritas e 9,3%, evangélicos. Apenas um diretor se assumiu como seguidor de credos afro-brasileiros (Candomblé, Umbanda ou outros), e outro afirmou não ter religião. Chama a atenção o fato de que, na Bahia, a religiosidade afro-descendente tem uma marca bastante significativa, notadamente no que tange à população de origem africana, o que não se revela nas respostas conferidas aos questionários.

TABELA 3 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária, sexo, auto-identificação de raça e religião – 2002

Faixa etária	Frequência	Percentual
De 30 a 40 anos	8	14,0
De 41 a 50 anos	26	45,6
De 51 a 60 anos	21	36,8
Mais de 60 anos	2	3,5
Total	57	100,0
Sexo	Frequência	Percentual
Masculino	7	12,1
Feminino	51	87,9
Total	58	100,0
Raça	Frequência	Percentual
Asiática ou oriental	0	0,0
Branca	11	19,3
Mestiça	27	47,4
Negra	19	33,3
Não sabe	0	0,0
Total	57	100,0

TABELA 3 – (continuação)

Religião	Freqüência	Percentual
Católica	37	68,5
Espírita	9	16,7
Evangélica	5	9,3
Crenças Afro (Candomblé, Umbanda ou outra)	1	1,9
Outra	1	1,9
Nenhuma	1	1,9
Total	54	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos diretores: *Qual a sua idade? Qual o seu sexo? Qual a sua cor ou raça? Qual a sua religião?*

Um dado relevante se relaciona à origem dos diretores: 69% não residem na comunidade na qual está situada a escola. Entretanto, é expressivo o fato de que aproximadamente 1/3 deles declare morar na própria comunidade, o que, sem dúvida, pode gerar identidades bastante próximas com o público que vem freqüentando o Programa.

TABELA 4 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo origem comunitária – 2002

Mora na comunidade	Freqüência	Percentual
Sim	18	31,0
Não	40	69,0
Total	58	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos diretores: *Você mora nesta comunidade?*

Os diretores que aderiram ao Abrindo Espaços apresentam uma escolaridade qualificada. Deles, 86,2% têm o nível superior completo e 6,9% têm o superior incompleto.

TABELA 5 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo escolaridade – 2002

Escolaridade	Frequência	Percentual
Ensino Médio/Magistério	4	6,9
Superior incompleto	4	6,9
Superior completo	20	34,5
Pós-Graduação (especialização)	25	43,1
Pós-Graduação (mestrado incompleto)	3	5,2
Pós-Graduação (mestrado completo)	1	1,7
Pós-Graduação (doutorado incompleto)	1	1,7
Total	58	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi solicitado aos diretores: *Identifique sua formação profissional (marque o mais alto grau):*

Embora 70,2% desses profissionais apresentem mais de 20 anos de serviço na área educacional, a grande maioria (75,4%) declara ter menos de cinco anos na escola atual. Já quando perguntados sobre o tempo de serviço na função de direção, os dados mostram que 41,4% estão há menos de cinco anos no cargo, enquanto 43,1% têm entre 6 e 15 anos e 15,5% mais de 15 anos.

TABELA 6 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo tempo de serviço na área de Educação, na escola e na função de direção – 2002

Tempo de serviço na área de Educação	Frequência	Percentual
De 10 a 15 anos	12	21,1
De 16 a 20 anos	5	8,8
De 21 a 25 anos	14	24,6
De 26 a 30 anos	16	28,1
Mais de 30 anos	10	17,5
Total	57	100,0

TABELA 6 – (continuação)

Tempo de serviço na escola	Frequência	Percentual
Até 5 anos	43	75,4
Mais de 5 anos	14	24,6
Total	57	100,0
Tempo de serviço na função de direção	Frequência	Percentual
De I a 5 anos	24	41,4
De 6 a 10 anos	16	27,6
De 11 a 15 anos	9	15,5
Mais de 15 anos	9	15,5
Total	58	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos diretores: *Quanto tempo de serviço o senhor(a) tem na área de Educação?*, *Quanto tempo de serviço o senhor(a) tem nesta escola?* e *Quanto tempo de serviço o senhor(a) tem na função de direção?*

2.1.2 Equipe Executora

As equipes executoras são compostas por jovens e adultos que têm a função de estabelecer contatos com a comunidade em geral. As equipes são compostas por um ou dois (1 ou 2) supervisores, um (1) coordenador de atividades locais, dois (2) jovens colaboradores – alunos da escola ou jovens da comunidade –, uma ou duas (1 ou 2) pessoas de apoio a serviços gerais – funcionários da escola ou moradores da comunidade –, responsáveis pela merenda e pela faxina. A especificidade dessa equipe é fazer o Programa acontecer semanalmente, assumindo diversas responsabilidades: abrir a escola, manter sua estrutura física, equipamentos, mobilização, integrar os diferentes grupos e assegurar as condições de funcionamento das oficinas.

Responderam aos questionários destinados à equipe executora os supervisores, os coordenadores de atividades locais e os dois jovens colaboradores em cada escola.

Como pode-se observar na tabela a seguir, os jovens colaboradores representam 51,1% das equipes executoras,

enquanto os coordenadores escolares (diretores, adjuntos e, eventualmente, professores) correspondem a 22,9%, demonstrando que a metodologia do Programa, além de manter o jovem como o foco da ação, também incentiva a participação dele nas etapas de planejamento e organização das atividades.

TABELA 7 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo função exercida na equipe – 2002

Função na equipe executora	Frequência	Percentual
Jovem Colaborador	114	51,1
Supervisor	58	26,0
Coordenador da escola	51	22,9
Total	223	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Qual a sua função na equipe executora do PAE?*

Com relação à faixa etária da equipe executora, 42,2% de seus integrantes têm entre 11 e 22 anos – sendo que 22,9% têm entre 18 e 22 anos –, 20,6% têm mais de 28 a 40 anos e há uma significativa porcentagem de adultos com mais de 40 anos de idade (24,8%). Estes dados revelam que, apesar de ser um Programa para jovens, houve uma preocupação, por parte da direção escolar, em constituir uma equipe equilibrada no que tange à relação entre idade e funções.

TABELA 8 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária – 2002

Faixa Etária	Frequência	Percentual
De 11 a 17 anos	42	19,3
De 18 a 22 anos	50	22,9
De 23 a 27 anos	27	12,4
De 28 a 40 anos	45	20,6
41 anos ou mais	54	24,8
Total	218	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Qual a sua idade?*

Considerando, ainda, o perfil geral da equipe executora, assim como no caso dos diretores, predomina a participação de mulheres, com 56,4% dos participantes do sexo feminino, ante 43,6% do sexo masculino.

TABELA 9 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo sexo – 2002

Sexo	Frequência	Percentual
Masculino	98	43,6
Feminino	127	56,4
Total	225	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Qual o seu sexo?*

Um outro aspecto que merece atenção é a escolaridade da equipe executora. Observa-se que 30,8% têm o ensino médio completo e 24,1%, incompleto. Ainda, 12,5 % apontam ter o curso superior completo, podendo-se considerar que estes são os professores e supervisores que fazem parte da equipe.

TABELA 10 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo escolaridade – 2002

Escolaridade	Frequência	Percentual
Não sabe ler nem escrever	2	0,9
Ensino Fundamental incompleto	48	21,4
Ensino Fundamental completo	9	4,0
Ensino Médio incompleto	54	24,1
Ensino Médio completo	69	30,8
Superior incompleto	14	6,3
Superior completo	28	12,5
Total	224	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Qual a sua escolaridade?*

Sobre a identificação de cor/raça, foi solicitado a todos os respondentes que definissem sua cor. Percebe-se a predominância dos entrevistados que se identificaram como negros (44,8%) e mestiços (32,3%). Ressalta-se que tais dados corroboram os levantamentos do censo demográfico, que indicam, em Salvador, o predomínio de negros em detrimento de pessoas de outras raças, particularmente em escolas públicas.

TABELA II – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo auto-identificação de raça e religião – 2002

Raça	Freqüência	Percentual
Asiática ou oriental	1	0,4
Branca	39	17,5
Mestiça	72	32,3
Negra	100	44,8
Não sabe	11	4,9
Total	223	100,0
Religião	Freqüência	Percentual
Católica	121	53,8
Espírita	14	6,2
Evangélica	32	14,2
Crenças Afro (Candomblé, Umbanda ou outra)	11	4,9
Outra	8	3,6
Nenhuma	39	17,3
Total	225	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Qual a sua cor ou raça? Qual a sua religião?*

No aspecto da religiosidade observa-se que os integrantes das equipes executoras também seguem a tendência brasileira de se identificar com a religião católica (53,8%). Chama a atenção, entretanto, o número considerável de integrantes das equipes que afirmou não possuir religião

(17,3%), superior ao daqueles que se identificaram como seguidores das religiões pentecostais – contrariando uma tendência encontrada em outras pesquisas em que a religião evangélica aparece como a segunda mais assinalada (Abramovay e Castro, 2003). Destaca-se também que 4,9% se assumem como seguidores de credos afro-brasileiros.

Quanto à origem da equipe executora, constatou-se que 64,4% dos seus componentes (alunos, professores e outros funcionários) são integrantes das escolas em que o Programa é realizado, o que demonstra a importância desse tipo de ação para a escola, e que 35,6% foram selecionados como voluntários nas comunidades locais, sem uma vinculação formal com a escola.

TABELA 12 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo origem e indicação de que mora na comunidade – 2002

Origem	Freqüência	Percentual
Escola	141	64,4
Comunidade	78	35,6
Total	219	100,0
Mora na comunidade	Freqüência	Percentual
Sim	178	79,5
Não	46	20,5
Total	224	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Identifique sua origem e Você mora nesta comunidade?*

Constatando a importância conferida pelo Programa à integração entre escola e comunidade, verificamos que 79,5% dos integrantes das equipes executoras são moradores da própria comunidade em que se situa a escola, o que sugere a divulgação do PAE junto aos jovens e moradores locais.

Nos tópicos seguintes é delineado o perfil de cada tipo componente da equipe executora.

2.1.2.1 Jovens colaboradores

O Programa busca integrar os jovens em todas as etapas, do planejamento à execução. Assim sendo, dois jovens compõem a equipe executora, em cada escola, com a função de motivar os outros jovens da comunidade escolar e residentes. Na avaliação do perfil dos jovens colaboradores percebe-se uma concentração na faixa etária entre 11 e 22 anos, distribuída da seguinte forma:

TABELA 13 – Jovens colaboradores do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária – 2002

Faixa etária	Frequência	Percentual
De 11 a 17 anos	41	37,3
De 18 a 22 anos	40	36,4
De 23 a 27 anos	18	16,4
Mais de 27 anos	11	10,0
Total	110	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos jovens colaboradores: *Qual a sua idade?*

Quando relacionamos a faixa etária dos jovens colaboradores com a escolaridade, encontramos situações reveladoras. A primeira é a constatação da distorção idade-série. Como exemplo, 52,5% de jovens colaboradores entre 11 e 17 anos e 32,5% de jovens entre 18 e 22 possuem ensino fundamental incompleto e 40% de jovens entre 18 e 22 anos têm ensino médio incompleto. A segunda é o fato de três jovens colaboradores da comunidade responderem que têm ensino superior incompleto e um, o ensino superior completo. Por fim, um dado que deve ser considerado pelo Programa é o fato de dois dos colaboradores na faixa etária de 11 a 22 anos declararem não saber ler nem escrever, conforme pode ser observado na tabela a seguir:

TABELA 14 – Jovens colaboradores do Programa Abrindo Espaços, por faixa etária, segundo escolaridade (percentual e número absoluto) – 2002

Escolaridade	Faixa Etária				
	De 11 a 17 anos	De 18 a 22 anos	De 23 a 27 anos	Mais de 27 anos	Total
Não sabe ler nem escrever	2,5 (1)	2,5 (1)	0,0 (0)	0,0 (0)	1,9 (2)
Ensino Fundamental incompleto	52,5 (21)	32,5 (13)	16,7 (3)	30,0 (3)	37,0 (40)
Ensino Fundamental completo	12,5 (5)	5,0 (2)	0,0 (0)	10,0 (1)	7,4 (8)
Ensino Médio incompleto	27,5 (11)	40,0 (16)	22,2 (4)	30,0 (3)	31,5 (34)
Ensino Médio completo	0,0 (0)	20,0 (8)	55,6 (10)	20,0 (2)	18,5 (20)
Superior incompleto	0,0 (0)	5,0 (2)	5,6 (1)	0,0 (0)	2,8 (3)
Superior completo	0,0 (0)	0,0 (0)	0,0 (0)	10,0 (1)	0,9 (1)
Total	100,0 (40)	100,0 (40)	100,0 (18)	100,0 (10)	100,0 (108)

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Os coordenadores têm a função de identificar os jovens com talentos e habilidades em cada localidade para atuarem como oficinairos e multiplicadores dentro da escola, além de sensibilizar e mobilizar a comunidade para o envolvimento com o Programa.

A maior parte dos coordenadores é formada por adultos com mais de 28 anos. Mas vale destacar a participação de nove jovens no exercício dessa função.

Ao relacionarmos a faixa etária com a escolaridade dos coordenadores, podemos perceber que ainda existe certa distorção entre idade e formação. Afinal, se apenas um coordenador se encontra na faixa etária de 11 a 17 anos, seria desejável que os demais coordenadores já houvessem

concluído o primeiro e o segundo graus, o que não se verifica nas respostas conferidas aos questionários, em que 41,2% deles possuem apenas o ensino fundamental (completo ou incompleto) ou ensino médio incompleto.

TABELA 15 – Coordenadores do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária – 2002

Faixa Etária	Freqüência	Percentual
De 11 a 17 anos	1	2,0
De 18 a 22 anos	8	16,0
De 23 a 27 anos	5	10,0
De 28 a 40 anos	15	30,0
41 anos ou mais	21	42,0
Total	50	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos coordenadores: *Qual a sua idade?*

TABELA 16 – Coordenadores do Programa Abrindo Espaços segundo escolaridade – 2002

Escolaridade	Freqüência	Percentual
Não sabe ler nem escrever	0	0,0
Ensino Fundamental incompleto	4	7,8
Ensino Fundamental completo	1	2,0
Ensino Médio incompleto	16	31,4
Ensino Médio completo	24	47,1
Superior incompleto	2	3,9
Superior completo	4	7,8
Total	51	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Qual a sua escolaridade?*

Os resultados encontrados para coordenadores, no que se refere a sexo e auto-identificação de raça, seguem a mesma tendência apresentada pelos diretores. Há predominância de representantes do sexo feminino, equivalendo a 64,7% do total. Em relação à raça, a maioria dos coordenadores se identifica como negra (37,3%) e mestiça (43,1%), não havendo nenhum

representante da raça oriental e 2 coordenadores que afirmam não saber qual é a sua raça.

TABELA 17 – Coordenadores do Programa Abrindo Espaços segundo sexo e auto-identificação de raça – 2002

Sexo	Freqüência	Percentual
Masculino	18	35,3
Feminino	33	64,7
Total	51	100,0
Raça	Freqüência	Percentual
Asiática ou oriental	0	0,0
Branca	8	15,7
Mestiça	22	43,1
Negra	19	37,3
Não sabe	2	3,9
Total	51	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Qual o seu sexo? Qual a sua cor ou raça?*

A maior parte dos coordenadores (63,3%) é formada por membros da comunidade e não mantém vínculo administrativo com a escola. Isto coaduna com os interesses propostos pelo Programa, que procura promover a integração entre comunidade e escola nas atividades desenvolvidas para os jovens.

TABELA 18 – Coordenadores do Programa Abrindo Espaços segundo origem e indicação de que mora na comunidade – 2002

Origem	Freqüência	Percentual
Comunidade	31	63,3
Escola	18	36,7
Total	49	100,0
Mora na comunidade	Freqüência	Percentual
Sim	41	82,0
Não	9	18,0
Total	50	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Identifique sua origem e Você mora nesta comunidade?*

O fato da grande maioria dos coordenadores morar na própria comunidade em que se situa a escola (82%) reforça esta integração, uma vez que possuem identidades próximas ao público-alvo, cujas demandas apresentadas fazem parte de seu cotidiano.

2.1.3 Oficineiros

O Programa tem oficineiros de todas as idades, embora o maior número deles se concentre entre 18 e 22 anos (32,1%). Somando esse percentual aos 17,7% que têm entre 13 e 17 anos, quase metade dos oficineiros (49,8%) tem até 22 anos e são, basicamente, jovens, como pode ser observado na tabela a seguir:

TABELA 19 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária – 2002

Faixa Etária	Frequência	Percentual
De 13 a 17 anos	63	17,7
De 18 a 22 anos	114	32,1
De 23 a 27 anos	72	20,3
De 28 a 40 anos	62	17,5
Mais de 40 anos	44	12,4
Total	355	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficineiros: *Qual a sua idade?*

Confrontando a faixa etária dos oficineiros com a escolaridade, observa-se que 31,1% têm ensino médio completo, 27,4%, o ensino médio incompleto, 9,1%, o ensino fundamental completo, e 20,6%, o ensino fundamental incompleto. Chama a atenção, ainda, um oficineiro que declarou não saber ler nem escrever, enquanto 5,1% concluíram o curso superior.

TABELA 20 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços, por faixa etária, segundo escolaridade (percentual e número absoluto) – 2002

Escolaridade	Faixa Etária					Total
	De 13 a 17 anos	De 18 a 22 anos	De 23 a 27 anos	De 28 a 40 anos	Mais de 40 anos	
Não sabe ler nem escrever	0,0 (0)	0,0 (0)	1,4 (1)	0,0 (0)	0,0 (0)	0,3 (1)
Ensino Fundamental incompleto	43,1 (25)	21,1 (24)	11,1 (8)	9,7 (6)	20,5 (9)	20,6 (72)
Ensino Fundamental completo	19,0 (11)	7,9 (9)	8,3 (6)	1,6 (1)	11,4 (5)	9,1 (32)
Ensino Médio incompleto	34,5 (20)	40,4 (46)	23,6 (17)	14,5 (9)	9,1 (4)	27,4 (96)
Ensino Médio completo	3,4 (2)	23,7 (27)	44,4 (32)	50,0 (31)	38,6 (17)	31,1 (109)
Superior incompleto	0,0 (0)	7,0 (8)	8,3 (6)	9,7 (6)	4,5 (2)	6,3 (22)
Superior completo	0,0 (0)	0,0 (0)	2,8 (2)	14,5 (9)	15,9 (7)	5,1 (18)
Total	100,0 (58)	100,0 (114)	100,0 (72)	100,0 (62)	100,0 (44)	100,0 (350)

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Outro dado a ser destacado é o de que 36,1% dos oficineiros não estudam na escola em que a sua oficina se realiza e 18,9% são alunos das escolas em que atuam como oficineiros. A presença de oficineiros/alunos de outras escolas indica um fluxo e um compartilhamento de interesses entre jovens da mesma localidade e uma circulação ampla do Programa.

Observa-se que, ao contrário do que ocorre com as equipes executoras e diretores, mais da metade dos oficineiros é do sexo masculino (67,9%), enquanto 32,1% são do sexo feminino.

TABELA 21 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo situação de estudo – 2002

Situação de estudo	Frequência	Percentual
Sim, nesta escola	67	18,9
Sim, em outra escola	128	36,1
Não estuda	160	45,1
Total	355	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficineiros: *Atualmente você estuda?*

No aspecto religioso, a ordem das respostas dos oficineiros coincide com as respostas das equipes executoras: 48% afirmam que são católicos, 17,9% apontaram a religião evangélica e 19,6% disseram não possuir qualquer religião.

TABELA 22 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo sexo, auto-identificação de raça e religião – 2002

Sexo	Frequência	Percentual
Masculino	243	67,9
Feminino	115	32,1
Total	358	100
Raça	Frequência	Percentual
Asiática ou oriental	2	0,6
Branca	34	9,5
Mestiça	112	31,2
Negra	200	55,7
Não sabe	11	3,1
Total	359	100,0
Religião	Frequência	Percentual
Católica	172	48,0
Espírita	9	2,5
Evangélica	64	17,9
Crenças Afro (Candomblé, Umbanda ou outra)	26	7,3
Outra	17	4,7
Nenhuma	70	19,6
Total	358	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos diretores: *Qual o seu sexo? Qual a sua cor ou raça? Qual a sua religião?*

No aspecto relacionado à identificação de cor/raça, reproduz-se a mesma tendência encontrada entre os demais atores do Programa: uma significativa predominância de negros (55,7%) e mestiços (31,2%), enquanto 3,1% responderam não saber qual é a sua cor. Destacando-se o fato de que, aqui, os respondentes que se declaram negros ultrapassam a metade do total.

Os oficinairos do PAE são, majoritariamente, moradores da comunidade em que desenvolvem o trabalho (76,7%). Assim como as equipes executoras, apresentam diferentes tipos de inserção nas comunidades locais. Este dado revela uma maior participação da comunidade no Programa do que na escola, ao destacar-se que 18,9% dos oficinairos são alunos da própria escola onde realizam as oficinas e 17,4% se declararam professores das escolas.

TABELA 23 – Oficinairos do Programa Abrindo Espaços segundo indicação de que mora na comunidade e se é professor da escola – 2002

Mora na comunidade	Frequência	Percentual
Sim	276	76,7
Não	84	23,3
Total	360	100,0
Professor da escola	Frequência	Percentual
Sim	61	17,4
Não	289	82,6
Total	350	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficinairos: *Você mora nesta comunidade?* e *Você é professor desta escola?*

Quando indagados sobre sua participação em diferentes tipos de grupos, observa-se que estão vinculados, com especial ênfase, àqueles que envolvem o corpo – esporte, capoeira, dança. Além dessas atividades, os oficinairos também indicam que participam de grupos de música, teatro, pagode entre outros,

destacando-se, também, a participação em grupos religiosos, como mostra a tabela a seguir:

TABELA 24 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo participação em grupos – 2002

Grupos	Freqüência	Percentual
Grupo de esporte	122	33,6
Grupo de dança	88	24,2
Grupo de capoeira	87	24,0
Grupo religioso	72	19,8
Grupo de música	69	19,0
Grupo de artes marciais	52	14,3
Grupo de teatro	49	13,5
Grupo de pagode	48	13,2
Grupo de hip-hop	37	10,2
Grupo de canto, coral	36	9,9
Grêmios/Grupo estudantil	32	8,8
Grupo de grafite	23	6,3
Grupo político	22	6,1
Grupo de skate	20	5,5
Grupo de funk	19	5,2
Grupo de punks	5	1,4
Grupo de pichação	4	1,1
Gangue	3	0,8
Não participa	42	11,6

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi solicitado aos oficinairos: *Indique se você participa de algum desses grupos:*

Nessa mesma tabela, chama a atenção que três oficinairos respondam que participam de gangues. A presença dessas pessoas como oficinairos sugere que os três não compartilham exclusivamente as identidades e os valores associados às gangues, mas desenvolvem outras atividades que lhes permitem participar de uma ação como o Abrindo Espaços e promover novas vivências.

2.1.4 Beneficiários

Beneficiários são todas aquelas pessoas que freqüentam as atividades nos finais de semana. A participação pode ser contínua, implicando envolvimento regular nas atividades, ou esporádica.

No que se refere à faixa etária, os dados confirmam serem os jovens os principais beneficiários do Programa (ver anexo a situação educacional dos jovens na Bahia). O maior contingente de jovens se encontra entre 11 e 20 anos, (88,7%), conforme mostra a tabela a seguir. Em relação à distribuição por sexo, 53,2% são do sexo masculino e 46,8% do feminino.

TABELA 25 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária, sexo e religião – 2002

Faixa etária	Freqüência	Percentual
De 11 a 13 anos	830	30,3
De 14 a 16 anos	1036	37,8
De 17 a 20 anos	566	20,6
Mais de 20 anos	310	11,3
Total	2742	100,0
Sexo	Freqüência	Percentual
Masculino	1450	53,2
Feminino	1274	46,8
Total	2724	100,0
Religião	Freqüência	Percentual
Católica	1150	42,9
Espírita	77	2,9
Evangélica	422	15,7
Crenças Afr o (Candomblé, Umbanda ou outra)	74	2,8
Outra	152	5,7
Nenhuma	807	30,1
Total	2682	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *Qual a sua idade? Qual o seu sexo? Qual a sua religião?*

Um grande número de beneficiários afirma não ter religião (30,1%). Este percentual corresponde ao dobro do encontrado para a religião evangélica, que é a segunda mais citada, com 15,7%. A religião católica apresentou um percentual de 42,9% e 2,8% dos jovens beneficiários se declaram seguidores de crenças afro-brasileiras.

No que se refere à escolaridade 14,0% têm o ensino fundamental completo e 19,6%, o médio incompleto, deixando patentes as distorções idade-série existentes. Chama atenção a existência de 20 beneficiários analfabetos.

TABELA 26 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo escolaridade – 2002

Escolaridade	Freqüência	Percentual
Não sabe ler nem escrever	20	0,8
Ensino Fundamental incompleto	1.356	56,4
Ensino Fundamental completo	337	14,0
Ensino Médio incompleto	471	19,6
Ensino Médio completo	184	7,7
Superior incompleto	31	1,3
Superior completo	6	0,2
Total	2.405	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *Qual a sua escolaridade?*

A auto-identificação quanto à raça dos jovens beneficiários segue a tendência apresentada em Salvador no Censo Demográfico de 2000 e em outras pesquisas da UNESCO, como também entre outros atores do Programa. A maior parte se identifica como negra (46,6%), seguida pelos que afirmam ser mestiços (32,2%). Chama a atenção o número de beneficiários que indica não saber qual é a sua cor, equivalente a 7,8% do total.

A maior parte dos jovens declara estar apenas estudando (70,2%). Considerando que a maioria dos jovens participantes (88,7%) está na faixa entre 11 e 20 anos de idade,

os dados da tabela a seguir são significativos quanto ao número de beneficiários que afirma trabalhar (17,3%). Também chama a atenção o número de beneficiários que afirmam estar desempregados (12,5).

TABELA 27 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo auto-identificação de raça – 2002

Raça	Frequência	Percentual
Asiática ou oriental	37	1,4
Branca	322	12,1
Mestiça	860	32,2
Negra	1244	46,6
Não sabe	207	7,8
Total	2670	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *Qual a sua cor ou raça?*

TABELA 28 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo situação de trabalho – 2002

Trabalho	Frequência	Percentual
Sim, trabalho	470	17,3
Não, estou desempregado	341	12,5
Não, só estudo	1.908	70,2
Total	2.719	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *Atualmente você trabalha?*

2.2 O ENTORNO DAS ESCOLAS

2.2.1 A localização das escolas e a vulnerabilidade social

No Programa Abrindo Espaços a escola é reconhecida como lócus potencialmente privilegiado para o investimento em um processo de mudança de atitude e comportamento, tanto por parte da própria escola como

dos jovens expostos à violência (Abramovay *et al.*, 2001). Parte-se do pressuposto de que a instituição escolar ainda é detentora de um certo prestígio junto aos jovens e às comunidades, na medida em que:

- considera-se a possibilidade de sua identificação como espaço de referência e pertencimento, tendo em vista, dentre outros fatores, a posição que ocupa nas comunidades, na condição de núcleo organizado legítimo e, muitas vezes, de ser o único equipamento público existente;
- concebe-se a escola como local de acesso a todos os membros da comunidade, independentemente de estarem formalmente vinculados a ela;
- investe-se na possibilidade de propiciar uma nova via, mais informal, de aproximação entre a escola, a comunidade e juventudes;
- acredita-se que a escola se apresenta especialmente permeável a condutas juvenis, por agregar uma grande população jovem em seu interior.

De acordo com as indicações registradas nos roteiros de observação utilizados na pesquisa, as escolas onde se desenvolve o Programa situam-se em 43 bairros e subúrbios da periferia da cidade de Salvador, em comunidades constituídas de população de baixa renda. Essas localidades caracterizam-se, em geral, pelas construções precárias e pela ausência de infra-estrutura, principalmente saneamento. Da mesma forma, não oferecem espaços e opções de lazer para os moradores.

Quanto à localização das escolas, 56,4% ficam em ruas secundárias, estreitas, de pouco trânsito. A terça parte delas, entretanto, situa-se em vias de intenso movimento, correspondendo, freqüentemente, às ruas centrais das localidades, onde se aglutinam os estabelecimentos comerciais e de serviços.

TABELA 29 – Características da rua onde se situa a escola – 2002

Tipo de rua	Freqüência	Percentual
Avenida ampla	3	5,5
Rua principal	21	38,1
Rua secundária	31	56,4
Total	55	100,0
Tipo de trânsito	Freqüência	Percentual
Intenso movimento	16	29,0
Médio movimento	11	20,0
Pouco movimento	28	51,0
Total	55	100,0
Sentido do trânsito	Freqüência	Percentual
Mão única	8	14,8
Mão dupla	46	85,2
Total	54	100,0
Ponto de ônibus próximo à escola	Freqüência	Percentual
Sim	38	70,4
Não	16	29,6
Total	54	100,0
Necessidade de travessia de rua para chegar à escola	Freqüência	Percentual
Sim	40	74,0
Não	14	26,0
Total	54	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Notas: Foi perguntado ao observador: *Como é a rua onde fica situada a escola?, Como é o trânsito nesta rua?, A rua é de mão única?, Tem ponto de ônibus próximo da escola? e Quem desce do ônibus tem que atravessar alguma rua para chegar à escola?*

No que se refere à segurança em relação ao trânsito, percebe-se que 85,2% das escolas estão em vias de mão dupla e que 70,4% delas têm pontos de ônibus próximos.

Em 74% dos casos é necessário atravessar alguma rua para se dirigir ao ponto de ônibus.

2.2.2 Infra-estrutura das escolas

A infra-estrutura das escolas é de grande relevância no desenvolvimento de programas desta natureza. Embora o prédio do estabelecimento escolar se constitua a base física das atividades que as escolas promovem, aquelas que não têm condições ideais encontram soluções alternativas, a exemplo de colégios que levaram as oficinas para praças, igrejas ou associações.

Se algumas unidades escolares disponibilizam toda a infra-estrutura existente para a realização do Programa, outras restringem os espaços, conforme mostram os relatos registrados na observação de campo: *As pessoas do projeto Abrindo Espaços não têm acesso a nenhuma sala. Só fica livre, para a realização das oficinas, a área externa do colégio, os banheiros, a cozinha e uma sala de aula no térreo.*

Em outras, esses espaços são controlados por meio de critérios estabelecidos pela administração: *Os participantes só têm acesso à escola com a chegada do seu oficinairo. Enquanto o oficinairo de capoeira não chegava, os beneficiários dessa oficina não poderiam entrar na escola, teriam que aguardar do lado de fora.*

Os espaços simbolizam o sentimento de pertencimento ao Programa e influenciam o grau de vinculação dos participantes. Desse modo, espaços amplos, com quadras de esportes e áreas abertas de convivência facilitam a execução das atividades.

Foram encontradas escolas cercadas por muros (96%) e algumas gradeadas; 15% dos estabelecimentos não têm corredores em seu interior, dificultando a movimentação. Em 72% das escolas existem quadros de avisos, nos quais estão expostos cronogramas de atividades, materiais de campanhas educativas sobre Aids, fumo e drogas e a programação das oficinas do Abrindo Espaços (tabela 30).

TABELA 30 – Infra-estrutura apresentada pelas escolas participantes do Programa Abrindo Espaços (%) – 2002

Infra-estrutura	Cerca	Corredor	Quadro de aviso
Possui	96,0	85,0	72,0
Não possui	4,0	15,0	28,0
Total	100	100	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Notas: Foi perguntado ao observador: *A escola tem cerca ou muro? A escola tem corredores? A escola tem um mural ou quadro de avisos para alunos?*

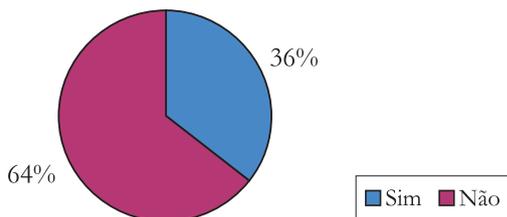
Havia escolas com ambiente sem iluminação, monocromático, malconservado, sem espaços arborizados e com salas sem ventilação. Nos banheiros, observou-se o mau estado de conservação de alguns deles, tanto pelo péssimo odor como pelo fato de louças (pias, vasos sanitários) e portas estarem quebradas⁷. Vale ressaltar, entretanto, o fato de, em muitas escolas, os funcionários garantirem a conservação dos banheiros nos finais de semana.

Problemas semelhantes foram registrados por alunos e professores em pesquisa recentemente realizada pela UNESCO sobre o Ensino Médio em 14 capitais brasileiras. Infiltração e má conservação da mobília e do espaço em geral são fatores que contribuem para uma má avaliação das salas de aula. Os banheiros aparecem como o espaço escolar com a pior avaliação, na opinião de alunos e professores. A falta de limpeza e as más condições de higiene são as reclamações mais constantes (Abramovay e Castro, 2003).

A presença de pichações e palavras escritas nas paredes foi observada em 36% das escolas, a maioria das pichações localiza-se nos banheiros.

⁷ Alguns banheiros são mantidos fechados nos dias de funcionamento do Programa.

GRÁFICO I – Escolas segundo presença de pichações nas paredes – 2002



Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Chama a atenção, entretanto, que em duas das 58 escolas pesquisadas foram encontrados circuitos internos de televisão, como equipamento de controle de segurança.

Quanto aos recursos pedagógicos, 21% das escolas possuem laboratórios, 52%, salas de informática, 35%, salas de artes e 67%, bibliotecas.

TABELA 31 – Recursos pedagógicos apresentados pelas escolas – 2002

Escola tem laboratórios	Freqüência	Percentual
Sim	11	21,0
Não	42	79,0
Total	53	100,0
Escola tem sala de informática	Freqüência	Percentual
Sim	28	52,0
Não	26	48,0
Total	54	100,0
Escola tem sala de artes	Freqüência	Percentual
Sim	18	35,0
Não	33	65,0
Total	51	100,0
Escola tem biblioteca	Freqüência	Percentual
Sim	37	67,0
Não	18	33,0
Total	55	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Notas: Foi perguntado ao observador: *A escola tem laboratório de química, biologia etc?*, *A escola tem sala de informática?*, *A escola tem sala de artes?* e *A escola tem biblioteca?*

Os dados da pesquisa sobre o ensino médio, citada anteriormente, apontam uma baixa utilização da internet na escola, de modo que uma das principais reivindicações dos alunos de escolas públicas e privadas são as salas de informática. Os laboratórios também não são espaços muito aproveitados, cerca de 90% dos alunos de escolas públicas não o utilizam como recurso pedagógico (Abramovay e Castro, 2003). A biblioteca, por sua vez, aparece como um espaço mais atendido, segundo dados do censo escolar 2002, 83,1% das escolas de Salvador possuem bibliotecas.

É importante destacar que o espaço nunca é um vazio, mas está repleto de significados, colaborando, muitas vezes, para a reprodução de desigualdades e segregações sociais, as quais interferem no desenvolvimento de ações e no próprio processo educativo.

Os efeitos da precarização do espaço escolar e de seu entorno repercutem, diretamente, na sua desvalorização, tendo conseqüências imediatas sobre a dinâmica do Programa e sobre as atitudes e os comportamentos dos atores que fazem parte dessa realidade. Quando há o processo inverso – em que o espaço escolar atua de forma positiva sobre os que nele se movem –, o resultado é um avanço sobre a dinâmica do Programa, atitudes e comportamentos dos atores participantes.

3. ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO PROGRAMA ABRINDO ESPAÇOS

Neste capítulo aborda-se a realização do Programa Abrindo Espaços propriamente dita. Contemplam-se as atividades realizadas aos finais de semana em formato de oficinas, mostrando como estas são uma opção de lazer e aprendizagem para os beneficiários. Aborda-se, ainda, a forma como as parcerias com ONGs, universidades, instituições diversas e comerciantes locais são realizadas e a sua importância para o Programa.

A capacitação provocou diferentes impactos sobre os atores envolvidos – grupos heterogêneos, com diferentes experiências e conhecimentos sobre cultura de paz. Em alguns casos a abordagem era inteiramente nova para os participantes da capacitação, em outros, os temas já eram mais conhecidos, o que dificultava era a linguagem e a comunicação.

O planejamento das oficinas segue uma orientação técnica com funções específicas previamente estabelecidas, embora a execução das tarefas não seja completamente rígida.

A divulgação é o que garante o grande número de participantes nas escolas nos finais de semana. Dessa tarefa se ocupa, principalmente, a equipe executora, mas os jovens têm papel de destaque nas estratégias de divulgação com seus pares, usando uma linguagem comum, eficiente e direta. Assim, a participação de uns convence e motiva os outros. Ela é realizada na forma do “boca a boca”, na distribuição de folhetos, colocação de cartazes e faixas, propagandas em rádios comunitárias, caixas de som e nas igrejas.

As parcerias são realizadas com o comércio local e com o apoio da comunidade de diferentes formas, como o envolvimento das famílias, a mobilização para arrecadar alimentos e outras.

3.1 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A UNESCO, em parceria com o Governo do Estado da Bahia, por meio da Secretaria Estadual de Educação, firmou acordo, em 2001, para implantar o Programa Abrindo Espaços nas escolas, com o objetivo de oferecer atividades de arte, cultura, esporte e lazer para comunidades em situação de vulnerabilidade social. O Programa consiste na abertura de escolas nos finais de semana para desenvolvimento de oficinas voltadas prioritariamente para os jovens.

No ano de 2002, o PAE atingiu diversas regiões do município de Salvador, utilizando os espaços de escolas da rede estadual e de algumas escolas municipais, como alternativa para que jovens, crianças e adultos participem de atividades que fomentam a cidadania, contribuindo para a construção de uma Cultura de Paz.

O processo de implantação do PAE começou em dezembro de 2001, com a abertura de cinco escolas da rede estadual de ensino como experiência-piloto. Com a adesão progressiva de outras escolas, em julho de 2002, o Programa atingiu cinquenta e oito escolas, das quais quatro eram escolas da rede municipal, em quarenta e três bairros do perímetro urbano. Após o início da avaliação, o Programa chegou a atingir cerca de cinquenta mil pessoas ao mês e oitocentos oficinairos, realizando um total de mil e quinhentas oficinas. Foram adotados os seguintes critérios para a participação das escolas: o índice de violência dos bairros; regiões em situação de vulnerabilidade social; comunidades com menor

alternativa de espaços culturais, esportivos e de lazer; escolas que atendiam à comunidade do seu entorno; e a aceitação da direção da escola de abrir os espaços nos finais de semana.

QUADRO 4 – Abrangência do Programa no primeiro semestre do ano 2003

Beneficiários	50.000
Oficineiros	800
Oficinas desenvolvidas	1.500
Escolas atendidas	58
Bairros atendidos	43

Fonte: Programa Abrindo Espaços, 2003.

A Secretaria Estadual de Educação da Bahia e a UNESCO consideram que a construção e realização do Programa devem ser acompanhadas de um processo de avaliação. O objetivo é aprofundar o trabalho e corrigir os rumos adotados para melhor responder às expectativas dos gestores e dos participantes, a partir das diferentes percepções dos atores envolvidos – oficinairos, diretores das escolas, equipe executora e beneficiários.

O programa é desenvolvido com a seguinte estrutura organizacional:

- Coordenação-geral da UNESCO e da Secretaria Estadual de Educação da Bahia;
- Núcleo de Planejamento das Atividades (Núcleo Gestor), constituído por:
 - três (3) Coordenadores das áreas de cultura, esporte e lazer. Competência: realizar o planejamento das atividades de cada área específica em conjunto com as equipes das unidades escolares durante a semana, mantendo comunicação permanente com a Coordenação-Geral. Devem

- participar de reuniões, quando solicitados, elaborar relatórios semanais e acompanhar a execução do Programa nos finais de semana;
- três (3) Coordenadores Regionais. Competência: promover a articulação do Núcleo Gestor com a equipe de execução em um determinado número de escolas, acompanhar e desenvolver as atividades durante a semana, juntamente com as equipes das escolas (supervisores, coordenadores, jovens e comunidade) e recolher os instrumentos preenchidos pela equipe executora. Devem participar de reuniões quando solicitados e acompanhar a realização das atividades nos finais de semana;
 - um (1) Coordenador de Capacitação. Competência: identificar as necessidades de formação dos instrutores para as oficinas e disponibilizar capacitações, em diferentes níveis, para todos os envolvidos com o programa, acompanhar e subsidiar o planejamento das atividades junto ao Núcleo Gestor. Deve participar de reuniões quando solicitado e acompanhar a execução do Programa nos finais de semana.
 - Diretor da escola ou coordenador pedagógico. Competência: promover a adesão da escola ao Programa, disponibilizando todo o equipamento escolar para as atividades nos finais de semana, realizar reuniões com a coordenação-geral e acompanhar o funcionamento do Programa.
 - Equipe Executora:
 - um (1) Supervisor por escola, indicados pela direção. Competência: supervisionar o funcionamento da equipe executora e das atividades do Programa, participar de reuniões, quando solicitado, e se responsabilizar pelo equipamentos escolar;

- um (1) Coordenador das atividades da comunidade, indicado pelo diretor da escola e pelo supervisor. Competência: Planejar as atividades com o núcleo gestor durante a semana, mobilizar a comunidade para participar das oficinas, coletar dados sobre o funcionamento do programa, participar de reuniões quando solicitado;
- dois (2) Jovens Colaboradores, indicados pela direção e pela supervisão, sendo um da escola e outro da comunidade. Competência: mobilizar os jovens da comunidade escolar e residentes na região da escola para participarem do programa, participar do planejamento das atividades e de reuniões, quando solicitado;
- Equipe de apoio. Competência: realizar serviços gerais.
- Oficineiros da comunidade, da escola, das universidades ou de ONG. Competência: realizar atividades nas áreas de cultura, arte, esporte e lazer com o formato de oficinas nos finais de semana, de modo articulado com o Núcleo Gestor e com a equipe executora, e participar de reuniões, quando solicitados.

3.2 FUNCIONAMENTO DO PROGRAMA ABRINDO ESPAÇOS

3.2.1 Formato das Oficinas

A metodologia do programa tem como ferramenta básica a realização de oficinas, como alternativa que oferece aos jovens um lugar de encontro nos finais de semana e um espaço bastante diferenciado do cotidiano. Embora aparentemente simples, esta estratégia torna-se mais complexa na medida em que o programa busca construir, na relação

escola-comunidade, uma nova metodologia de ação, para oferecer uma educação com significado para o mundo em que vivemos. Nesse processo educativo, o primeiro passo é entender a necessidade da Cultura de Paz.

A realização das oficinas remete ao grau de contribuição que elas podem oferecer para que adolescentes e jovens, em particular, tenham acesso a formas culturais e educacionais que lhes permitam construir uma nova relação com o conjunto da sociedade e com sua comunidade. Ou seja, as oficinas só encontram sentido, nos termos do Programa, se agregarem valores e se forem além da reprodução das práticas cotidianas.

Oficinas de circo, teatro, dança, música, produção de textos e esportes variados são alguns dos exemplos de iniciativas capazes de gerar novas relações dos jovens com seu dia-a-dia. São, portanto, a expressão de uma escola como um lugar para as manifestações socioculturais dos diversos grupos da comunidade.

As oficinas são divididas em dois grupos: as que são realizadas pelosicineiros voluntários e podem ou não ser permanentes, pois dependem da disponibilidade do voluntário; e as permanentes que são realizadas poricineiros vinculados ao Programa e desenvolvidas como um projeto na escola. As que mais se destacam são: Brinquedoteca, construção de brinquedos pelas crianças de 2 a 12 anos em função das histórias contadas e criadas por elas; Oficínio, em parceria com artistas da cidade, produção de material didático, com várias linguagens artísticas e culturais; A Trupe da Paz, artistas locais que convocam a comunidade de seus bairros nos finais de semana, para a participar do Programa nas escolas; Espaço Aberto, momento de reunir todos os participantes das oficinas dos finais de semana para depoimentos e apresentação dos destaques.

A operacionalização das oficinas é desenvolvida da seguinte forma:

- 1 – Mapeamento e convocação dos talentos da escola e da comunidade, que são capacitados e se tornam multiplicadores em grupos de capoeira, dança, música, boxe, futebol, vôlei e de artesãos diversos, entre outros;
- 2 – Identificação e estabelecimento de parceria com organizações não-governamentais (ONGs) que possuem metodologia de trabalho com escolas e comunidades. Nesse aspecto destacam-se as ONGs, como Cipó, Liceu de Artes e Ofícios, Desbravadores/Bandeirantes, Cria, Amigos da Vida, Gapa, CVB e também instituições privadas, como o Sesi/Senai, que oferecem oficinas de informática, línguas, manicura, recepcionista, entre outras;
 - 2.1 – Parceria com instituições que apóiam o Programa com equipamento, material e espaço. Como a Universidade Federal da Bahia – UFBA, que disponibiliza filmes, vídeos e equipamentos de projeção para a oficina Abrindo a Tela; o Sesc, que leva as feiras itinerantes de livros para dentro das escolas como a oficina Núcleo de Leitura; a FUNCEB-SCT, que disponibiliza seus espaços equipados para capacitação dos oficinairos de dança.

3.2.2 Organização das oficinas

O que se observa no Programa é a existência de um desenho organizacional flexível e diversificado no que diz respeito à formação das oficinas. Existe uma preocupação da equipe executora em estar permanentemente atenta às

demandas dos beneficiários e aos interesses dos oficinairos voluntários. Esta dupla preocupação impõe certos limites e dificuldades na organização e, principalmente, no planejamento das oficinas. Observa-se que, em muitas escolas, essas são planejadas em função das demandas da semana:

Quando as pessoas chegam aqui, a gente pergunta o que elas vieram ver e o que elas vieram saber. Se elas vieram saber se existe uma oficina que a gente não tem, a gente anota e verifica a porcentagem de quem procura essa oficina. Depois, a gente procura alguém que possa oferecer essa oficina. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Em outras escolas, observa-se que as oficinas dependem da disponibilidade dos oficinairos voluntários, tanto de tempo, quanto de tipo de atividade. O trabalho voluntário pode qualificar as atividades desenvolvidas, assim como pode gerar problemas, visto que alguns oficinairos não podem dar continuidade às suas atividades – o que não é tão freqüente entre aqueles que são remunerados. Estes garantem a programação de rotina todos os finais de semana.

Na percepção da equipe executora, segundo a tabela 32, as oficinas são realizadas a partir da disponibilidade dos oficinairos (61,9%). A escolha das oficinas se dá também por meio de discussões com os seus colegas de equipe (58,4%). Ainda nesta tabela, 31,9% declaram que a escolha das oficinas se dá por meio de sugestões e demandas das comunidades e 27% assinalam que as mesmas foram definidas a partir do levantamento de talentos locais.

Esses dois dados combinados revelam que houve uma preocupação em articular os interesses e as demandas das escolas com os interesses dos moradores locais, incluindo pessoas da própria comunidade nas oficinas.

TABELA 32 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das formas de escolha das oficinas – 2002

Forma de escolha das oficinas	Frequência	Percentual
A partir da disponibilidade dosicineiros	140	61,9
Mediante discussões entre os integrantes da equipe executora	132	58,4
Por meio de sugestões/demandas da comunidade	72	31,9
A partir do levantamento de talentos locais	61	27,0
Em encontros/conversas entre a equipe executora e os alunos, professores, et. c.	57	25,2
Outros meios	15	6,6
Pela direção da escola	14	6,2
Através de sugestões/demandas dos pais	9	4,0
Através de sugestões das organizações não governamentais (ONGs)	4	1,8

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Como são escolhidas as atividades/oficinas do Programa?*

A integração entre escola, comunidade e oficineiros pode ser também constatada, especialmente, na relação entre oficineiros e beneficiários. Os depoimentos de oficineiros demonstram que se estabeleceu um relacionamento amigável e respeitoso entre eles: *Criou uma relação com os alunos do projeto como se nós fossemos uma segunda família.*

Em muitos casos, os participantes do Programa associam o oficineiro à figura do professor por considerarem existir uma relação de aprendizagem, chamando-os, inclusive, de *pró*. A convivência entre os beneficiários e os oficineiros é extremamente positiva e aprovada pelos participantes, como se percebe por meio do depoimento de um oficineiro: *A relação com os oficineiros se dá super bem. É tanto que, às vezes, quando algum oficineiro atrasa, por algum imprevisto, os alunos sempre estão atrás da gente procurando saber “O professor de grafite vai vim hoje?”.*

No que diz respeito às atividades das oficinas, é possível observar que, segundo os beneficiários, as dez atividades que tiveram maior participação foram aquelas que privilegiam o

trabalho físico: capoeira (34,4%), dança (31,4%), futsal (19,2%), vôlei (10,7%) e futebol de campo (10,4%). Outras são assinaladas em menor proporção, como informática (9,6%), teatro (7,3%), boxe (7,2%), grafite e *hip hop* (7,0%) e crochê (6,6%).

TABELA 33 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo participação nas oficinas – 2002

Oficinas	Frequência	Percentual
Capoeira	944	34,4
Dança	863	31,4
Futsal	528	19,2
Vôlei	293	10,7
Futebol de Campo	286	10,4
Informática	264	9,6
Teatro	201	7,3
Bordado	198	7,2
Grafite e Hip Hop	192	7,0
Basquete	181	6,6

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi solicitado aos beneficiários: *Marque com um X no quadrinho as atividades de que você participou no Programa Abrindo Espaços.*

Segundo as equipes executoras, a capoeira também é a atividade que possui maior demanda (87,2%), seguida por dança (70,8%), futsal (54%), informática (32,3%), crochê (24,3%) e teatro (20,4%). Vale a pena destacar que essas diferenças não indicam necessariamente uma contradição entre os atores, mas percepções diferenciadas – fundadas em expectativas – sobre quais oficinas são as mais procuradas. Estas expectativas revelam, por parte dos integrantes das equipes executoras, uma certa valorização de atividades que possam, de certa forma, trazer algum tipo de remuneração para o jovem – como informática, crochê, artesanato de bijuterias, bordado.

TABELA 34 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das oficinas mais procuradas – 2002

Oficinas	Freqüência	Percentual
Capoeira	197	87,2
Dança	160	70,8
Futsal	122	54,0
Informática	73	32,3
Crochê	55	24,3
Teatro	46	20,4
Artesanato de Bijuterias	40	17,7
Bordado	39	17,3
Manicura	38	16,8
Vôlei	38	16,8

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi solicitado aos membros da equipe executora: *Marque as cinco oficinas mais procuradas.*

Em seus depoimentos, supervisores e coordenadores referem-se à capoeira como a atividade mais procurada. Em algumas escolas, existem até doze grupos de capoeira, ligados a diferentes linhas:

(...) a gente começou a matricular os estudantes, é uma quantidade grande pra capoeira. A gente teve que parar, dizer não dá mais pra inscrever, que, na verdade, a gente não vai ter como atender, porque teria que ter mais de dois ou três oficineiros (...). (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Na capoeira eu tenho inscrito quase 80 alunos. Se a senhora vier aqui no domingo pela manhã vai encontrar uma superlotação (...) muita gente na Capoeira Regional. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

Como já foi apontado, a escolha das oficinas atende às demandas locais – da escola e da comunidade –, a disponibilidade dos oficineiros voluntários e, o mais importante, as atividades do

interesse dos jovens frequentadores. Segundo algumas diretoras, as oficinas surgem na medida em que: *Vão surgindo voluntários, se a gente tem espaço, e se a pessoa se oferece. Ou se há disponibilidade de espaço, como para as aulas de informática, ou [se] alguém da comunidade quer repassar os conhecimentos, como a [oficina] de artesanato.*

Já a alta incidência de atividades esportivas está associada a uma carência de infra-estrutura pública (praças, áreas de lazer, quadras de futebol) e cultural (clubes, academias). Muitos depoimentos apontam que a precariedade e mesmo a ausência de áreas de lazer levam certas escolas a priorizarem atividades esportivas. Como revela o relato de uma coordenadora da equipe executora: *Eles não têm onde jogar futebol. No dia do Programa, eles querem se divertir, jogar. Aí a gente cede a quadra. Isso é uma coisa boa. Eles já são tão carentes, não têm nada, não têm praça, campo (...).*

O esforço na construção de alternativas de espaços para a juventude é encarado, pelo Programa, como um direito e também como um canal de acesso a bens que deveriam estar ao alcance de toda a população. A falta de tais espaços faz com que a escola, como espaço público, ao se tornar um espaço aberto, possa trazer para dentro dela não somente os seus alunos, mas também jovens e adultos que não estudam.

Na tabela a seguir, é possível observar que, segundo os oficinairos, as oficinas conquistaram um número expressivo de participantes. Observa-se que, 25,4% assinalam que suas oficinas contam com mais de 30 pessoas, enquanto 37% afirmaram que entre 11 e 20 pessoas frequentam sua oficina.

O PAE é voltado, principalmente, para jovens de 14 a 25 anos, mas inclui como participantes crianças e adultos, como mostra a tabela a seguir. Existe, portanto, uma certa diversidade no que se refere ao tipo de participante, o que torna a escola um local de socialização. Esse é um aspecto positivo, segundo os diretores das escolas, porque aproxima a escola da comunidade. Apreende-se desse dado que o Programa permite integrar pais e moradores locais com o cotidiano da escola.

TABELA 35 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo número de participantes de sua oficina – 2002

Número de pessoas	Freqüência	Percentual
De 1 a 10	68	19,2
De 11 a 20	131	37,0
De 21 a 30	65	18,4
Mais de 30	90	25,4
Total	354	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficineiros: *Em geral, qual o número de pessoas que participam de sua oficina?*

Como já foi dito, a grande maioria dos participantes é jovem (65,9%), o que atende aos objetivos do PAE. No entanto, é relevante a quantidade de crianças (25,2%) que participam das oficinas, acompanhando os irmãos ou buscando alternativas de lazer.

TABELA 36 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo indicação dos beneficiários das oficinas – 2002

Beneficiários das oficinas	Freqüência	Percentual
Crianças	80	25,2
Jovens	209	65,9
Adultos	25	7,9
Pessoas idosas	3	0,9
Total	317	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficineiros: *Quem participa mais de sua oficina?* (Marque apenas uma opção)

O espaço da escola é importante para viabilizar a participação de todos nas atividades nos finais de semana. A tabela a seguir mostra que 86,9% dos oficineiros consideraram os locais que lhes foram disponibilizados como adequados para a realização das oficinas. No entanto, 13,1% os avaliam como inadequados.

TABELA 37 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo adequação dos locais de realização das oficinas – 2002

Locais das oficinas	Frequência	Percentual
Adequados	311	86,9
Inadequados	47	13,1
Total	358	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficinairos: *As oficinas são realizadas em locais:* (adequados ou inadequados)

Apesar de os locais das oficinas serem considerados adequados pela maioria, o mesmo não pode ser dito sobre os materiais e equipamentos disponibilizados pelas escolas. A falta de materiais para as oficinas, principalmente de grafite, teatro, pintura para o rosto, é apontada como um problema por participantes e oficinairos:

Se tivessem materiais..., pois sem materiais, não se pode fazer nada. Teatro mesmo (...) não tem material quando precisamos de tinta para pintar o rosto. Tinha que melhorar o som, pois chegamos pra ensaiar e o som está com defeito. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Hoje mesmo, a gente não deu anula, porque falta CD. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Segundo 61,6% dos oficinairos, o material e o equipamento disponibilizados pelas escolas são insuficientes, frente à demanda crescente gerada pela mobilização do Programa.

TABELA 38 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo suficiência dos materiais e equipamentos utilizados – 2002

Materiais e equipamentos são suficientes	Frequência	Percentual
Sim	106	38,4
Não	170	61,6
Total	276	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficinairos: *Quanto aos materiais e equipamentos utilizados no Programa, são suficientes?*

Apesar das dificuldades, a equipe executora, juntamente com os oficinairos, procura superar a falta de equipamentos apostando na criatividade. A importância do diálogo e das reuniões entre os integrantes da equipe executora tornou-se um aspecto relevante no processo de organização e preparação das oficinas:

(...) E, às vezes, elas queriam mostrar um vídeo para o aluno e a gente não tinha acesso à televisão, porque a televisão ficava na biblioteca, na grade. Então, eu sugeri para a diretora que faria uma caixa, uma caixa com rodinhas para que a TV tivesse acesso a todas as salas. Isso a gente pensou junto, eu e a oficinaira. Esse diálogo é muito importante. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Registra-se, em alguns casos, uma certa falta de motivação dos oficinairos por serem voluntários, o que se associa à falta de material. Esta, por sua vez, dificulta e, muitas vezes, impede o seu trabalho:

A gente, no início, se estressava muito. Trabalho com aparelho de som (...) sábado tinha, no outro sábado não tinha, eu começava uma coreografia hoje, sábado que vem não tem mais som. (...) Aí eu pensava em sair. E, então, falta muita coisa. A gente é voluntário e ainda tem que pagar para trabalhar? (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

A precariedade ou a inexistência de materiais para a realização das oficinas talvez tenha sido um dos principais problemas enfrentados pelas equipes executoras, causando, muitas vezes, a desistência dos participantes: *Quando o aluno sabe que é ele que vai comprar, ele acaba desistindo, porque gastar dinheiro, eles não querem. Não é do Governo? Tem que fornecer os materiais.*

Alguns oficinairos, diante desses problemas, optam por transferir para os participantes a responsabilidade da aquisição do seu próprio material: *São os materiais que deixam a desejar. Quando iniciei as aulas fiquei assim, com um pouco de dificuldade, mas só que eu fiz uma lista de material, passei pras alunas, elas foram comprar e aí eu trabalhei tranqüila.*

É importante ressaltar que nos relatos dos diferentes atores, também foram apresentadas várias formas de superação das dificuldades por meio do estabelecimento de parcerias com comerciantes locais, pais de alunos e moradores. Essas parcerias só tiveram sucesso porque já existia um bom relacionamento das escolas com a comunidade.

Nas localidades em que os moradores não têm conhecimento do trabalho, as parcerias são mais difíceis, como relata uma supervisora: *Nós tentamos [parcerias] junto à comunidade, aos comerciantes, mas, infelizmente, as pessoas se fecham muito. Sempre perguntam o que terão em troca.*

Em suma, o que se pode concluir é que as oficinas são o centro do Programa, porque é nelas que se resume sua estratégia de funcionamento. O seu formato e sua organização são moldados para atender às demandas da população que é mobilizada nas diferentes faixas etárias, com especial destaque para os jovens. Ela é sustentada pela participação de voluntários que dão o ritmo, o colorido e a variedade das opções que, por sua vez, facilitam a construção de laços com a comunidade. A maior dificuldade encontrada é a falta de material e equipamento que atenda, de modo satisfatório, a toda essa organização.

3.2.3 Capacitação

A preparação para a abertura nos finais de semana envolve uma série de atividades voltadas para os principais

implementadores do Abrindo Espaços – as equipes executoras e os oficinairos. Por isso, foram realizados encontros que tinham como objetivo discutir alguns princípios mais gerais do trabalho. Eles foram organizados em forma de palestras oferecidas por professores de universidades e pela equipe da UNESCO. Nessas palestras, foram discutidos temas referentes à Cultura de Paz, voluntariado, bem como os conceitos e princípios do Programa. Também foi ministrada uma formação técnica nas áreas das atividades de cultura e arte, esporte e lazer, a fim de fornecer subsídios para o trabalho das equipes executoras e dos oficinairos.

A função da capacitação no Programa é abrir espaços de reflexão envolvendo todos os atores na construção de uma Cultura de Paz. Essa ação se dá por meio de uma educação transformadora, estimulando a reflexão sobre o papel da escola e oferecendo instrumentos teóricos e práticos para o planejamento e a realização de atividades específicas.

Pelos relatos, é possível constatar que tanto o conteúdo da capacitação quanto a metodologia empregada tiveram repercussões distintas. Os integrantes das equipes executoras destacam que a capacitação os ajudou a refletir sobre os objetivos do Programa e a importância desse tipo de ação para o combate à violência: *Capacitação pra explicar o que era o projeto, qual é o procedimento. Explicar o que era, qual o fundamento, a importância da Cultura de Paz.* Para muitos oficinairos, a capacitação colaborou com subsídios que puderam ser adaptados ao tipo de trabalho de cada um.

O principal objetivo da capacitação foi a tentativa de vincular técnicas e dinâmicas para cada tipo de trabalho com os princípios do Abrindo Espaços: a construção da Paz e de estratégias de enfrentamento da violência.

QUADRO 5 – Busca de paz com o meu teatro

Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA

A minha eu gostei. No caso, estava previsto para ir apenas um dia, uma segunda-feira. Acabou que a gente foi dois dias. Por quê? (...) Vamos usar o teatro como se fosse uma arma pacífica. Como assim? Do meu teatro, eu vou guerrear contra a guerra. Eu vou em busca da paz com meu teatro (...) Eu tenho que passar isso para o meu pessoal. E foi isso que nos foi passado. E foi maravilhoso!

Para outros oficinairos, a capacitação foi menos importante e não atendeu às suas expectativas, pois os temas trabalhados foram percebidos como: *Coisas que a gente já conhecia* e não acrescentaram conhecimentos:

Em relação à capacitação, eu acho que não é uma coisa tão necessária. Porque nós somos formados por grupos de capoeira grande. Então, para nós chegarmos a um nível de professor, nós passamos por vários testes. É realmente uma burocracia muito grande. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Os relatos acima nos informam que existe uma heterogeneidade no que diz respeito à formação dos oficinairos, considerando que alguns deles já tinham experiências de trabalho dessa natureza com os jovens. Para outros, que não dispunham de muito conhecimento sobre metodologias e procedimentos, a capacitação teve um papel importante para o próprio aprendizado, na perspectiva de um futuro profissional. Sobre este aspecto, é revelador o depoimento de uma supervisora:

Eu acredito que elas [as capacitações] sejam importantíssimas. Hoje, inclusive, quando veio a capacitação para o pessoal de danças, meu

Deus! Eu vou ter que dar um jeito, nem que eu arraste esses oficinairos pra lá, eu vou ter que levar. Porque nós temos pessoas que são voluntárias, que gostam de fazer o trabalho, mas que, em sua maioria, fazem o trabalho para si. Quando chegam aqui é mesmo ensinar a fazer, é o aprender a fazer com o outro. Então, alguns oficinairos têm dificuldade de lidar com o pessoal, aquela calma que a gente precisa ter e a paciência que a gente tem em estar demonstrando, passo a passo, como as coisas acontecem. Esse oficinairo de dança está acostumado a dançar para o público e não a ensinar o pessoal a dançar. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Vale destacar que apesar de bem avaliada, as equipes executoras também relatam alguns descontentamentos em relação à capacitação, principalmente no que se refere à metodologia e à linguagem empregada, o que dificulta a compreensão e a comunicação, conforme sugere o relato a seguir:

Alguns eu acho muito legal mesmo, rendem muito, mas outros... Porque a pessoa que trabalha aqui é gente colaboradora do bairro, gente que não tem o segundo grau completo e, chega lá, ele começa a falar assim, não uma fala natural. A linguagem é formal, tem muita coisa que eles não entendem, porque realmente é chato, tá umas 50 pessoas e você levantar a mão e dizer que não entendeu, por causa do jeito que ele falou. As pessoas que fazem essa reunião precisam entender isso (...). (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

Existe uma demanda para que as capacitações sejam mais centradas nos temas das áreas de atividade e sejam mais aprofundadas: (...) *reciclagem, porque a gente ensina o que sabe, a gente tem que saber cada vez mais para ensinar melhor.* A duração dos encontros e a frequência, assim como a falta de disponibilidade dos oficinairos durante a semana, são destacadas por supervisores como dificuldades no planejamento das ações.

O que pode ser apreendido é que, em primeiro lugar, existe uma diferença no que se refere à formação dos participantes das capacitações e, nesse caso, certas atividades podem parecer óbvias para alguns. É necessário que os capacitadores fiquem atentos ao público que estão formando. Em segundo lugar, o que se observa é que a capacitação teve pouca integração com as atividades e com a organização do Programa nas escolas. Este “descompasso” gera, em certa medida, uma dificuldade para integrar os objetivos mais gerais do Abrindo Espaços (construção de uma Cultura de Paz, mudanças de valores comportamentais, atitudes e estabelecimento de uma consciência cidadã) com as diferentes dinâmicas existentes nas oficinas.

3.2.4 Planejamento

O planejamento e a organização das atividades nos finais de semana exigem, como dito acima, uma capacidade criativa muito grande. Durante a semana, a proposta do planejamento é construída entre o núcleo gestor e a equipe executora. De acordo com o relato de alguns integrantes das equipes executoras, no dia da abertura da escola, as tarefas são constantes: verificar se o espaço disponibilizado para as oficinas atende às necessidades dos oficinairos, se ele comporta o número de participantes inscritos, coletar informações sobre as atividades das quais as pessoas gostariam de participar e deixar a escola organizada após o encerramento das atividades. O *corre-corre* é intenso nos dias de funcionamento do Programa:

Eu chego de manhã, 8h05, eles já estão aí. Aí, quando eu chego, chamo eles dois [jovens colaboradores], e um vai me ajudar nas salas pra ver se tem alguma coisa quebrada. Peço pra fazer um relatoriozinho. Aí os meninos olham todas as salas, nós só usamos a parte daqui de baixo. Olha as salas, faz o relatório e me entrega.

Geralmente, é quem arruma as pastinhas comigo dos oficineiros. Eu boto em cima e digo: “Olha, separe aí pra mim.” Aí ele vai separa tudo. Tem um formulário que ele fica preenchendo com o nome dos visitantes pra ver as pessoas. Ele preenche com o nome dos visitantes, idade, se é da comunidade, se é da escola. Tem esse formulário aí, ele preenche. Um fica na quadra. Às vezes ele vai lá pra quadra, às vezes, fica aqui dentro, eu peço pra ficar aqui dentro. Enquanto eu tô aqui no corre-corre (...). (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Apesar da intensa atividade, o processo de planejamento é diversificado. Em algumas escolas, as atividades são preparadas no início da semana, com a presença apenas dos integrantes das equipes executoras. Em outras, a presença dos oficineiros é valorizada e incentivada. Como mostra a tabela a seguir, para 92,9% dos integrantes das equipes executoras as reuniões são a principal forma de planejamento das atividades. Chama a atenção que 15,9% realizam reuniões com a comunidade e 1,8% declaram não planejar as suas ações.

TABELA 39 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das formas de planejamento das atividades – 2002

Formas de planejamento	Frequência	Percentual
Reuniões da equipe executora	210	92,9
Reuniões com a equipe de coordenação da UNESCO	43	19,0
Reuniões com a comunidade	36	15,9
Não é feito planejamento/preparação	4	1,8

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Como é feito o planejamento/preparação das atividades do Programa?*

As reuniões da equipe executora ocorrem no final de semana depois das atividades, no início da semana, ou ainda de 15 em 15 dias. Na tabela a seguir podemos observar que o

modelo de organização semanal predominou, de acordo com 53,6% dos integrantes das equipes executoras.

TABELA 40 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo periodicidade das reuniões de equipe – 2002

Periodicidade das reuniões da equipe executora	Freqüência	Percentual
Uma vez por semana	119	53,6
Mais de uma vez por semana	42	18,9
Mais de uma vez por mês	34	15,3
Uma vez por mês	25	11,3
Não se reúne	2	0,9
Total	222	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Qual a periodicidade das reuniões da equipe executora do Programa Abrindo Espaços?*

Nas entrevistas, é possível constatar que a principal preocupação nesses encontros é definir o funcionamento das atividades do final de semana seguinte. Quais oficinas são oferecidas, quais equipamentos e materiais serão disponibilizados para osicineiros, as formas de divulgação e a organização para a recepção dos participantes.

Como pode ser observado, não existe uma padronização de organização e planejamento, mas uma preocupação em fazer com que o Programa aconteça. O que se pode aferir, é que a diversidade das estratégias reflete a potencialidade das escolas e, principalmente, o tipo de dificuldade que cada uma encontra no seu cotidiano.

A equipe tem comunicação. A gente se senta, conversa os problemas, incentiva a fazer alguma coisa, se nós vamos fazer uma relação, o que tá precisando pro Projeto, quais os problemas e como a gente resolve, o que a gente deve melhorar, o que deve fazer e tal. (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

O processo mais geral de organização e abertura da escola foi realizado, prioritariamente, pela equipe executora, em alguns casos, com a presença de alunos e oficinairos. Nos relatos, percebe-se que os integrantes das equipes exercem diversas tarefas. De acordo com alguns depoimentos de jovens colaboradores, eles fornecem informação aos beneficiários, assessoram os oficinairos, divulgam as atividades, preenchem listas de presença etc. Como afirma um jovem colaborador: *Nossa função é bombril! Mil e uma utilidades.* Uma das tarefas mais difíceis, segundo alguns relatos, é encontrar oficinairos na localidade que tenham interesse em participar do Programa de forma voluntária.

Aos coordenadores e supervisores cabem as funções mais administrativas, como abrir a escola, entrar em contato com os representantes da UNESCO e do Sesc, providenciar o material necessário para a realização das oficinas, escrever relatórios e prestações de contas. Apesar de ter existido uma certa *divisão de tarefas*, é unanimidade entre os integrantes das equipes executoras o fato de que *todo mundo fazia um pouco de tudo.*

No que se refere à dinâmica das oficinas, os relatos são quase unânimes em apontar o oficinairo como o principal responsável pela atividade:

Toda decisão das oficinas está nas mãos dos oficinairos, nós só somos a equipe executora em matéria de organização. Mas quem decide é o oficinairo, ele é quem decide o que vai fazer, o que vai falar, como vai agir na sua sala, dentro dos parâmetros do Programa. (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

Em algumas escolas, observa-se uma maior integração dos oficinairos com a equipe executora, estabelecendo-se um diálogo constante entre os principais responsáveis pelo Programa. A integração nesses dois níveis permite o

acompanhamento das atividades, possibilitando maior visibilidade dos problemas e das dificuldades surgidas.

Fazemos um planejamento, acompanhamos o desenvolvimento das atividades, tanto do lado do oficinairo, conversando com o oficinairo, como do participante, do cliente, sabe? O cliente, nós convidamos: “Vem cá, o que está acontecendo, o que gostou, o que tá precisando melhorar, o que você acha que vai melhorar?” Aí, eles dizem. E os oficinairos também: “Tá sentido dificuldade? O que tem?” E aí nós conversamos abertamente e procuramos seguir, seguramos as salas, perguntamos, ficamos ligados nos acontecimentos. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

O relato acima também revela um outro aspecto importante para o bom andamento das atividades nos finais de semana: ouvir as demandas e os interesses dos beneficiários. As escolas que conseguem estabelecer canais de interlocução entre oficinairos, beneficiários e equipe executora têm um desempenho mais produtivo no âmbito geral do Programa.

De acordo com os dados da tabela 41, observa-se que 32,0% dos oficinairos indicam que encontros entre os diversos atores envolvidos com o PAE é uma das principais formas de resolução dos problemas encontrados. Outros 32,8% afirmam que a principal forma de resolução dos problemas ocorre em discussões entre os integrantes da equipe, e 15,7% deles apontam o recurso ao diretor da escola como forma de resolução. Chama atenção o fato de 20,4% dos oficinairos não identificarem problemas de gestão no Programa.

Como mostra a tabela 42, o diálogo e a integração dos oficinairos com os demais executores no planejamento das atividades são muito valorizados. Observa-se que 54,5% dos oficinairos assinalam que suas atividades são planejadas com as equipes executoras. No entanto, 3,6 % afirmam que não é realizado nenhum tipo de planejamento e 34,2% o fazem individualmente.

TABELA 41 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo formas de resolução de problemas do Programa – 2002

Formas de resolução de problemas	Frequência	Percentual
Discussões entre os membros da equipe executora	119	32,8
Encontros/conversas entre a equipe e os alunos, professores etc.	116	32,0
Pelo diretor e/ou coordenadores	57	15,7
Não existem problemas na gestão do Programa	74	20,4

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficineiros: *Como são resolvidos os problemas relacionados ao Programa Abrindo Espaços?*

TABELA 42 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das formas de planejamento das atividades – 2002

Formas de planejamento	Frequência	Percentual
Reuniões da equipe executora	198	54,5
Individualmente	124	34,2
Reuniões com a comunidade	37	10,2
Pelo diretor	32	8,8
Pelos professores da escola	31	8,5
Não é feito planejamento/preparação	13	3,6

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficineiros: *Como é feito o planejamento/preparação das atividades do Programa?*

O planejamento é uma etapa vital para o êxito das atividades do Programa. A boa administração e distribuição das oficinas é que vai assegurar a permanência dos participantes. Então, esse planejamento inclui desde a coleta de suas preferências até a alocação das oficinas nos espaços escolares adequados. Esse trabalho é desempenhado pela equipe executora, com o suporte técnico da coordenação do Programa, a ajuda dos jovens colaboradores e também dos oficineiros.

3.2.5 Divulgação

Depois do planejamento, a divulgação aparece como a etapa mais importante do Programa. O sucesso das atividades

depende da capacidade de atrair, para as oficinas, os jovens da escola e da comunidade.

O processo de mobilização e divulgação das atividades tem um duplo significado. De um lado, é uma maneira de aproximar a comunidade da escola; de outro, é um instrumento eficaz de incentivo à participação dos jovens.

No que se refere ao primeiro significado, pode-se sinalizar, a partir de certas expectativas demonstradas por alguns diretores e coordenadores do Programa, que houve uma maior visibilidade da escola na comunidade em que ela se situa. Sua imagem começa a ser vinculada, também, a conteúdos de lazer e cultura, e não somente como uma instituição de educação formal.

Mas o principal objetivo da divulgação é atrair o jovem para participar das atividades no interior da escola. De acordo com indicações da equipe executora, os próprios integrantes da equipe são os principais responsáveis pela divulgação do Programa (88,5%). No entanto, é relevante o fato de que 40,7% dos membros da equipe indiquem professores e funcionários, 39,4% apontem os diretores e 21,7% os alunos como agentes de divulgação.

TABELA 43 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo indicação dos agentes de divulgação do Programa – 2002

Agentes da divulgação	Frequência	Percentual
Equipe executora	200	88,5
Professores e/ou funcionários da escola	35	40,7
Diretor(a) da escola	49	39,4
Alunos da escola	92	21,7
Associações locais, ONGs, igrejas da comunidade	19	15,5
Pessoas da comunidade	89	8,4
Colegiado Escolar	16	7,1
Não há divulgação	1	0,4

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos membros da equipe executora: *Quem divulga as atividades do Programa Abrindo Espaços na comunidade?*

Quando se toma como referência os dados assinalados pelos beneficiários, observa-se que os alunos ficam em terceiro lugar no processo de divulgação, sendo indicados por 11,3% dos beneficiários. Ainda de acordo com os dados fornecidos pelos beneficiários, observa-se que 37,1% assinalam que a equipe executora foi a principal responsável pela divulgação. Chama a atenção a participação das rádios comunitárias, quando 15,4% dos beneficiários dizem que souberam do Programa por esse meio, o que pode ser uma indicação de um vínculo entre a escola e a comunidade.

TABELA 44 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo forma como tomaram conhecimento do Programa – 2002

Forma como tomou conhecimento	Freqüência	Percentual
Equipe executora	195	37,1
Rádio Comunitária	74	15,4
Alunos da escola	920	11,3
Cartazes, faixas ou folhetos produzidos no local	243	9,8
Professores, funcionários ou diretor da escola	383	8,3
Oficineiro	167	7,9
Participantes do Programa	206	6,7
Pessoas da comunidade	280	3,0
Jornal local	15	0,6
Total	2.483	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *Como você ficou sabendo das atividades do Programa Abrindo Espaços?*

No entanto, seguindo os diferentes dados coletados junto aos atores do Programa – equipe executora, beneficiários, supervisores e oficinairos – fica claro o papel e a responsabilidade dos jovens na divulgação.

São os principais responsáveis pela divulgação. Eles são os mais interessados e podem circular com mais tranquilidade pela comunidade. Aí fica o boca a boca, eles falam com o amigo, que fala com os pais, que fala com os vizinhos, e por aí vai. Acho muito importante o trabalho que eles fazem. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Como se percebe na tabela anterior, no que se refere às estratégias de divulgação, observa-se que elas são diversas e de naturezas distintas. Divulgação por meio de rádios comunitárias, caixas de som na frente das escolas, carros de som que ficam circulando pelas ruas do bairro e, até mesmo, nas igrejas:

Olha, nossa divulgação tá muito fraca. No início nós começamos pequenos, fomos nas escolas aqui da região, divulgamos na rádio comunitária que tem aqui no bairro. No bairro tem uma rádio comunitária, e aí a escola lotou. (...) Demos a uma pessoa da comunidade que teve aqui pra divulgar na missa. Tem uma missa aí que é lotada (...). (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Segundo os jovens colaboradores e supervisores, outras estratégias de divulgação são a organização de caminhadas com todos os integrantes das escolas, a colocação de faixas e cartazes nos comércios locais, distribuição de panfletos em pontos de ônibus, em outras escolas da região, igrejas, associações de bairro: (...) *boca a boca, caminhadas, rádio comunitária, folhetos nos postes, em ponto de ônibus, de sala em sala, colando cartazes na comunidade, o cara que vende o sorvete, com o bar da esquina.*

A falta de recursos para uma maior divulgação, como afirmou uma diretora, pode fortalecer iniciativas criativas, mas principalmente mobilizar os alunos das escolas, transformando-os nos principais agentes de divulgação: *São*

os alunos os mais interessados. Parte deles a iniciativa de correr as salas, falar com os colegas de outras turmas, colocar os cartazes nos murais. Enfim, o boca a boca é a melhor forma de divulgação.

A divulgação informal se dá, freqüentemente, por intermédio de parentes e amigos: *Minhas amigas me falaram; eu soube através de meus colegas; me disseram que estava havendo um Programa e que era gratuito; me disseram que estava tendo vários cursos; minhas primas; minha cunhada me disse.*

A camiseta usada para identificar a equipe executora é investida de múltiplas simbologias de pertencimento e também serve como um instrumento de divulgação:

(...) Eu mesmo faço a divulgação (...) Essa camisa mesmo, quando eu boto (...), no ponto de ônibus, [as pessoas perguntam]... onde é? O que é isso aí? Aí eu disse (...). (Grupo focal com oficineiros, Abrindo Espaços, BA)

É, tem sido bem divulgado. As pessoas na rua nos conhecem somente pela nossa roupa: "Ei! Oficineiro de onde? (...) O que estão fazendo aí?". Já chama atenção. (Grupo focal com oficineiros, Abrindo Espaços, BA)

Na tabela abaixo, observa-se que 84,1% dos integrantes das equipes executoras afirmam que os materiais produzidos na própria escola e nas oficinas são o principal meio de divulgação, enquanto quase metade (46,9%) assinala a utilização do material recebido pela UNESCO e pelo Governo do Estado. As equipes executoras também ressaltam a divulgação por meio das rádios comunitárias (34,5%).

O principal momento de divulgação é o próprio dia do Programa, quando a equipe executora tem um papel redobrado. Deve-se preocupar em atender aos beneficiários, ajudar os oficineiros, pensar em como ampliar a participação dos jovens da escola e da comunidade.

TABELA 45 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo meios de divulgação utilizados – 2002

Meios de divulgação	Frequência	Percentual
Cartazes, faixas ou panfletos produzidos no local	190	84,1
Material recebido da UNESCO e do Governo do Estado da Bahia	106	46,9
Rádio Comunitária	78	34,5
Carros de som	30	13,3
Jornal local	7	3,1

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi solicitado aos membros da equipe executora: *Identifique os meios utilizados na divulgação do PAE:*

Os jovens colaboradores têm a função de mobilizar os beneficiários. Porém, são os jovens beneficiários os principais propagadores no bairro. O *boca a boca*, neste caso, é mais eficaz do que qualquer outro tipo de divulgação, como pode ser observado na tabela a seguir, em que 48,0% levaram amigos ou vizinhos para participar do Programa e muitos levaram pessoas da família.

TABELA 46 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo quem já levou para participar das oficinas – 2002

Quem já participou	Frequência	Percentual
Amigos/vizinhos	1.318	48,0
Irmãos	705	25,7
Avós/tios/primos	268	9,8
Mãe	214	7,8
Pai	82	3,0
Filhos	46	1,7
Marido/mulher	26	0,9
Ninguém	853	31,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *Quem você já levou para participar do PAE?*

O depoimento a seguir mostra como o Programa pode ser um pólo de atração para as famílias, oferecendo espaços de encontro:

(...) aqui nós temos casos assim, da avó, da mãe e da neta fazendo crochê. (...) Isso é lindo. Temos em capoeira o pai, o filho, o pai e o filho, os dois, o filho de 5 anos e o pai de 50, certo? A família inteira, geralmente dá certo. (...) É assim mais jovens, muito mais jovens, agora você perde de vista o adulto, senhora de 64, 70 anos (...). (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

No entanto, há críticas que se referem à necessidade de uma divulgação mais ampla, no rádio e na TV, que deve ser promovida pela UNESCO e pela Secretaria da Educação:

[A UNESCO] Incentivou que a gente divulgasse, mas fica até difícil, porque o pessoal pensa que a gente vai divulgar algo que não tá passando na televisão. (...) Não pensar que a gente vai ficar com o “din-din”, (...) eles vão pensar que a gente tá arrecadando dinheiro pra passar o calote. (Entrevista com oficineiro, Abrindo Espaços, BA)

(...) agora, se fosse possível, porque o minuto na televisão é caríssimo,[se] a UNESCO pudesse disponibilizar esse dinheiro (...). A UNESCO pode colocar no horário nobre, depois do Jornal Nacional, na propaganda. (Entrevista com oficineiro, Abrindo Espaço, BA)

Por fim, é importante assinalar que os mecanismos de divulgação devem estar aliados a um bom planejamento, ao tipo de atividade oferecida e à integração dos diferentes atores da escola. Percebe-se, ainda, que as escolas onde o Programa tem apresentado significativos impactos investiram em uma grande mobilização em seu próprio interior, envolvendo seus alunos, professores e quadros administrativos. Pode-se afirmar que é na motivação e na capacidade de articulação da unidade escolar que reside o principal meio de divulgação do Programa Abrindo Espaços.

3.2.6 Parcerias

Podem ser reconhecidas como parcerias as ações de apoio na divulgação do Programa para a comunidade, quando comerciantes permitem que se coloquem cartazes nas paredes ou nos muros de seus estabelecimentos ou que neles se distribuam folhetos sobre os eventos. A propaganda em rádios e alto-falantes também acontece, como relata um jovem colaborador: *Eu sei que foi procurada a rádio daqui do local para ser divulgado um CD falando sobre o Programa.*

Outro tipo de parceria com a comunidade se dá na própria realização de atividades nos finais de semana, como é o caso do depoimento a seguir:

A gente tem parceria com uma locadora que sempre empresta filmes aos finais de semana pra gente passar pra comunidade (...). É tipo um cinema, que pega filmes inéditos (...). Temos também [parceria] com a academia (...), que cede o espaço dela para a oficina de suingue baiano. (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

Existem parcerias com academias locais de dança, capoeira, boxe, futsal, que encontram na escola espaços para a extensão das suas atividades e mobilizam alunos de suas academias para frequentar as oficinas do Programa.

A gente tem parcerias com a academia aqui em frente, que cedem todos os seus professores de capoeira e dança pra cá. A gente usa o espaço dia de sábado lá pra dança afro e maculelê. E quando a gente tem alguma festa, a gente sai pedindo nas lojas aqui, às pessoas influentes na comunidade, e eles nos cedem. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

A escassez de recursos também leva as escolas a procurarem apoio na comunidade para que o Programa

consiga oferecer condições mínimas de atendimento aos beneficiários. Como se constata na falas de um jovem colaborador e de um supervisor, a alimentação aparece como uma demanda importante:

A gente quer merenda pro pessoal, pras crianças, dar almoço pra prender mais o pessoal aqui na escola (...) Às vezes, eles estão aqui o dia todo e, em casa, não têm o que comer (...) A gente tá tentando ver um mercadinho ou, então, uma empresa grande que possa doar alimentos. (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

Empresários daqui da comunidade dão alimentação. A gente precisa e pede (...) Em determinada hora, dão um lanche e tal, pros oficineiros, entendeu? Então, isso tudo é participação, no caso, através do líder da comunidade, que é a quem nós recorremos. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Não se pode deixar de ressaltar, ainda, a contribuição que tradicionalmente prestam os pais e responsáveis, mesmo nos contextos em que as relações com a comunidade são limitadas. Essa contribuição dos pais se pauta na relação pessoal construída com integrantes da escola, como sugere um supervisor: *Parcerias são as pessoas daqui mesmo da comunidade, que me ajudam direto, sabe? Se eu preciso de alguma coisa, quando eu preciso, eu vou e consigo, entende?*

Apesar desses exemplos, a prática da parceria nos projetos sociais pode ganhar ainda mais consistência no âmbito das escolas. Reafirma-se, aqui, o fato de serem poucas as parcerias institucionais de grande porte. A fala de um supervisor dá conta dessa situação: *Nossas parcerias têm vindo muito de pessoas físicas mesmo. Eles cooperam muito mais do que quando a gente vai numa instituição ou num estabelecimento comercial.*

Por meio das parcerias pode-se perceber a importância e a aceitação do Programa. Elas revelam um certo grau de envolvimento da comunidade, que se dá por meio da participação no empréstimo de equipamentos para a realização das oficinas, até o fornecimento de alimentos para lanches dos oficinheiros e equipes executoras.

3.3 ATORES

Os chamados atores sociais do Programa são os que desempenham diferentes papéis na sua dinâmica de execução.

O Programa, que visa a incrementar a relação escola/comunidade, procura envolver sempre os diferentes atores em suas atividades. Assim, a presença de diretores, professores e funcionários da escola é considerada de fundamental importância. No entanto, essa é uma engrenagem complexa porque envolve variáveis distintas como salário, carga horária, hierarquia, disponibilidade e envolvimento com a proposta do Programa. Por isso, constata-se diferentes níveis de intensidade de participação desses atores.

Os oficinheiros possuem diferentes níveis de escolaridade, de interesses, de saber fazer e de experiências. Eles são voluntários, na sua maioria, e o Programa depende essencialmente de suas ações.

A relação escola/comunidade tem-se revestido de novos conteúdos a partir do Programa, o que é verificado nos depoimentos dos diretores. Os dados mostram que um grande número de beneficiários é da própria comunidade. Percebe-se um melhor desenvolvimento do Programa nas escolas que já desenvolviam laços mais estreitos com a comunidade. As atividades dos finais de semana intensificam essa relação abrindo os portões para os jovens, os pais, toda a família, vizinhos e amigos.

Os alunos se sentem motivados pelo Programa, na medida em que há uma quebra na rotina das atividades semanais da escola. A escola passa a representar não somente um lugar para as atividades didáticas, mas um lugar para a sociabilidade, contribuindo para a aprendizagem, criando um ambiente mais harmonioso.

Para os jovens, o Programa apresenta vários sentidos porque: têm oportunidade de fazer cursos inacessíveis se tivessem que ser pagos; eleva a auto-estima, quando socializam os seus conhecimentos com os outros; funciona como espaço de proteção na comunidade quando é identificado como participante; é uma chance para participar em atividades de lazer; funciona como contraponto para a violência, tirando os jovens da rua; é aberto para à comunidade; melhora as relações com a família; dá expectativa de futuro para a juventude e é um lugar de socialização.

3.3.1 Diretores

A Secretaria de Educação convocou diretores para participarem do Programa, logo após ter firmado convênio com a UNESCO.

A adesão das escolas ao Programa é uma resposta à convocação da Secretaria. Ela acontece de forma lenta e progressiva, inicialmente, pesa o receio de abrir os portões à entrada ampla e indiscriminada da comunidade, o medo das práticas de violência, como depredações, das quais as escolas são vítimas, e a dificuldade de funcionamento nos finais de semana.

Nas entrevistas, as justificativas para aderirem ao programa apresentadas pelos diretores são variadas: algumas escolas viram a possibilidade de reforço à integração que já existia com a comunidade de forma mais sistematizada; a oportunidade de desenvolverem um programa de paz em áreas de muita violência e de atenderem às solicitações da comunidade, oferecendo lazer aos alunos.

Não há dúvida sobre o fato de que a figura do diretor tem papel fundamental na vida da escola. No que tange ao Programa Abrindo Espaços, tem sido possível perceber, entre os diretores das escolas envolvidas, a existência daqueles que assumem uma participação ativa, exercendo funções, doando materiais para as oficinas, organizando lanches e almoços para os beneficiários e freqüentando as atividades.

Em alguns casos, componentes da direção se ocupam da própria coordenação do Programa, como deixa perceber a fala de um supervisor, que aponta o fato de a diretora estar sempre *por dentro* de tudo que acontece no *Projeto*. Vale dizer que há vários depoimentos que assinalam o interesse dos diretores sobre o andamento e os resultados do Programa, principalmente no que tange à sua possibilidade de tornar melhor a relação da escola com a comunidade:

A diretora está sempre perguntando: Como é que está o Abrindo Espaços, os meninos têm vindo aqui? Pergunta se a gente, se está precisando de alguma coisa, orienta: “Por que vocês não fazem dessa forma, pra ver se dá certo?” Pediu que o Programa fosse divulgado na rádio daqui, que ela tem conhecimento na comunidade. Ela tenta ajudar da maneira que pode. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

A direção é muito participativa, ativa. Tem preocupação com a comunidade. Até os próprios professores também têm essa preocupação. Isso facilita o trabalho, apesar de alguns empecilhos. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

Como já abordado, há casos em que a presença do diretor nos finais de semana torna-se um fator de estímulo à participação de outros atores, como é possível perceber na fala de um supervisor: *O envolvimento da diretora com o projeto é total. Ela fica todo o sábado com a gente. Ela liberou, por causa do sábado*

letivo, que a gente estendesse o projeto além da hora, para que a gente pudesse funcionar.

Uma questão importante a destacar é o fato de a participação da direção ser vista como fundamental para trazer soluções, ainda que provisórias, como o problema de recursos, com que se defronta o Programa em várias escolas e cuja solução se faz urgente.

A falta de verbas, por exemplo, aparece como obstáculo nos dizeres de um supervisor que credita à direção de sua escola o apoio recebido para superá-la: *Desde o início, a gente não tinha verba (...). Então, como é que nós iríamos funcionar mesmo?* Outro supervisor destaca a colaboração da diretora do estabelecimento em que trabalha na manutenção da limpeza das instalações durante a realização das atividades.

Entretanto, é no que tange à alimentação dos participantes – seja dos integrantes da organização do Programa ou dos seus beneficiários – que o papel dos diretores se mostra fundamental, visto ser o não-oferecimento de merenda uma das limitações citadas de forma mais recorrente nas críticas ao Abrindo Espaços. Em algumas escolas, *a diretora dá merenda; ajuda na merenda.* Os depoimentos de vários atores mostram a importância da presença dos diretores nas escolas:

A diretora ajuda dando a merenda pra quem ficou aqui muito tempo sem merendar, para não ficar com fome o dia todo. Ela oferece alimento também para os oficineiros e para algumas pessoas de fora. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

Pelo que eu sei, o projeto não está enviando recurso para essa escola, em termos de alguma espécie de merenda para as crianças. A diretora, sempre que pode, ela nos cede biscoito ou suco. (Entrevista com oficineiro, Abrindo Espaços, BA)

Certamente, a participação de alguns diretores no Programa traduz o interesse pela inovação, por ele representado, e o sentido de responsabilidade de que seu cargo está investido, com relação a tudo o que acontece nas escolas. Entretanto, alguns daqueles que, a princípio não se envolviam, vão aos poucos percebendo os resultados do Programa, conforme refletem as palavras de um jovem colaborador: *Quando começou, a diretora não colaborava com tudo que a gente precisava. Agora, não. Melhorou 100%! Ela viu que o Programa está dando certo, que é bom pra ela, pra comunidade e pra escola.*

A tabela a seguir permite observar que 17,2% dos diretores comparecem todo final de semana às escolas para acompanhar “de perto” o Programa, enquanto 32,8% o fazem com certa regularidade e 48,3% eventualmente:

TABELA 47 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo visitas ao Programa – 2002

Presente no Programa	Freqüência	Percentual
Todo fim de semana	10	17,2
Regularmente	19	32,8
Eventualmente	28	48,3
Nunca	1	1,7
Total	58	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos diretores: *Você está presente no Programa Abrindo Espaços:*

No entanto, existem diretores menos disponíveis. Estes se sentem responsáveis por tudo que ocorre dentro da escola e temem depredações, roubos, assaltos e outros danos ao equipamento, desconfiando mesmo da entrada de pessoas que não são da escola: (...) *tem colegas que receiam abrir a porta da escola para a comunidade devido a essa cobrança.*

Em alguns momentos, observa-se que a resistência dos diretores pode dificultar a realização das atividades, como sugerem os depoimentos a seguir:

A direção da escola tem sido muito fechada. O envolvimento da escola, mesmo, é pouquíssimo. A diretora só aparece na minha sala quando sabe que vocês [da UNESCO] vão aparecer. Durante esse tempo que vocês não vêm, eu não vejo a cara da diretora. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

A escola se envolve muito pouco, a diretora, desde sete meses que eu estou aqui, ela só veio um dia e não vem ninguém que trabalha aqui na escola durante a semana. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

O diretor tem um papel fundamental dentro da escola, uma vez que é ele o responsável pelo que acontece nesse espaço. Naquelas envolvidas com o Programa, tem-se constatado que a sua presença tem igual importância. Embora a presença dos diretores seja um aspecto positivo em grande parte das escolas, em algumas delas, os eles não apresentam disponibilidade de comparecer às atividades realizadas nos finais de semana, o que resulta em significativa diferença entre umas e outras.

3.3.2 Professores

O Programa conta com participação reduzida dos professores, principalmente quando comparada a de outros atores da escola. Essa particularidade não constitui surpresa em ações com o perfil do Abrindo Espaços.

Conforme já apontado em várias pesquisas (Abramovay *et al*, 2001; Corti, Freitas e Sposito, 2001), vários tipos de problemas se colocam para que se processe um maior envolvimento dos docentes. O mais aparente refere-se, por

certo, ao fato de que muitos trabalham em vários estabelecimentos durante a semana e mesmo aos sábados, o que os impossibilita de participação na vida escolar além do limite de suas próprias aulas: *Está sendo impossível por falta de tempo, também sou da rede particular (...) meu único dia é domingo; trabalho os três turnos, aos sábados ainda trabalho fora. E vira essa confusão toda.* Porém, o que possivelmente tem peso decisivo é a sobrecarga de trabalho sem compensação financeira para uma categoria cujos ganhos são bastante reduzidos.

Questões como essas se traduzem, freqüentemente, no alheamento de muitos deles com relação às demandas do Programa, resultando, por vezes, em incompatibilidades operacionais: a impossibilidade de uso de quadras de esporte, a interferência nas aulas de reposição que teriam lugar aos sábados⁸, etc.

Há também os que alegam não participar por não terem sido formalmente convidados ou por não disporem de informações suficientes: *Quando o Programa começou, não recebi logo o convite. Conheço superficialmente.* Os professores dizem ter sido informados sobre o programa algumas vezes pela: *Imprensa e desconhecer como é que o Programa trabalha.*

Na opinião de alguns jovens colaboradores, os professores não participam por não possuírem entrosamento com a comunidade e com a escola: *Porque não entendem a comunidade dentro da escola.* Esses jovens apontam que não existe relação ente escola e Programa: *São dois mundos. (...) a escola, às vezes, intimida e afasta as pessoas do Programa.* Alguns supervisores afirmam que os professores não se envolvem: *Professor mesmo para participar é muito difícil; (...) talvez pela dificuldade de sair de casa no final de semana.*

⁸ Para cobrir a carga horária mínima prevista por lei, comprometida pela realização de greve dos professores em 2002, a Secretaria de Estado de Educação determinou a reposição de aulas nos finais de semana. Em função disto, o Abrindo Espaços passou a ocorrer, simultaneamente, com aulas regulares.

Vale, aqui, refletir sobre as distintas interpretações que uma ação como o Abrindo Espaços suscita. Alguns o identificam como uma saudável possibilidade de acesso a espaços públicos para uma considerável parcela de pessoas que se acham excluídas deles, para outros, estigmatiza-se como um “programa para pobres” ou como atividade incompatível com o perfil da escola:

Os professores? Eles não participam muito. É raro ter algum professor aqui, no final de semana. Eles não têm muito esse entrosamento com a comunidade e com a escola (...). Sempre tem uns que são contra, porque ainda não entendem essa parte, da comunidade dentro da escola. (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

Deve-se atentar, ainda, para o fato de alguns atribuírem conotações de cunho político à ação, como sugere a fala de um supervisor: *Os professores (...) a impressão que eles tinham é que o Programa seria voltado para a política. Enfim, uns vêm, se aproximam, fazem (...), mas outros ficam um pouquinho distantes, entendeu?*

Entretanto, a presença, direta ou indireta, de diversos professores nas atividades do Abrindo Espaços mostra que é possível mudar esse quadro, como atestam vários depoimentos de coordenadores: *O primeiro oficinairo da gente, aqui, foi um professor do colégio. Vai fazer um ano aqui com a gente. É a oficina mais procurada, a dança de salão. E olhe que ele é o professor de matemática, ele participa!*

A participação dos docentes quase sempre aparece relacionada a suas próprias atividades e qualificações específicas. Em algumas áreas, esse aspecto torna-se mais marcante, como no caso de professores de educação física e de informática que se colocam à disposição do Programa para colaborar em oficinas. Segundo depoimento de um supervisor: *(...) alguns professores se envolvem, nós temos um professor*

que é instrutor de informática, está aqui todo sábado e trouxe amigos para participar do projeto. É assim, alguns se envolvem e outros não, são indiferentes.

É importante ressaltar que o processo de mobilização dos professores pelo Programa se dá aos poucos e, muitas vezes, por suas vantagens “marginais”, como, por exemplo, a possibilidade de contribuir para o rendimento dos alunos que necessitam de algum tipo de reforço ou opção de atividades:

Ab! Tem uma coisa que tem sido legal... Eles, os professores – não digo todos – a gente já conquista: Tem uma oficina de que esse aluno possa participar? É que ele está sentindo dificuldade, ele está muito agressivo, ele está aprontando na sala, será que não tem uma oficina em que ele possa canalizar tudo isso? Eles mesmos têm indicado oficinas para esses alunos com problemas e para outros também. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Constata-se que os professores têm pouca participação no Programa, na medida em que eles afirmam não ter disponibilidade de tempo. Verifica-se que sua presença não apenas é importante, como, em alguns casos, é necessária, porque dominam conhecimentos essenciais seja em consequência de sua função na escola ou que a ela ultrapasse.

Enfim, essa possibilidade de participação mais efetiva no Programa mostra que é possível existirem relações viáveis entre o seu trabalho mais específico de “sala de aula” e as alternativas do Abrindo Espaços.

3.3.3 Funcionários

O Programa Abrindo Espaços se beneficia, também, do apoio dos vários tipos de funcionários que atuam nas escolas em diversas funções: merendeiras, serventes, porteiros, vigias, auxiliares de secretaria etc. Tal fato não

constitui surpresa, visto que esses atores se mostram fundamentais às atividades nos finais de semana.

No Programa, a colaboração deles tem sido destacada em diversos aspectos, dentre os quais a manutenção do espaço escolar, como aponta um coordenador, ao assinalar seu papel na limpeza da escola, na véspera da realização das atividades: *Eles sabem que no outro dia tem o Abrindo Espaços!* Outro coordenador amplia a importância atribuída à participação desses profissionais: *Aqui, os funcionários da escola preparam tudo. Nós também temos funcionários da escola nos atendendo. Vejo o envolvimento da escola, que está consciente do seu papel e da sua função dentro do Projeto.*

Também no que se refere à divulgação, a colaboração dos funcionários tem sido apontada por vários beneficiários, que afirmam ter tomado conhecimento do Programa por seu intermédio, como ilustra a fala de um deles: *Eu soube que o Projeto existia através de uma funcionária da escola, que me convidou pra participar.*

A satisfação desses integrantes do cotidiano da escola com o Programa é percebida no entusiasmo com que se referem aos seus efeitos na vida dos jovens. Refletindo uma certa visão “salvacionista” da ação desenvolvida:

O Programa está indo muito bem, é como uma terapia fazer parte deste trabalho, onde os jovens estão se ocupando e saindo das ruas. Aqui, tem um jovem que bebia muito e foi convidado a participar de uma das oficinas. No início das aulas ele chegava tremendo, mas agora ele está se recuperando muito bem. (Entrevista com membro da equipe executora, Abrindo Espaços, BA)

Há, por certo, aqueles que creditam ao Abrindo Espaços resultados compatíveis com sua finalidade primeira – a redução da violência –, como mostra a fala do vigilante de uma escola: *Aqui, antes do Abrindo Espaços, havia muita violência, por qualquer coisa tinha uma briga. Agora, além disso, a gente não fica aqui sozinho, temos companhia nos finais de semana.*

Os funcionários, em muitos casos, são indicados pelos diretores para integrarem a equipe executora. Em geral, são pessoas que residem no próprio bairro, sendo que a ajuda de custo oferecida pelo Programa pode servir como um estímulo para seu trabalho no final de semana.

3.3.4 Oficineiros

O papel do oficineiro é fundamental no Programa porque desperta e motiva a capacidade criativa dos participantes. Para isso, é preciso que tanto oficineiros quanto beneficiários criem dinâmicas que possibilitem um melhor aproveitamento das oficinas:

Eu acho que eles são interessados, eles são muito criativos, a questão de criar é com eles mesmos. Eles são responsáveis. Não todos, né? Mas a maioria é responsável, eles têm aquela coisa de interesse, são interessados, eles são críticos mesmo. Fazem críticas tanto ruins como boas (...). Querem aprender e querem até passar (...) porque teve muito oficineiro aqui, tem muitos oficineiros mesmo, que foram alunos. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

Os oficineiros apresentam-se com uma diversidade de perfis, experiências, formação e, segundo um supervisor, são: *Pessoas da comunidade, ex-alunos, alguns ex-professores e pais de alunos. Possuem habilidades: Faço trabalho de floricultura; dou aula de violão; sou cabeleireiro; sou costureira; sou de uma rádio comunitária.* Alguns deles trabalham em academias de dança ou capoeira: *Dou aula em outras academias e sábado e domingo venho para cá.*

O Programa é também uma oportunidade para os jovens que não tiveram espaços para expressar os seus talentos, fazendo do que seria uma prática ilegal, um trabalho educativo com efeito multiplicador, como mostra os depoimentos a seguir:

(...) os oficinairos são jovens também, que eu falei que tava na rua sem fazer nada e tem muitos também que, sei lá, faziam arte, que não tinha ninguém pra valorizar a arte deles, e através desse Projeto (...).(Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

(...) ele pichava a escola toda, as cadeiras, mesas, paredes e aí a diretora falou assim: “Você gosta de pichar, tem um trabalho ótimo para fazer aqui aos sábados”. (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

Os oficinairos são elogiados por todos os participantes do Programa: *São pessoas atenciosas, comprometidas com trabalho e com horário, dedicados, têm força de vontade, [são] preocupados com o social; têm bom ânimo; são pessoas que querem a mudança do próprio bairro. São chamados de professores pelos beneficiários: São professores excelentes. Muitos consideram que constroem uma relação mais de amigo do que de professor.*

Os oficinairos, em geral, ingressam no Programa por meio de convite da equipe executora:

Fiquei sabendo através da coordenadora do projeto, ela me ligou e perguntou se eu tinha interesse; quando [a diretora] me chamou eu nem sabia o que ia fazer (...). Eu gosto de trabalho com a comunidade, e algumas vezes, dos próprios alunos, (...) eles precisavam de alguém que fazia grafite, então ela foi me chamar. (Entrevista com oficinairo, Abrindo Espaços, BA)

O critério de indicação é ter alguma habilidade e saber transmitir o conhecimento: *Sabiam que eu tocava violão, me convidaram.*

Os depoimentos confirmam a força de mobilização dos jovens colaboradores sobre outros jovens e, segundo um coordenador: *A gente procura oficinairo, quando o oficinairo tá disposto a trabalhar a gente conversa com ele, os dias que ele pode vir, se ele quer realmente encarar.*

Em alguns casos os oficinairos são chamados para atuar como um elemento de ligação com os jovens mais problemáticos da comunidade, ajudando a escola e o Programa, porque falam a mesma linguagem dos jovens:

[A supervisora] *me pegou e botou de segurança das meninas (...). Foi passando, evoluindo. Falei que sabia jogar tênis de mesa, ela pegou me botou na oficina, agora estou no Projeto.* (Entrevista com oficinairo, Abrindo Espaços, BA)

(...) eu sou ovelha negra (...), não moro aqui, não conhecia esta área e fui convidado para trabalhar com esse projeto. (Entrevista com oficinairo, Abrindo Espaços, BA)

Segundo a tabela a seguir, a maioria dos oficinairos recebeu o convite para participar do Programa por meio das equipes executoras (51,3%). Depois, entre as categorias mais citadas, seguem outro oficinairo (19,6%), os próprios alunos da escola (12,3%) e pessoas da comunidade (10,6%).

TABELA 48 – Oficinairos do Programa Abrindo Espaços segundo quem fez o convite para que participasse do Programa – 2002

Quem fez o convite	Frequência	Percentual
Equipe Executora	175	51,3
Outro oficinairo	67	19,6
Alunos da escola	42	12,3
Pessoa da comunidade	36	10,6
UNESCO	18	5,3
Universidade	1	0,3
ONG da qual você faz parte	2	0,6
Total	341	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficinairos: *Quem fez o convite para você participar do Programa?*

O Programa adota o voluntariado como principal forma de inserção dos oficineiros. Cabe destacar que, dentre os agentes responsáveis, apenas a equipe executora e os oficineiros itinerantes⁹ recebem uma ajuda de custo mensal.

No entanto, a falta de remuneração dos oficineiros cria dificuldades no plano da estruturação das oficinas. Esse tipo de organização baseada no voluntariado, ao mesmo tempo em que permite maior sintonia entre o Programa e os beneficiários – visto que existe um diálogo mais intenso entre os diferentes atores –, pode gerar, em contrapartida, oficinas fragmentadas. Tenta-se superar essa dificuldade com uma organização e um planejamento flexível e diversificado a fim de evitar ao máximo os “buracos” nos finais de semana.

A opção pelo voluntariado, como forma de dinamizar um conjunto de ações, merece algumas considerações. Como mostra a tabela a seguir, a quase totalidade dos oficineiros (91,8%) aderiu ao Programa de forma voluntária, sendo que apenas 8,2% recebem ajuda de custo.

TABELA 49 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo situação quanto à ajuda de custo – 2002

Ajuda de custo	Freqüência	Percentual
Voluntário	326	91,8
Remunerado	29	8,2
Total	355	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficineiros: *Você é oficineiro*: (categorias da tabela)

Esse dado é bastante expressivo numa realidade em que os jovens precisam cotidianamente se empenhar para produzir sua existência. Conforme vêm apontando diversas pesquisas da

⁹ O oficineiro itinerante é remunerado, permanece um determinado período na escola e quando implanta a oficina formando multiplicadores, é remanejado para outra escola.

UNESCO, a juventude é levada a trabalhar cada vez mais cedo, tendo em vista a necessidade de contribuir com a renda familiar (Abramovay, 2001; Castro, 2001).

Os depoimentos dosicineiros mostram que durante a semana eles estão desempregados: (...) *já venho trabalhando com dança, estou desempregado*. Ou que eles trabalham em atividades do mercado informal e estudam:

Eu trabalho como autônomo, faço show de música (...) dou aula particular de violão. (Entrevista com oficineiro, Abrindo Espaços, BA)

Estudo e faço alguma coisa para ganhar dinheiro. (Entrevista com oficineiro, Abrindo Espaços, BA)

De vez em quando, faço biscates para ganhar um dinheirinho (...). (Entrevista com oficineiro, Abrindo Espaços, BA)

Nesse contexto em que prevalece o trabalho voluntário, 42,8% dos oficineiros declaram exercer algum tipo de função remunerada fora do Programa e 31,5% afirmam que estão desempregados (ver tabela a seguir).

Segundo o Programa Voluntários, do Conselho do Comunidade Solidária, lançado em 1997, *o voluntário é o cidadão que, motivado pelos valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não-remunerada, para causas de interesse social e comunitário* (Landin e Scalon, 2000: 46)¹⁰.

¹⁰ Posteriormente, foi definido em lei o voluntariado. Em 18 de fevereiro de 1998 foi sancionada a lei do voluntariado, onde pode ser encontrada a seguinte definição: *considera-se serviço voluntário: a atividade não-remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não-lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive, mutualidade* (Lei nº 9.608, Diário Oficial da União, 18/02/98).

A motivação para *doar* tempo e trabalho para *causas de interesse social e comunitário* aparece como um dos grandes impulsionadores de adesão ao Programa. Como pode ser visto na tabela a seguir uma parcela significativa dos oficinairos (53,7%) consideraram *importante esse tipo de trabalho*. Outros 21,4% são motivados a aderir ao Programa porque têm experiência anterior.

Entretanto, é extremamente relevante que 15,5% apontem como motivo de sua participação no PAE a possibilidade de abertura de novas frentes profissionais. Nas entrevistas e nos grupos focais, fica evidente a expectativa de vários oficinairos, em curto prazo, conseguir *um contrato com a UNESCO*.

TABELA 50 – Oficinairos do Programa Abrindo Espaços segundo motivo de sua participação no Programa – 2002

Motivo da participação	Freqüência	Percentual
Acha importante esse tipo de trabalho	173	53,7
Tem experiência com esse tipo de trabalho fora da escola	69	21,4
Abre novas possibilidades profissionais	50	15,5
Já desenvolvia trabalhos desse tipo em escolas	27	8,4
Por causa da remuneração	2	0,6
Solicitação do diretor	1	0,3
Total	322	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos oficinairos: *Por que você participa?*

De acordo com alguns autores (Landim, 1998; Fernandes, 1994), o trabalho voluntário refere-se a um conjunto diversificado de relações estabelecidas em contextos específicos com conseqüências e significados diversos. Ao falar de voluntariado, está-se qualificando um determinado tipo de relação entre um ou mais atores em que entram em

jogo expectativas e interesses. O voluntariado estabelece uma relação de reciprocidade, onde o dar (ou doar) prescinde do receber. O trabalho voluntário, diferentemente da relação anônima do mercado, que é feita através da forma monetária, estabelece uma relação personalizada e significativa. Ou seja, estabelece um tipo de interação aparentemente desinteressada, mas que pressupõe uma reciprocidade, em que o outro vértice do dar é o receber.

No Programa, é possível observar diferentes motivações que levam os oficinairos a participar como voluntários. Os depoimentos mais frequentes de supervisores, coordenadores e beneficiários relacionam o voluntariado com a doação, solidariedade, ajudando aos que necessitam: *É um trabalho que vale a pena você fazer, porque você ajuda as pessoas [a se] desenvolver melhor, a ter uma auto-estima, porque tem muita gente que tem baixa estima (...). Eu acho que, nisso, a gente tem que ajudar as pessoas (...) ajudar o próximo.* Muitas vezes, o voluntariado é definido como um ato religioso: *O voluntariado é um dom de Deus; eu acho que os oficinairos são uns anjos enviados por Deus (...).*

Em outros casos, o ato de ajudar possibilita um certo tipo de reconhecimento, como é expresso na fala de um jovem que associou sua participação como uma forma de: *ser reconhecido pelas pessoas por fazer uma coisa boa.* Este tipo de associação entre o dar (ensinar) e o receber (em forma de reconhecimento, dignidade ou respeito) apareceu de forma bastante acentuada nas entrevistas.

O ato de ajudar o outro pode trazer, ainda, recompensas, elevando a auto-estima. Como mostra o relato de um oficinairo, o ensinar ao outro pode gerar uma atitude de respeito, de reconhecimento e de melhoria da sua própria imagem como indivíduo e cidadão: *Sentir o respeito das pessoas (...) aprender a lidar com o homem, com o mundo. O que mais motiva isso é a gente aprender com eles. Tô passando pra eles, e estou aprendendo com eles também.*

A idéia de trabalho voluntário aparece ainda como uma forma de estabelecer um tipo de comunicação e uma possibilidade de se integrar em outros espaços de sociabilidade. É percebido como um mecanismo de aproximação, integração e participação na vida social e comunitária, qualificando um tipo de interação social ensinando, aprendendo e conhecendo:

O trabalho voluntário tem sido gratificante porque há mais de 20 anos a minha vida inteira é trabalhar com comunidade. Então, a gente está sempre aprendendo, nós não estamos só ensinando, passando o que nós sabemos, nós estamos sempre aprendendo com a comunidade e nós estamos a par de tudo o que acontece com a comunidade.
(Entrevista com oficinairo, Abrindo Espaços, BA)

Para outros, esse tipo de trabalho é percebido como uma forma de ampliar e dar visibilidade a uma atividade que já vinha sendo desenvolvida. A participação no Programa é vista como uma oportunidade de ampliar o alcance do seu trabalho, seja incorporando novas pessoas ou divulgando-o em novos espaços: *Se a pessoa souber que a gente faz uma coisa voluntária, amanhã ou depois, tem uma coisa para a gente, lá na frente. Se tiver uma pessoa egoísta ali, “Olha, aquele só faz pago. Aquele é voluntário. Dê para o voluntário que ele merece”.*

Observa-se que neste caso, a participação como voluntário se opõe à idéia de egoísmo e à percepção de que o voluntário é mais reconhecido do que aquele que faz por dinheiro. Esse tipo de percepção corrobora a idéia do voluntariado como uma ação desinteressada.

No entanto, ser voluntário torna-se uma estratégia que visa a algum tipo de recompensa no futuro: estabelecer redes, canais de interlocução que permitam novas possibilidades. Ser voluntário pode abrir espaços: *Pois é valorizado.* A recompensa não é imediata, mas pressupõe o tempo e a conjunção de outras

estratégias e oportunidades, como mostra o depoimento de uma supervisora: *É a melhor maneira de você se profissionalizar mesmo e entrar em contato com outras pessoas, tanto que sou voluntária em outros lugares.*

A idéia acima também se expressa de outras formas. Nos depoimentos coletados, houve uma grande incidência de afirmações de oficinairos que acreditavam que trabalhar como voluntário poderia abrir novas oportunidades profissionais. Assim, o trabalho voluntário é percebido como porta de entrada para uma inserção profissional. Mesmo que 53,7% dos oficinairos tenham-se motivado para participar das atividades pela importância atribuída ao Programa, 15,5% responderam que o Programa pode abrir novas oportunidades profissionais (Tabela 50).

Este dado merece atenção, pois expressa não apenas um significado atribuído ao trabalho voluntário, de ampliar oportunidades, mas também uma percepção sobre o caráter e o objetivo do Programa, criticado pela falta de recursos financeiros suficientes:

QUADRO 6 – Inconscientes

Entrevista com oficinairo, Abrindo Espaços, BA

Como o país está passando por uma crise por falta de emprego, nós temos a profissão nas mãos e surge um projeto como este e pede que nós sejamos voluntários. Aí eu acho um tanto quanto (...) inconsciente. Por quê? Eu venho (...) porque eu sou da comunidade, mas moro a uns quilômetros de distância. Então, para eu vir, todo sábado de manhã, eu venho andando. E às vezes eu nem tomo café pela manhã.

Neste depoimento, estão contidas duas visões: uma sobre as necessidades concretas de sobrevivência e outra sobre o

reconhecimento do trabalho, sobre a busca de valorização da profissão, do conhecimento adquirido, além de uma demanda por algum tipo de remuneração. O depoimento contém ainda uma visão que associa a sua motivação para participar do Programa ao fato de o trabalho estar vinculado com seu universo social, a comunidade.

Observa-se, entretanto, que essas visões não são contraditórias, mas evocam sentimentos e percepções diferentes quanto ao que seja trabalho voluntário. A falta de ajuda de custo para locomoção, alimentação, tem sido objeto de críticas ao formato do Programa, como mostra o depoimento de oficinairos: *Você sai de sua casa pra vir ajudar as pessoas, eu acho assim maravilhoso. Agora, no meu caso, como eu posso ser voluntária, eu moro no centro da cidade? Agora, pra quem mora perto da escola, é bem mais fácil.*

O que se constata nos depoimentos são ambigüidades na percepção entre uma perspectiva de trabalho e uma ação voluntária. Mesmo não havendo contradição entre querer ser remunerado e ser voluntário, o formato adotado vem gerando uma imensa expectativa entre os oficinairos no que se refere às possibilidades e oportunidades de que o Programa venha a proporcionar uma remuneração¹¹.

O fato de 19,6% dos oficinairos serem indicados por outros oficinairos revela a importância das redes de solidariedade que são acionadas, gerando um efeito “cascata” positivo. Em um tipo de atividade em que o voluntariado aparece como uma estratégia de trabalho, torna-se importante consolidar as redes já existentes entre os diferentes atores envolvidos, o que estimula processos de construção coletiva.

¹¹ Segundo Campello, o desemprego aflige aos jovens de Salvador de uma maneira muito desigual, "ele é mais acentuado para os menos escolarizados, para as mulheres e para os negros" (Campello *et al.* 2001: 490).

Em resumo os oficineiros chegam até às escolas pelos seus talentos e habilidades e encontram nas oficinas um importante espaço para sua expressão. Por meio da ação de voluntários eles têm esperança de, no futuro, receberem um reconhecimento profissional dessa ação. Em geral eles são chamados pelos seus talentos e em outros casos são chamados para exercer uma mediação com jovens que apresentam diferentes conflitos na relação comunitária.

Se o fato de ser voluntário imprime um caráter de ação voluntária, gera também problemas para os jovens de classes populares, na medida em que, muitas vezes, não dispõe de meios próprios para transporte e alimentação para atuar nas oficinas, havendo, em função disso, uma demanda financeira para o exercício dessa função.

3.3.5 Beneficiários

A maior contribuição que o Abrindo Espaços traz talvez seja a redescoberta da comunidade pela própria escola. Muitas delas perdem o medo de se abrir para seu entorno. Quando, por exemplo, aqueles que depredam as escolas deixam de agir contra o estabelecimento pelo fato de seus filhos ou parentes estarem ali espontaneamente – como se observa em alguns depoimentos –, eles estão, de certa forma, respondendo a um movimento da escola no sentido de incluí-los, o que remete a Dubet (2001: 17). Este autor identifica na violência do jovem contra o estabelecimento um dos contrapontos ao “jogo escolar”: “A violência possibilita salvar sua dignidade e também engrandecer seu autor perante o grupo de iguais, dentro de um jogo no qual se vê fadado à condição de perdedor”.

Esse processo de redescoberta, por ambas as partes – a escola e a comunidade –, parece bem colocado no depoimento de um supervisor:

A comunidade está sendo muito legal com o Programa. Eles nos procuram para usar o espaço da escola. As mães já pegaram o hábito de, quando não acham os filhos na rua, virem pra escola pra conseguir achar. Eles estão fazendo alguma coisa aqui dentro! Então, tá sendo legal (...). No começo, a gente temia invasão, as portas abertas (...). A gente temia muito qual seria a reação dessas pessoas, vários equipamentos à sua disposição (...). Então, a gente ficava sempre alerta, mas acabou que a gente notou que eles próprios cuidam. A gente está muito satisfeita com a comunidade! (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Um aspecto básico a ser observado, no que se refere ao envolvimento da comunidade com a escola por meio do Abrindo Espaços, é o fato de aqueles que estão “do lado de fora” do espaço escolar, de forma geral, acreditarem no trabalho desenvolvido e a ele se integrarem, tomando parte das atividades propostas de forma, freqüentemente, voluntária e participativa.

A tabela a seguir mostra dados interessantes: Por um lado 84,6% dos beneficiários residem nas próprias comunidades onde estão situadas as escolas, uma indicação de que um dos objetivos do Programa está sendo alcançado, qual seja, atender àqueles que vivem nos arredores dos estabelecimentos, carentes de opções de lazer e cultura para os jovens. Por outro, 15,4% deles vêm de outras áreas, o que pode estar revelando dois fenômenos: a maior extensão espacial de atendimento de determinados estabelecimentos e a capacidade de atração das atividades desenvolvidas sobre outras comunidades. Vale lembrar, aqui, que a localização de determinadas escolas e a facilidade de acesso aos meios de transporte, entre outros fatores, as leva a atender, no cotidiano, a pessoas provenientes de locais situados fora de suas vizinhanças.

TABELA 51 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo indicação de que mora na comunidade – 2002

Mora na comunidade	Frequência	Percentual
Sim	2.270	84,6
Não	412	15,4
Total	2.682	100,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *Você mora nesta comunidade?*

Pais, outros parentes e amigos acompanham os jovens em sua incursão aos finais de semana na escola. Como afirma um jovem colaborador: (...) *Sem a comunidade, acho que o Projeto não teria graça, pois o fundamento do Projeto é, realmente, trazer a comunidade pra dentro da escola, pra que a comunidade se conheça, esqueça esse negócio de violência.*

De fato, chama a atenção, nas relações estabelecidas entre o Abrindo Espaços e a comunidade, a transformação da escola em espaço mais acessível, tornado público, aos olhos daqueles que, muitas vezes, não a reconheciam como tal. Sem dúvida, só este dado seria suficiente para se apostar no Programa como indutor de inovações na complexa relação entre o estabelecimento escolar e o seu entorno, marcada, eventualmente, por conflitos, dentre os quais as manifestações de violência se enquadram.

Nesse aspecto, destaca-se a possibilidade de melhora das relações com a comunidade (82,8%), além da perspectiva de se reduzir a violência (74,1%), ser apontada pelos diretores como motivo importante de adesão ao Programa, conforme se constata na tabela 52.

O depoimento de uma diretora corrobora os dados, ao explicitar sua opinião sobre as potencialidades do Abrindo Espaços:

O Programa Abrindo Espaços é uma oportunidade ímpar para trazer mais a comunidade para a escola, oferecer o espaço da escola, fazer

com que eles saibam o que aquela escola está promovendo, preservem o seu patrimônio e sintam que ela é patrimônio da própria comunidade. (Entrevista com diretor, Abrindo Espaços, BA)

TABELA 52 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo motivo da adesão ao Programa – 2002

Motivo da adesão	Freqüência	Percentual
Melhora o relacionamento da escola com a comunidade	48	82,8
Contribui pra diminuir a violência na comunidade	43	74,1
Contribui para a proposta pedagógica da escola	26	44,8
Solicitação da Secretaria de Educação do Governo do Estado da Bahia	7	12,1
Solicitação de alunos, professores e comunidade	7	12,1
Aumento de recursos financeiros da escola	0	0,0

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos diretores: *Qual o motivo de sua adesão ao PAE?*

A requalificação do espaço escolar como equipamento comunitário, de uso social mais amplo, aparece, por exemplo, na fala de um beneficiário, que descobre, no Programa, uma nova alternativa de lazer: *Em frente à escola tem uma praça que está em reforma. Antes, era cheia de lama e era onde a gente brincava. Agora, fomos acolhidos pelo Projeto Abrindo Espaços.* Da mesma forma, outro beneficiário expressa a percepção da mudança de atitude da escola em relação aos que estão “do outro lado do muro”: *Não vinha muita gente da comunidade aqui. Agora, essa escola abriu mais pra comunidade, não vou mentir (...). Antes, não tinha contato com a comunidade, só vivia fechada.*

Essa atribuição de um papel bastante amplo à instituição escolar, no sentido de expandi-la na direção da comunidade – que lhe dá uma ação como o Abrindo Espaços –, expressa, por certo, uma visão de “escola aberta”,

característica das últimas décadas, em um processo que atende ao que Freire (1997) considera como “necessidade vital” da educação – a de apreender a realidade social.

Tal processo, entretanto, não se dá de imediato e igualmente em todas as escolas onde o Programa se implantou. Seguramente, alguns fatores potencializam a participação mais ou menos intensa da comunidade na escola: a prévia existência de uma integração entre a escola e sua vizinhança, por meio de ações e projetos de cunho comunitário; a existência, na comunidade, de núcleos organizados atuantes (associações de moradores, clubes de mães, igrejas e cultos, grupos artísticos e esportivos etc.); o fato de integrantes dos quadros funcionais da escola e do Abrindo Espaços (diretores, professores, funcionários, oficinheiros, etc.) serem, também, membros da comunidade. Alguns depoimentos apontam para essa evidência:

Essa comunidade participa mesmo. Eles gostam do espaço que foi criado e esse espaço aqui é conhecido até em outros lugares. Já temos vários projetos sendo executados na escola (...). Então, por que no “Abrindo Espaços não vai ter” participação? (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

Nesse depoimento, fica claro o fato de que o Programa se dá em um contexto em que já existem laços firmados entre a escola e a comunidade pela prática de outras ações. Portanto, já encontra uma comunidade mais solidamente relacionada à escola.

A comunidade vem de outros municípios. Eu tenho caso de pessoas que moram em... Tudo vem pra aqui tomar curso. É interessante, porque eu, por exemplo, resido na comunidade, tô envolvida com tudo que acontece na comunidade, então, pra mim, é fácil arranjar oficinheiros, é fácil esse envolvimento, tanto que nós já estamos há um ano aqui na

escola com o Projeto Abrindo Espaços, sábados e domingos, e nós não temos um caso sequer de depredação do patrimônio público. (Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

Na fala do supervisor, fica evidente que a escola consegue atrair pessoas não apenas de sua vizinhança. Além disso, chama a atenção o fato de sua condição de morador na comunidade facilitar os trâmites necessários à realização do Programa, como é o caso do recrutamento de oficinairos. Vários, aliás, são os depoimentos que acentuam a importância da proximidade entre os integrantes do Abrindo Espaços e a comunidade. Uma coordenadora, por exemplo, destaca o fato de desfrutar de uma intimidade com os beneficiários da comunidade que extrapola o espaço escolar: *Nós temos muitos amigos. Então, eles se sentem bem com a gente, a comunidade participa.* Da mesma forma, um oficinairo afirma com simplicidade: *Sempre vamos encontrar apoio da comunidade. Por quê? Eu moro aqui mesmo, no bairro!*

A experiência em trabalhos de cunho comunitário, por parte de muitos dos responsáveis pela realização do Programa, também aparece em algumas falas, mostrando como tal condição possibilita maior aproximação com os beneficiários de fora da escola:

Minha vida inteira é trabalhar na comunidade. Nós damos cursos, nós somos voluntários. Tenho tanta coisa para fazer, mas eu tenho que ir, porque eu mesmo digo assim: promessa feita é vida empenhada, se eu prometer, eu tenho que cumprir meu voto, eu vou até o fim, porque a gente está olhando para a comunidade. Quando a gente faz isso, a gente está olhando pra gente. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Em ambos os depoimentos, além da experiência em ações semelhantes, aparece a questão da participação voluntária, bastante presente no Programa.

Ainda em torno desse eixo da experiência com o trabalho comunitário, torna-se visível o quanto é importante a sensibilidade, entre os envolvidos na realização do Abrindo Espaços, para as questões e as necessidades das pessoas da comunidade, notadamente aquelas mais atingidas por problemas, como ressalta um oficinairo, ao revelar que já trabalhava com a comunidade anteriormente à implantação do Programa: *Quem trabalha com a comunidade vê, sente na pele o que a comunidade passa e precisa. Os filhos soltos na rua, as filhas saem e não se sabe onde estão e a gente se torna até pais desses alunos (...). Até adultos a gente vê nas ruas.*

Destaca-se o fato de que a mobilização da comunidade para participar do Programa é um trabalho que depende da persistência dos responsáveis, consolidando-se aos poucos e continuamente. Várias são as falas que destacam a necessidade de se visitar as pessoas em suas casas, convidá-las, insistir com elas.

Entretanto, são os jovens, alunos ou não da escola, os que parecem mobilizar mais integrantes da comunidade para o Programa: seus amigos/vizinhos (48,0%), os próprios pais ou responsáveis (10,8%) e demais parentes (38,1%), como demonstra a tabela 52 apresentada anteriormente.

Claro está que esse processo, muitas das vezes, se dá pelo inverso, pais que procuram conduzir seus filhos à escola, às atividades do Abrindo Espaços e que acabam por se interessar, eles próprios, em se envolver, não apenas como beneficiários, mas, também, como colaboradores:

Já venho acompanhando a escola desde os anos em que meus filhos estudavam aqui, tenho uma filha que continua aqui trabalhando e estudando, além de termos amigos. Temos a necessidade de estar aqui presentes e estar trabalhando, ajudando, trazemos um pouco aqui do que recebemos para o nosso próximo. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

QUADRO 7 – Tire uma horinha, venha ver como é que é...

Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA
Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA
Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA

A gente vai na comunidade, procura, conversa com os pais, insiste... Eu acho que isso ajuda bastante na interação da comunidade com a escola.

Eles têm um pouco de dificuldade, porque dizem que não sabiam. São muito dispersos, porque, mais divulgação que eu dei... passando de boca em boca... Pela minha vizinhança toda, muita gente sabe do Projeto, mas vem bem pouco: “Sábado eu tô assim, fazendo isso, fazendo aquilo”. Aí, eu digo: “Tire uma horinha, tem de manhã, tem à tarde, venha dar uma olhada, venha ver como é que é”. Dessa maneira é que vêm as pessoas.

Primeiro começaram a se envolver só participando das oficinas. Inclusive, porque a gente foi procurar oficinairos, com pessoas que já conhecíamos, da comunidade mesmo, pedindo ajuda, no sentido de divulgar, doar materiais... e é difícil a comunidade se envolver por completo. Mas eu acredito que rompemos algumas barreiras. Tudo é processo.

Conforme assinala um coordenador, muitos pais chegam à escola para saber de quais atividades seus filhos participam, para se informar sobre o Programa. A curiosidade leva-os a também participar de oficinas, notadamente as de artesanato, que atraem, sobretudo, as mulheres: *Tem uma mãe que vem e procura saber: ‘Será que também não tem um curso pra mim?’. Culinária, teatro, dança (...). Então, ela está sempre integrada, quer dizer, procura se integrar. Vem, traz o filho, visita todas as oficinas, elogial!*

Em muitas escolas, é freqüente a presença de famílias inteiras aproveitando todas as oportunidades possíveis, como

exemplifica um jovem colaborador: *Tem família aqui dentro, tem pai, mãe e filho fazendo curso, não o mesmo curso, mas cada um em uma sala. (...) A família vem junto e vai junto.*

Mesmo quando não participam do Abrindo Espaços, muitos pais acabam por se aproximar da escola, na medida em que percebem a possibilidade de seus filhos terem alternativas. Um jovem colaborador, por exemplo, afirma acreditar que o envolvimento dos pais se dá pelo fato de o Programa: *Tirar os filhos deles da rua.* Outro destaca o interesse deles em acompanhar o que está acontecendo: *Os pais dos alunos vêm sempre verificar se está correndo tudo bem... Estão sempre aparecendo aqui de vez em quando, pra ver se seus filhos então mesmo participando das oficinas.*

Em muitos locais, a colaboração da comunidade com a escola para a realização do Programa parece ser bastante intensa. Além da atuação de oficinairos oriundos da vizinhança, o Programa conta, também, com espaços de academias, residências e centros comunitários para desenvolver algumas de suas atividades. Serve-se, ainda de serviços, como os de rádios e alto-falantes locais, para sua divulgação, como já foi analisado anteriormente. A fala de um beneficiário é ilustrativa: *A gente ensaia quase 20 peças na oficina de teatro! E isso acontece na Associação de Moradores. A gente só vem pro colégio aos sábados. Durante a semana, é lá na Associação.*

O exemplo citado é apenas um caso entre muitos outros. Nas visitas realizadas às escolas pela equipe de pesquisadores, foram presenciadas situações as mais inusitadas, como a de uma casa de um coordenador do Programa que servia de local para as atividades, dado que a escola se encontrava em reforma: no interior da casa, havia aula de violão; no pátio, oficina de dança; do lado de fora, junto ao portão, uma fila de tamanho considerável, formada por aqueles que esperavam sua vez de participar!

A aprovação do Programa é percebida, por muitos, a partir do envolvimento gradativamente maior da comunidade

com a escola, com o aumento da frequência de visitantes no espaço escolar, como mostra a fala de um supervisor: *Eles passam pela rua, às vezes olham pra aqui e vêem a escola de final de semana aberta. Aí, pensam: 'Escola aberta no domingo? O que é isso? O que é que tem aí?'". Ficam curiosos e entram.*

A promoção de uma relação mais ampliada e efetiva entre a escola e a comunidade, cria novas expectativas e demandas para ambas, o que é uma das conquistas fundamentais do Programa.

3.3.6 Alunos

Entre os jovens atraídos para o Programa, destacam-se os alunos das escolas. Nas entrevistas e nos grupos focais realizados, os diversos atores salientam a participação dos jovens alunos, tanto na dimensão de beneficiários, quanto na de colaboradores na preparação do ambiente da escola e na organização e dinamização das próprias oficinas.

Essa participação, muitas vezes, se estende para além dos limites de horário definidos *a priori* para a realização das atividades, como se constata no depoimento de um supervisor:

O envolvimento dos alunos é total, eles se entregam, não querem nem sair da escola. Se deixar, eles ficam. Tem dias que, cinco e meia, seis horas, ainda estão aqui. Eles falam assim: 'Professora, espera um pouquinho só!'. 'Não posso ficar, está na minha hora, tenho que ir para casa, amanhã eu dou aula'. Graças a Deus, está tudo bem.
(Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

É notável a transformação do espaço escolar com a participação dos jovens na vida da escola de forma mais espontânea e criativa do que ordinariamente acontece. Nesse ponto, vale destacar, como aponta Farah Neto (2002), que é recorrente o fato de alguns alunos assumirem funções

de apoio aos diretores, professores, coordenadores e inspetores, reproduzindo, inclusive, comportamentos repressores em relação a seus pares. Como as atividades nos finais de semana proporcionam maior flexibilidade, abre-se espaços para a participação daqueles que, até então, mostravam-se arredios:

Antes, eram poucos alunos, porque eles têm aquela temeridade que, se ficar na escola, que regime seria? Seria do mesmo modo que funciona durante a semana? A partir do momento que eles perceberam que podem correr pelos corredores, que podem brincar, que tem um diálogo mais aberto, mais livre, sem muitas regras, eles começam a chegar. E olhe que a maior parte da nossa clientela é de alunos da escola.
(Entrevista com supervisor, Abrindo Espaços, BA)

É nesse contexto que se enquadra a observação de um jovem aluno beneficiário, que, ao abordar o trabalho dos oficinairos, critica as relações existente em muitas escolas: *Com os oficinairos não é aquela coisa de colégio, professor/alunos (...)* *É uma coisa mais aberta, um relacionamento assim mais de amigo.*

A tônica da participação é ditada pelos próprios jovens, que, ao se sentirem à vontade em relação às atividades realizadas, passam a ver o espaço escolar como “lugar de encontro”, de sociabilidade: *Eu venho sempre, tô fazendo novos amigos. Trago até minha namorada, que tá gostando muito também.*

O entusiasmo dos jovens alunos é um elemento de divulgação do Programa. O “mundo jovem”, tem o poder da difusão e da informação, como relata um oficinairo: *Às vezes dá até superlotação, porque, quando eles gostam, eles comentam e a pessoa diz: “Pô, também quero participar...”. Aí, vem, chega aqui, gosta também, traz outros...*

A participação dos alunos nas atividades do Programa vem contribuindo positivamente na aprendizagem escolar e na relação deles com os professores e com a escola. Tal fato,

como aponta um professor, é um processo de *mão dupla* que, sem dúvida, influi na criação de um ambiente escolar mais harmonioso.

O envolvimento dos alunos se dá, freqüentemente, na própria organização das atividades oferecidas pelo Programa, em uma perspectiva de colaboração, segundo um supervisor: (...) *Os alunos da escola mesmo... eles procuram, eles ajudam. Tem aluna que vem: “Pró, pode fazer propaganda de tal oficina?” Como a da fanfarra, que está começando agora... Ela veio e me pediu pra fazer a propaganda.*

Dado importante a considerar é o fato de muitos alunos se envolverem nas atividades com o intuito de prestar ajuda a outros participantes, a *dar uma força aos treinandos*, como afirma um jovem colaborador. Em alguns casos, são ex-alunos que retornam à escola, desempenhando funções de apoio ao Programa, com dedicação reveladora de laços construídos em profundidade, como mostra a fala de uma jovem colaboradora: *O que eu tenho aqui é uma relação de família, praticamente, porque eu fiz aqui o ginásio e o segundo grau e, agora, retorno pra cooperar com o Projeto. É amizade com a comunidade, né? Sou vizinha do colégio também. É uma relação de amor!*

A participação dos alunos, sobretudo jovens, propiciada pelo Programa, constitui uma importante pista para as escolas inovarem suas práticas, principalmente no sentido de criar espaços onde esses estudantes possam exercer sua criatividade e ousadia e contribuir, assim, para o processo educacional de que são sujeitos.

3.3.7 Jovens

A oficina, sem sombra de dúvidas, é a grande atração do Programa. No entanto, a abertura da escola coloca em movimento outras percepções e outros interesses. Muitos participantes vêm na escola aberta a possibilidade de encontrar os amigos, conhecer o espaço, observar as atividades que estão

sendo desenvolvidas e ter acesso a bens culturais que não estão à sua disposição no cotidiano da escola:

São crianças carentes que não têm lazer, e quando vêm aqui para a escola, estão sempre em busca de alguma atividade, de uma coisa nova para fazer e estão sempre afoitos querendo participar. As crianças, muitas vezes, elas estão em uma oficina e sabem que estão acontecendo outras oficinas, em outras salas ou na área, ou na quadra, e elas querem participar das outras. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

A presença crescente de jovens beneficiários e colaboradores no Abrindo Espaços acontece em uma cidade onde hoje proliferam inúmeras formas de organização voltadas a esse segmento da população. Nas associações juvenis ligadas ao grafite, à capoeira e ao teatro, entre outras, os jovens encontram consistentes e necessárias referências culturais. A exemplo das ONGs que também realizam trabalhos de grande repercussão com jovens¹².

No entanto, o fato de o Programa atrair uma quantidade apreciável de rapazes e moças a escolas dos bairros pobres de Salvador é, por um lado, prova de que, mesmo em meio às diversas ações correntes, há muito espaço ainda a ser trabalhado, no sentido de atender à juventude, sobretudo àquela das camadas excluídas. Por outro, é sinal de que vem conseguindo reconhecer e incorporar muitas das múltiplas expressões presentes nos universos culturais juvenis, traduzidas em conhecimentos, linguagens, atitudes, códigos e valores.

São vários os motivos que levam os jovens a participar do Programa, para alguns o mais importante é a oportunidade de ter acesso a cursos que lhes são inacessíveis, atuando como contraponto às limitações das condições financeiras a que

¹² Sobre o papel das ONGs ver Castro *et al*, 2001.

uma parcela significativa dos jovens está submetido, ampliando e diversificando a sua formação:

Minhas alunas dão todo o apoio ao Projeto, estão felizes por existir esse Projeto aqui, porque, geralmente, esses cursos são caros lá fora e, aqui, elas podem tomar de graça, tendo apenas a despesa do material. Então, a comunidade tem abraçado, tem visto com bons olhos esse Projeto. (Entrevista com professor, Abrindo Espaços, BA)

Os jovens beneficiários se sentem atraídos pelos cursos e têm oportunidades, como expressam, que não estariam ao seu alcance:

Em Salvador, um curso de teatro pra iniciantes, tem que pagar R,\$170,00 por mês. Então ele abriu este espaço de graça para a comunidade, a gente consegue se descobrir. (Grupo focal beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Tenho muita necessidade de aprender inglês e estou achando muito gratificante o Projeto da UNESCO, porque é só assim que eu posso. Curso de inglês, informática, capoeira (...) seja o que for, é um incentivo pra gente. (Grupo focal beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Na fala dos entrevistados, aparece também o sentido da valorização social e cultural da condição juvenil, traduzida em mudanças de atitude frente à vida, construídas na medida em que se sentem respeitados. A elevação da auto-estima se dá na exata medida da possibilidade de produzir e partilhar conhecimentos e formas de expressão nos campos da arte, da cultura e do esporte, o que, conseqüentemente, implica seu auto-reconhecimento como produtores de cultura:

A gente poderia fazer um movimento, aqui na escola mesmo. (...) Cada um mostrar o seu papel, mostrar o seu trabalho, seja de artes

ou no esporte. Poderíamos conversar com os professores, nos organizar para, no final do ano, abrir a porta à população, para que ela veja nosso projeto aqui. Não ficar só aqui dentro, apenas (...). Mostrar a todos! (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

Como: *a maior parte dos jovens acha que eles não são capazes de fazer nada*, quando eles têm a oportunidade de participar de uma atividade em que podem manifestar seus talentos, melhora a percepção que eles têm deles próprios.

...mostrar que eles são capazes, porque a maior parte dos jovens acha que não são capazes de fazer nada, então a gente tem que mostrar isso pra eles. Você é capaz de fazer isso então você vai lá e faça porque você tem capacidade pra aquilo, (...) vá buscar o seu sucesso em cima disso. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Destaca-se, aqui, o fato de que, quando perguntados sobre o que mais gostam no Abrindo Espaços, a opção mais apontada pelos beneficiários é “encontrar amigos e conhecer pessoas” (53,2%), seguida da que se refere à equipe responsável pelo Programa (47,1%), como mostra a tabela a seguir:

TABELA 53 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços, segundo o que mais gostam no Programa – 2002

O que mais gosta	Frequência	Percentual
De encontrar amigos/conhecer pessoas	1.461	53,2
Da equipe responsável	1.294	47,1
De ampliar conhecimentos	1.147	41,7
Das oficinas	1.027	37,4

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *Do que você mais gosta no Programa Abrindo Espaços?*

Os dados são confirmados nos depoimentos dos grupos focais dos beneficiários, que vêem no Abrindo Espaços uma oportunidade de fazer e encontrar amigos, ampliar e melhorar as relações entre os colegas:

Se transformou no “point” da galera que vem aprender, faz mais amizade. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

A minha amizade aumentou, passei a conhecer pessoas que não conhecia, que eu não falava no bairro. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

(...) tá acontecendo é a integração, o relacionamento de uma pessoa com o outro. A amizade (...) Todo mundo se falando, muita gente que não se falava na escola. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Se o projeto reforça os laços dos alunos nas atividades que se estendem no final de semana, para os que não estudam na escola, ele se constitui em uma importante referência, que lhes situam na própria comunidade, na medida em que são conhecidos como *do projeto UNESCO*. A convivência e os cursos propiciam um ambiente favorável para a criação de vínculos afetivos, evitando, assim, rixas, brigas e a violência:

Faz mais amizade, né? Tá todo mundo aqui junto, e aí já se conhece. Aí vai passando pela rua ali, aí vai rolar uma briga, aí alguém pode chegar pra não bater nele porque ele é do projeto da UNESCO. ‘Conheço ele’. Então com isso já enturma mais a comunidade. O pessoal fica mais conhecido, evita mais a violência muito mais, porque sempre vai ver: Não, ali é meu colega da UNESCO, deixe ele

passar'. Então, isso aí já é um laço, né? É uma amizade que o projeto também traz, independente de aprender algo profissional, a amizade influi muito aqui dentro. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Além de favorecer a convivência, o fato de o Programa propagar a Cultura de Paz, é outro aspecto positivo e importante no que tange às relações interpessoais: *A comunidade melhorou muito desde que esse Projeto veio para cá, porque além de dar instruções para eles, faz um tipo de educação de amor e paz que nós passamos pra eles.*

Vários depoimentos chamam a atenção para outro aspecto, o fato das oficinas e dos cursos representarem uma alternativa de lazer e atividade para os jovens:

Também a forma do Projeto é um tipo de lazer pra gente e é um lazer bom, porque é um lazer que a gente pode se divertir com outras pessoas. (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

O espaço tem que ser aberto para a comunidade, você pode desenvolver uma cultura de teatro (...) porque nos bairros populares você não tem espaço, a gente não tem lugar pra ficar durante o final de semana, um lugar pra ir (...). (Grupo focal com oficinairos, Abrindo Espaços, BA)

Expressões como tirar os jovens da rua: *tirando da rua que estão fazendo coisa errada*; ocupar a mente: *ocupa mais o tempo, evita que a galera fique na rua, ocupa a mente*; ocupar o jovem: *no final de semana não tem ocupação*; ocupar o tempo: *melhor do que ficar na rua sem fazer nada*; aliviar a mente: (...) *estão com a mente carregada em casa*; são constantemente utilizadas quando se fala do Programa, que acaba sendo percebido como uma salvação

para diminuir a violência nas escolas e mesmo nos bairros onde residem:

(...) no que a gente ocupa o jovem, ensina a ele fazer alguma coisa, aquele tempo em que ele teria livre para fazer as coisas erradas, se envolver com drogas e outras coisas, vai estar com aquele tempo ocupado, vai estar trabalhando, vai áa, quem sabe, ensinando a outros. Então, para o jovem, é a esperança de um futuro melhor, de vidas melhores, é diminuição da violência. Aí, se a gente conseguir diminuir 50% dessa violência que tá aí, já é um grande ganho, já é um ganho bom. (Entrevista com oficinairo, Abrindo Espaços, BA)

Essa visão, no entanto, pode remeter a uma concepção simplificada do Programa, a da redução da violência. É ilustrativa a fala de beneficiários: *Eu acho esse projeto maravilhoso, porque tira a gente daqui dessa comunidade da violência, da rua; (...) porque aí fora tá em drogas, violência.* Por trás dessa afirmação, que valoriza a possibilidade de não estar exposto à violência do dia-a-dia, pode estar implícita a satisfação com as novas alternativas de lazer e diversão que se apresentam dentro de um espaço solidário, rico de possibilidades de aprender e de ensinar. O depoimento de um oficinairo aponta para o caráter preventivo do Programa, como vantajoso para os jovens e para o governo: *É melhor você educar do que ter que punir, é mais vantajoso para o governo, que, hoje, é um descaso total com os jovens.*

A tabela 54, ao listar as opiniões dos jovens sobre possíveis implicações da adesão da escola ao Programa, mostra que a oferta de alternativas de lazer aparece como segunda opção mais assinalada (91,1%).

Mostra, ainda, que a principal implicação da adesão ao programa é a melhoria do relacionamento entre a escola e a comunidade (92,4%), o que é reforçado pelos beneficiários:

(...) *Abrindo Espaços é dar oportunidades às pessoas das comunidades.* (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

(...) *este espaço pra comunidade está dando várias oportunidades para as pessoas.* (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Eu gosto como o Projeto trata a gente porque como a comunidade vem pra cá tem pessoas de vários tipos aqui, então ele não tem discriminação, porque você é branco, é negro, por ele ter condição mais na comunidade, então ele abre o espaço, ele abre o espaço, ele recebe a gente com todo carinho. Tratam todo mundo igual aqui sem diferencial. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

TABELA 54 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo implicações da adesão da escola ao Programa – 2002

Implicações da adesão da escola ao Programa	Frequência	Percentual
Facilita as relações entre a escola e a comunidade	2.308	92,4
Oferece alternativas de lazer para os jovens	2.251	91,1
Melhora a auto-estima e a vida pessoal dos participantes	2.055	88,2
É uma extensão das atividades educativas	2.052	88,0
Cria laços de solidariedade entre os participantes	2.023	85,3
Colabora para a redução dos problemas relacionados à violência, droga, bebida etc.	1.969	81,7
Prejudica a escola	172	7,4

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *O Programa Abrindo Espaços*: (categorias da tabela)

Na opção relativa à criação de laços de solidariedade é de 85,3%. Ao se analisar esse dado, pode-se fazer menção a um outro sentido do Abrindo Espaços, que aponta para o papel que seu contexto confere à sociabilidade, redundando no estímulo e na melhoria das relações interpessoais e familiares, como se observa na fala a seguir:

Eu vivia brigando em casa com a minha irmã, implicando com as pessoas (...) porque sou muito abusado, perturbadinho, sabe como é? Agora, brinco, bagunço, abuso. (...) Se eu sair de casa chateado, volto alegre, porque, quando vou para o teatro, é uma brincadeira, é uma alegria, um abusando o outro na peça. (...) Quando erra, um abusa o outro, dá risada (...) e, quando chega em casa, está totalmente diferente! (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

O Abrindo Espaços se configura – entre outras coisas – como possível porta-voz para os seus anseios em relação a esperança de um futuro melhor, segundo os beneficiários: *É bom a gente dançar, fazer as oficinas. (...) É bom a gente sempre mostrar que sabe, participar das oficinas, porque a gente pode ser alguém na vida, através do movimento.*

De uma maneira geral, os jovens beneficiários elogiam a oferta de cursos com caráter profissionalizante, porque eles servem *pro mercado de trabalho*. Desse modo, ao mesmo tempo em que ele se sente valorizado e aumenta a confiança nele próprio, passa a confiar mais no seu potencial de inserção no mercado de trabalho, como se percebe nos depoimentos de beneficiários a seguir:

(...) eu fiquei bem mais incentivado, ainda mais nessa área aqui de telecomunicação. Como emprego tá difícil, eu achei até uma boa porque, se pintar, eu já posso exercer a função. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

(...) a gente já pega um curso desse, se pintar um trabalho você já pode fazer a função que você já tem prática, já recebe o diploma. Como eu falei, e se der sorte de passar, a gente fica no trabalho (...).
(Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Existe uma expressiva quantidade de jovens que destacam a importância de o Programa oferecer atividades que possibilitem o acesso à informática, o que mostra que o Abrindo Espaços assume, para eles, a possibilidade de inclusão digital: *Informática é fundamental para o mercado de trabalho, valoriza mais o pessoal. Nisso, a comunidade é muito carente. O Abrindo Espaços está dando oportunidade para jovens que não têm recurso para pagar um curso desses.*

Na relação que esses jovens estabelecem com o Programa, é possível perceber a existência de diferentes sentidos e interpretações, o que confere ao Abrindo Espaços não apenas uma, mas diversas identidades e conformações.

A combinação dessas distintas vertentes do Programa, dentre outras que certamente existem, confere a ele um potencial bastante positivo, no sentido de constituir alternativa de mudança dos referenciais com que a escola e a sociedade, em geral, lidam com as questões ligadas aos jovens e, conseqüentemente, de valorizar sua condição de cidadãos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência, pelas escolas, de um Programa com as características do Abrindo Espaços vem constituindo oportunidade ímpar de mudanças em diversas direções. É possível observá-las em situações que compreendem desde a atitude dos jovens e demais integrantes das comunidades, no que tange ao tratamento e à conservação das instalações e dos estabelecimentos, até as relações internas entre os distintos atores do universo escolar – alunos, professores, funcionários, direção.

O que significa enfrentar a violência e trabalhar pela Paz, do ponto de vista das ações concretas, longe dos discursos formais? Talvez seja essa uma das perguntas mais recorrentes entre aqueles que buscam soluções para problema tão amplo e múltiplo em suas formas de expressão.

Em atenção a essas questões é que o Programa acontece e tem cumprido plenamente o objetivo de criar novas práticas, experimentando transformações de atitudes e de ações de seus atores, o que propicia uma redução na situação de vulnerabilidade social vivida pelos jovens.

Entre as contribuições mais relevantes que o Programa traz para a vida dos jovens de Salvador está, sem dúvida, o fortalecimento de diversos grupos juvenis que se encontravam dispersos e, na maioria das vezes, estigmatizados, desconsiderados e desqualificados pela escola e por suas próprias comunidades, conforme o depoimento de um jovem beneficiário:

A partir de um simples encontro entre os diversos grupos e talentos existentes aqui, as “prós”, as famílias e muita gente que mora aqui aprendeu o que é hip-hop, venceu o preconceito... Agora, o nosso grupo é respeitado na escola, na comunidade... Agora, a gente anda sem problema, todo mundo sabe que a gente é do grupo [XXX], somos respeitados tanto pela polícia como pelo pessoal das rixas. A gente também conheceu o pessoal do swing sexy, que a gente não gostava, e depois viu que eles são irmãos, iguais a gente, vivem os mesmos problemas e têm consciência disso. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

O que o jovem relata acima é, na verdade, um processo de produção de espaços de diálogo entre os diversos grupos juvenis, suas famílias, sua comunidade e a escola. Nesses espaços, o que existe de novo é a possibilidade de esses jovens ganharem visibilidade e serem mais valorizados a partir de suas próprias expressões. Em tal jogo, todos ganham: os jovens, por se agregarem em torno de programas e projetos que apontam para novas perspectivas e oportunidades, e a escola, que se afirma positivamente, reconstituindo-se como espaço significativo para todos os que fazem parte dela, direta ou indiretamente.

Alvos crescentes de descrédito e mesmo de agressões por parte de alguns alunos ou de outros membros das comunidades, não são poucas as escolas que exibem as marcas dessa situação deixadas em suas instalações ou no desapego e no desinteresse de seus estudantes. Várias das unidades participantes do Abrindo Espaços se incluem entre elas. O que há de novo, porém, é o fato de que o Programa – a exemplo da avaliação realizada em Pernambuco e no Rio de Janeiro, conforme apontam Waiselfisz e Maciel (2003)¹³ – tem

¹³ No livro “Revertendo violências, semeando futuros”, ao relatarem a avaliação de impacto dos Programas “Escolas de Paz” e “Escola Aberta”, levados a efeito nos Estados do Rio de Janeiro e de Pernambuco, respectivamente, os autores abordam os resultados positivos alcançados pelos mesmos com respeito à redução da violência nas escolas onde foram implantados.

contribuído para a reversão desse quadro. Os depoimentos dos entrevistados na Bahia confirmam esta constatação:

Eu não tenbo vergonha de dizer, eu era um vândalo da escola. Aí, comecei a participar da capoeira que tem aqui na escola. Comecei a ser bem tratado pela diretora, por todo mundo, alunos e professores. Então, eu passei a dar aula no lugar do professor, quando ele não vinha... (Entrevista com jovem aluno, Abrindo Espaços, BA)

A escola não está sendo mais apedrejada, pois o trabalho com a comunidade está melhorando muito. Se a senhora chegasse aqui, há um ano, ia encontrar as janelas quebradas. Hoje, praticamente todas estão com vidro, mas tiveram que ser reformadas porque não tinham vidros. A escola era toda pichada. Hoje, não se vê quase pichamento nenhum. As pessoas que ficavam fora da escola são exatamente as que a gente está acolhendo no Programa. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

Um importante aspecto a ser destacado nesses depoimentos é o fato de que a imagem do estabelecimento escolar ganha nova representação para aqueles que, até então, tinham com ele relação desrespeitosa¹⁴:

(...) Passava gente depredando a escola, e reclamavam que a escola ficava fechada aos finais de semana e eles não podiam entrar para jogar futebol, e hoje há o Abrindo Espaços para que não ocorra mais atitudes como essas, de quebrar, pichar a escola. Melhorou muito neste aspecto. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

¹⁴ Sobre esta questão, Sposito (1992) destaca a advertência dos pesquisadores na área da educação ao fato de as manifestações de violência contra as instalações escolares serem, muitas vezes, realizadas por jovens excluídos da escola, que, dessa forma, expressam sua insatisfação por não poderem utilizar as dependências escolares.

Certamente, uma das questões mais sérias que se impõem, hoje, para a instituição, diz respeito ao fato de que muitos jovens se manifestam de forma antagônica em relação a ela, situação mais sensível no que se refere às escolas públicas. Nelas, a freqüente carência de alguns recursos básicos (biblioteca, livros, aulas de informática e laboratórios, entre outros) reforça a dúvida e o descrédito quanto à possibilidade de uma aprendizagem significativa e prazerosa.

A esse respeito, recente pesquisa conduzida pela UNESCO sobre o ensino médio no país (Abramovay e Castro, 2003) conclui que os efeitos de uma infra-estrutura precária e inadequada – no que se refere às instalações e aos recursos materiais – extrapolam o processo pedagógico propriamente dito e repercutem negativamente na dinâmica da vida escolar, comprometendo a qualidade das relações humanas. De acordo com o estudo, o sentimento de mal-estar ou insegurança em relação ao espaço contribui para o surgimento de ações destrutivas, na medida em que pequenos sinais de abandono estimulam a insegurança e a falta de cuidado em relação ao espaço comum. Entretanto, em várias das escolas onde se implantou o Abrindo Espaços, tal quadro tem apresentado modificações.

A concepção do Programa, seguramente, tem impacto na própria disponibilidade da escola para “se abrir”, o que representa um avanço considerável para muitos estabelecimentos, em que, desde há muito, vigoravam restrições de forma cristalizada ao acesso e ao uso de diversas áreas e equipamentos, sobretudo aqueles que, por seu custo mais elevado de aquisição e manutenção, como os de informática¹⁵, acabam por ser mantidos distantes das funções para as quais estariam

¹⁵ Abramovay e Castro (2003), a propósito da situação encontrada nas escolas públicas de ensino médio, destacam que o fato de os núcleos/salas de informática serem mantidos fechados ou subutilizados reflete, freqüentemente, a não-familiaridade dos professores com a área ou o temor de que os equipamentos sofram danos.

destinados. A esse respeito, o depoimento de um jovem aluno beneficiário é contundente:

Na escola pública, deveria mudar o ensino, porque na escola em que eu estudo mesmo tem uma biblioteca, mas não tem quase livro nenhum, e o laboratório fica fechado... Tem computador, mas não tem aula de informática, porque não tem professores pra ensinar a gente... A sala de vídeo tem que ter uma melhora. Não é só porque é escola pública, que é de graça, que os alunos não têm que ter esse direito! (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Não há dúvida de que a idéia de “abrir espaços” transpõe os finais de semana e adentra as práticas rotineiras das escolas, levando, muitas delas, a um processo de redescoberta pelos alunos, como afirma um coordenador, ao referir-se ao fato de a escola em que trabalha, agora, estar abrindo as portas do laboratório de informática e, com isso, incentivando os alunos a estudar, a usar as instalações até então pouco acessíveis. A fala de um jovem aluno beneficiário do Programa aponta na mesma direção: *Isso aqui tá dando trabalho! A escola dispõe material, dispõe computadores pra gente fazer pesquisas sobre os negócios das oficinas...*

Seguramente, considerando situações como a que o aluno descreve, o Abrindo Espaços vem-se constituindo um contraponto, como se pode deduzir das palavras de um jovem colaborador: *Na parte física, a escola dá todo acesso. É tudo da escola: produto de imprensa, escrita, escritório... é tudo da escola. Nessa parte mesmo, do material, do patrimônio, a escola contribui, e muito.*

A reconquista dos jovens alunos é uma das possibilidades mais expressivas daqueles estabelecimentos em que o Abrindo Espaços vem acontecendo. Como afirma um supervisor, o Programa contribui para promover *a inserção dos meninos na escola*, por meio da criação de novos vínculos com as crianças e os adolescentes, capazes de despertar sua atenção e seu interesse.

A recuperação da imagem e do significado da escola para a vida dos jovens é por eles verbalizada, quando a ela associam suas perspectivas de futuro e de sociabilidade:

A escola não é só pra você assistir aula, pegar uma merenda, namorar... não é pra isso. Se aprende a se portar, educação, tratar as pessoas, saber quem é quem... Tem que ver que o futuro está aqui dentro, certo? (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

A criança está retornando à escola novamente, que é um lugar em que você sempre aprende mais um pouco, é na escola..., que da escola se sai um profissional, uma pessoa digna... (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

Nesse processo de revalorização que o Programa potencializa, a dimensão da escola como “espaço protegido” – tal como registrou pesquisa realizada pela UNESCO sobre o Programa Escolas de Paz no Rio de Janeiro (Abramovay *et al.*, 2001)¹⁶ – aparece em alguns relatos, que destacam o fato de os pais ficarem despreocupados com seus filhos, como aponta depoimentos de beneficiários:

(...) ele era um menino de rua, quer dizer, ele sempre andava na rua. Com o Projeto, a mãe dele fica mais despreocupada, porque ela tem que trabalhar, tem que vender os pastéis. Ela ficava preocupada se o filho dela ficava na linha do trem, ficava nesse negócio, nas ruas, na praia. (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

¹⁶ A referida pesquisa ressalta que muitos pais se mostravam satisfeitos com o programa fluminense, realizado em moldes semelhantes ao baiano, pelo fato de se tranquilizarem em relação ao lugar freqüentado pelos filhos (p. 46).

Esse Programa veio a calhar mesmo, tira as pessoas da rua, tira as pessoas de muitos vícios, ajuda quem não tem oportunidade de pagar uma oficina, pagar uma escola de esporte, fazer um lazer, sair da rua... E, aqui, é um lugar que quer proteger, tem vigilância, segurança... (Entrevista com jovem colaborador, Abrindo Espaços, BA)

O Programa torna-se uma opção para os jovens ampliarem o sentido de pertencimento e a possibilidade de aquisição de um maior capital social, que dá confiança nas relações, levando-os a buscar seus objetivos individuais e comunitários (Coleman, 1990). Esse sentido de pertencimento segundo Putnam (1993: 167) desenvolve os atributos das organizações sociais, tais como confiança, normas e redes, que podem aumentar a eficiência da sociedade. Neste sentido os depoimentos mostram como é possível a mudança de situações no caso de jovens que encontram espaços alternativos como expressão de seus problemas e de sua criatividade:

(...) O pichador chegou e falou para mim assim: “pôxa velho, eu tava pichando o muro ali, você me chamou, hoje eu estou fazendo essa oficina de grafite aqui” (...). (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

Tem um oficineiro que também fazia vandalismo no colégio, agora que as pessoas começaram a valorizar ele, ele agora é uma pessoa séria, tá ajudando a gente também, participando. (Entrevista com coordenador, Abrindo Espaços, BA)

(...) a gente pichava que nem um vagabundo (...) agora que desenho, não. (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Pichava com aquele negócio de latinha, pichava não era na casa dos outros não, nas paredes botava um desenho assim (...) aí teve um dia que a moça falou de um programa que tinha aqui: “ó rapaz, em vez de ficar pichando a casa dos outros aí porque você não vai lá?” (Grupo focal com beneficiários, Abrindo Espaços, BA)

Os jovens se referem ao Programa como a *oportunidade* esperada, afirmando: (...) *que seria necessário vários programas assim, principalmente nas escolas que ficam na periferia*. A lição que o Programa Abrindo Espaços na Bahia oferece é a de que o combate às diferentes formas de exclusão social, discriminação e às violências passa por um significativo processo de mudanças – de visões de mundo, de atitudes e de comportamentos dos indivíduos entre si e entre as instituições –, numa prática contínua de reconstrução das relações sociais. Certamente, tal perspectiva não se pode traduzir em ações programadas com regras, percursos e resultados predefinidos, já que está assentada em práticas sociais repletas de subjetividade, pautadas em valores diversos.

Finalmente, a importância do Programa é destacada na medida em que ele resgata as relações sociais e constrói os laços afetivos que são destruídos nas práticas de violência, o que faz dele uma importante ferramenta na construção do capital cultural.

4.2 RECOMENDAÇÕES

Deve ser destacado o papel desenvolvido pelas equipes executoras do programa como mobilizadores, agregadores e incentivadores do diálogo entre as escolas e os jovens. Na verdade, observa-se que as equipes mais ativas têm funcionado como mediadoras propositivas, esforçando-se na sensibilização de diretores e professores para uma abertura efetiva das escolas, ou seja, não só abrir os seus portões e disponibilizar alguns espaços e equipamentos, mas se comprometer com a realização das atividades nos finais de semana.

Nota-se, também, que os estabelecimentos com uma tradição na relação com a comunidade e com as famílias se mostram mais abertos e menos resistentes às mudanças. Tal fato

revela que essas práticas se constituem, ademais, em processos educativos, que são apreendidos e acabam por gerar condições mais propícias para lidar com uma gama de programas e projetos.

Dois pontos devem ser ressaltados quanto ao acerto na realização do Abrindo Espaços: o grande contingente de jovens participando como beneficiários nos finais de semana e a seleção das escolas em áreas de risco.

Embora o Programa trabalhe com um número expressivo deicineiros voluntários, principalmente entre os jovens que emprestam seu talento e seu tempo disponível para que outros tenham a oportunidade de “aprender e crescer”, esse fato é continuamente apontado como uma solução paliativa, não atendendo satisfatoriamente às necessidades de longo prazo e de permanência do programa.

Os envolvidos na execução ressaltam a importância de algum tipo de remuneração para as equipes locais, especialmente para osicineiros, em grande parte jovens, que se deslocam para as escolas aos finais de semana e necessitam de uma ajuda de custo para cobrir suas despesas com passagens e alimentação. Sinalizam, ainda, que osicineiros voluntários acabam por não ter um compromisso estável, como exemplifica a fala de um membro de equipe executora local: *Não podemos cobrar de alguém que faz o trabalho gratuito na escola. Sem um incentivo monetário, oicineiro aparece quando quer e sai quando qualquer biscate aparece.*

Vale dizer que osicineiros se reportaram à avaliação para criticar a falta de recursos para a manutenção e garantia de continuidade das oficinas: *A gente precisa de uma ajuda de custo pra passagem, alimentação e para a compra de alguns equipamentos. No meu caso, por exemplo, é só comprar algumas fitas cassete pra poder gravar novas músicas para ensaiar a dança.*

Sem dúvida, a questão do voluntariado é interpretada de várias formas, desde a compreensão do voluntário como cidadão consciente e atuante – que, motivado pelos valores de

participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não-remunerada, para causas de interesse social e comunitário – até a do voluntário como alguém afetado por uma realidade de altos índices de desemprego, para quem tal condição passa a representar uma possibilidade de emprego em médio prazo. No caso da maioria dos jovens entrevistados, a condição de voluntário também se caracteriza como oportunidade de primeiro emprego.

Faz-se igualmente necessário atentar para os problemas decorrentes do atraso no repasse de verbas destinadas às escolas para a compra de materiais e equipamentos, e para os procedimentos de ordem burocrática e administrativa que concorrem para retardar a alocação dos recursos nas escolas.

O Programa Abrindo Espaços, certamente, se estabelece como estratégia de construção de novas possibilidades de convivência e solidariedade para aqueles que dele participam. Sua avaliação é extremamente positiva, todos os atores que constituem a própria essência de sua ação deram notas acima de 8,5, considerando, valores de zero a dez, como se observa na tabela a seguir:

TABELA 55 – Médias de avaliação do Programa Abrindo Espaços – 2002

Atores	Frequência	Percentual
Jovens beneficiários	2.679	9,0
Equipes executoras	220	8,9
Oficineiros	352	8,5
Diretores	56	8,5

Fonte: UNESCO, Avaliação do Programa Abrindo Espaços, 2002.

Nota: Foi perguntado aos beneficiários: *De 0 a 10 que nota você dá ao PAE?*

Sua atuação, entretanto, pode ser aprimorada e enriquecida com o acúmulo crítico derivado da avaliação aqui relatada. Assim, são sinalizados, a seguir, alguns aspectos a serem repensados,

com o intuito de contribuir para o equacionamento de algumas questões potencialmente capazes de prejudicar o seu desenvolvimento:

Políticas Públicas

- Criar novas estratégias de incorporação do Programa no sistema educacional da Bahia e no cotidiano da escola, de modo a ampliar suas possibilidades de consolidação e expansão. Dentro dessa perspectiva, é preciso que o mesmo seja assumido como política pública regular e integrada ao projeto educacional vigente.

Capacitação

- Sensibilizar diretores e professores para sua importância definitiva. A promoção, junto às equipes responsáveis pelo Programa, de discussões e debates voltados à construção de novas concepções sobre jovens e juventudes constitui condição para que sejam superadas visões parciais e preconceituosas freqüentemente encontradas, que associam a condição juvenil à violência e à destituição de valores. Nessa direção, faz-se necessário um investimento efetivo na capacitação e na sensibilização dessas equipes.
- Ampliar os processos de capacitação, abrangendo todos os atores do Programa, dentro de parâmetros compatíveis com suas características e necessidades, visando à construção de novos paradigmas e modelos nas relações escola-comunidade e jovem-escola.
- Considerar as especificidades dos atores envolvidos e seus diferentes níveis de experiência com temáticas abordadas no Programa e com as técnicas nas várias linguagens culturais, com aprofundamento nas áreas de atividades específicas.

Divulgação

- Estimular a divulgação do Programa nos meios de comunicação da Bahia, nos bairros e no interior das escolas propriamente dita, de modo que as comunidades, em geral, e os atores do espaço escolar, particularmente, possam ter conhecimento a seu respeito.
- Buscar a ampliação do debate público sobre o Programa, convocando os diversos segmentos sociais a contribuírem na qualificação e ampliação da rede de atores participantes e no repertório ofertado de atividades. Nesse sentido, são desejáveis parcerias com universidades públicas, de modo a possibilitar estágios para universitários de diferentes cursos, que possam enriquecer o trabalho.
- Criar estratégias diferenciadas de comunicação no Programa. Nessa direção, deve-se investir na troca entre os estabelecimentos participantes, por meio da formação de uma rede de escolas, promovendo o intercâmbio entre os jovens, supervisores e demais envolvidos.

Planejamento

- Acompanhar regular e intensivamente as ações, por intermédio do Núcleo Gestor e da Secretaria de Educação nas escolas, pode permitir à coordenação do Programa uma percepção mais acurada das formas como o mesmo tem-se refletido na vida escolar e dos avanços que tem propiciado na redução das manifestações de violência.

Funcionamento do Programa

- Buscar alternativas para que se possa oferecer alimentação aos participantes do Programa, sejam

eles organizadores (equipe, oficinairos) ou beneficiários, visto ser essa uma demanda recorrente.

- Investir na ampliação dos recursos para manutenção das atividades do Programa, possibilitando a compra de materiais suficiente para a demanda das oficinas.
- Apoiar os oficinairos voluntários com ajuda de custo para assegurar a sua permanência nas oficinas.
- Repensar a questão do voluntariado, considerando o compromisso limitado com o Programa daqueles que se encontram em frágil condição de trabalho e sobrevivência. Ao mesmo tempo, deve-se contar com uma estrutura de acolhimento para os voluntários, oferecendo capacitações, materiais para as oficinas e suporte financeiro para alimentação e transporte.
- Regularizar os pagamentos, freqüentemente atrasados, assim como a resolução de outros problemas de cunho administrativo, tornando mais justas e produtivas as condições de trabalho no Programa.

Diretores e Professores

- É necessário conquistar os profissionais da educação para uma participação mais efetiva e comprometida no Programa, na medida em que a presença do diretor facilita as decisões, dada sua importância dentro da escola. O professor pode contribuir para o Programa além de com seus conteúdos didáticos e conhecimentos específicos com a sua criatividade. Em algumas escolas, o Abrindo Espaços também tem possibilitado aproximações entre jovens, diretores e professores, o que, freqüentemente, não é possível num cotidiano pouco propício ao descobrimento do outro.

Parceria

- Investir, tanto a própria UNESCO quanto a Secretaria de Estado da Educação, em mecanismos de parceria com diversas instituições e, também, buscar uma maior divulgação e visibilidade do programa.
- Investir em parcerias, com a iniciativa privada e o terceiro setor, que possam dar sustentação e contribuir para a viabilidade financeira do programa.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das qualidades mais presentes entre os jovens – 2002	29
TABELA 2 – Número de participantes e oficinairos, no universo e na amostra, segundo a região geográfica e tipo de instituição – 2002	44
TABELA 3 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária, sexo, auto-identificação de raça e religião – 2002	54
TABELA 4 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo origem comunitária – 2002	55
TABELA 5 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo escolaridade – 2002.....	56
TABELA 6 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo tempo de serviço na área de Educação, na escola e na função de direção – 2002	56
TABELA 7 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo função exercida na equipe – 2002.....	58
TABELA 8 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária – 2002	58
TABELA 9 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo sexo – 2002	59

TABELA 10 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo escolaridade – 2002	59
TABELA 11 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo auto-identificação de raça e religião – 2002	60
TABELA 12 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo origem e indicação de que mora na comunidade – 2002	61
TABELA 13 – Jovens colaboradores do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária – 2002	62
TABELA 14 – Jovens colaboradores do Programa Abrindo Espaços, por faixa etária, segundo escolaridade (percentual e número absoluto) – 2002	63
TABELA 15 – Coordenadores do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária – 2002	64
TABELA 16 – Coordenadores do Programa Abrindo Espaços segundo escolaridade – 2002	64
TABELA 17 – Coordenadores do Programa Abrindo Espaços segundo sexo e auto-identificação de raça – 2002	65
TABELA 18 – Coordenadores do Programa Abrindo Espaços segundo origem e indicação de que mora na comunidade – 2002	65
TABELA 19 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária – 2002	66
TABELA 20 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços, por faixa etária, segundo escolaridade (percentual e número absoluto) – 2002	67

TABELA 21 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo situação de estudo – 2002.....	68
TABELA 22 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo sexo, auto-identificação de raça e religião – 2002.....	68
TABELA 23 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo indicação de que mora na comunidade e se é professor da escola – 2002.....	69
TABELA 24 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo participação em grupos – 2002.....	70
TABELA 25 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo faixa etária, sexo e religião – 2002.....	71
TABELA 26 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo escolaridade – 2002.....	72
TABELA 27 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo auto-identificação de raça – 2002.....	73
TABELA 28 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo situação de trabalho – 2002.....	73
TABELA 29 – Características da rua onde se situa a escola – 2002.....	75
TABELA 30 – Infra-estrutura apresentada pelas escolas participantes do Programa Abrindo Espaços (%) – 2002.....	77
TABELA 31 – Recursos pedagógicos apresentados pelas escolas – 2002.....	78
TABELA 32 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das formas de escolha das oficinas – 2002.....	89

TABELA 33 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo participação nas oficinas – 2002	90
TABELA 34 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das oficinas mais procuradas – 2002	91
TABELA 35 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo número de participantes de sua oficina – 2002	93
TABELA 36 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo indicação dos beneficiários das oficinas – 2002	93
TABELA 37 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo adequação dos locais de realização das oficinas – 2002	94
TABELA 38 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo suficiência dos materiais e equipamentos utilizados – 2002	94
TABELA 39 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das formas de planejamento das atividades – 2002	101
TABELA 40 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo periodicidade das reuniões de equipe – 2002	102
TABELA 41 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo formas de resolução de problemas do Programa – 2002	105
TABELA 42 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo indicação das formas de planejamento das atividades – 2002	105

TABELA 43 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo indicação dos agentes de divulgação do Programa – 2002	106
TABELA 44 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo forma como tomaram conhecimento do Programa – 2002	107
TABELA 45 – Equipe executora do Programa Abrindo Espaços segundo meios de divulgação utilizados – 2002.....	110
TABELA 46 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo quem já levou para participar das oficinas – 2002	110
TABELA 47 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo visitas ao Programa – 2002	118
TABELA 48 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo quem fez o convite para que participasse do Programa – 2002	126
TABELA 49 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo situação quanto à ajuda de custo – 2002.....	127
TABELA 50 – Oficineiros do Programa Abrindo Espaços segundo motivo de sua participação no Programa – 2002.....	129
TABELA 51 – Beneficiários do Programa Abrindo Espaços segundo indicação de quem mora na comunidade – 2002	136
TABELA 52 – Diretores de escolas participantes do Programa Abrindo Espaços segundo motivo da adesão ao Programa – 2002	137

TABELA 53 – Beneficiários do Programa Abrindo
Espaços, segundo o que mais gostam no Programa – 2002 148

TABELA 54 – Beneficiários do Programa Abrindo
Espaços segundo implicações da adesão da escola ao
Programa – 2002 152

TABELA 55 – Médias de avaliação do Programa
Abrindo Espaços – 2002 164

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Escolas segundo presença de pichações nas paredes – 2002 78

GRÁFICO A1 – Número de matrículas no ensino médio por dependência administrativa – BA/2002 179

GRÁFICO A2 – Proporção da população residente no Estado da Bahia segundo localização – 2000 181

LISTA DE QUADROS

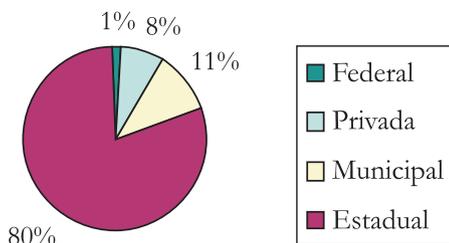
QUADRO 1 – Negro aqui é bandido.....	35
QUADRO 2 – Escolas que participaram da avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia – 2002	40
QUADRO 3 – Entrevistas e grupos focais segundo participantes do Programa – 2002	46
QUADRO 4 – Abrangência do Programa no primeiro semestre do ano 2003.....	83
QUADRO 5 – Busca de paz com o meu teatro	98
QUADRO 6 – Inconscientes	132
QUADRO 7 – Tire uma horinha, venha ver como é que é (...)	141

ANEXO

SITUAÇÃO EDUCACIONAL DOS JOVENS NA BAHIA

Seguindo determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, os Estados devem assumir a responsabilidade administrativa e pedagógica pelo ensino médio. No Brasil, 87% dos alunos desse nível de ensino estão em escolas públicas, sendo que 83% das matrículas estão concentradas nas redes estaduais do País. Na Bahia, 91% dos alunos do ensino médio estão na rede pública, sendo que, destes, 80% estão concentrados na rede estadual de ensino e 11% na rede municipal (gráfico 1). Verifica-se que a rede privada é de 8% e a rede federal é apenas residual (1% das matrículas).

GRÁFICO A1 – Número de matrículas no ensino médio por dependência administrativa - BA/2002



Fonte: INEP, Censo Escolar, 2002.

A proporção de jovens em relação ao total da população do estado era de 21,4% em 1999. No que tange ao campo racial, encontra-se uma população total de 13.085.769, 3.297.989 habitantes que se declaram brancos, 1.704.248, negros, 7.869.770, pardos e 125.726 não declaram a cor (IBGE, 2000).

Na cidade de Salvador, a taxa de desemprego se encontra em 26,8% e em 37,2% na faixa etária entre 18 e 24 anos de idade. Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego – (PED/DIEESE/SEI/UFBA, 1997), dos jovens de Salvador que se encontram trabalhando, 67,2% estão empregados nos serviços, 20,1%, no comércio de mercadorias e 6,8%, na indústria de transformação.

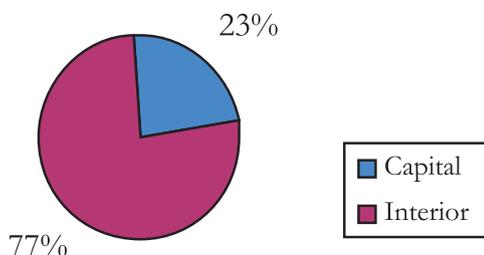
De acordo com dados do Censo Escolar (Inep, 2002), a rede estadual de educação atende a 1.124.330 alunos no ensino fundamental, sendo 408.120 da 1ª à 4ª série e 716.210 da 5ª à 8ª série. No ensino médio, o governo estadual da Bahia é responsável pela matrícula de 590.660 alunos e, ainda, 25.332 alunos de Educação de Jovens e Adultos (supletivo presencial). Os alunos são atendidos em 557 escolas de 1ª à 8ª série e em 738 colégios de ensino médio.

A taxa de alfabetização do Estado é de 78,4% (população residente de 10 anos ou mais de idade) e a do município de Salvador é de 93,8%. As taxas de rendimento no ensino fundamental são de 62,4% no que se refere à aprovação, 14,5%, à reprovação e 23,1%, à evasão. Já no ensino médio, pode-se observar que as taxas de rendimento melhoram no conjunto, sendo 69,1% de aprovação, 7,7% de reprovação e 23,2% de evasão.

Em 2002, foram registradas 538.364 matrículas no ensino fundamental e 177.513 no ensino médio no município de Salvador, evidenciando o retorno dos jovens à sala de aula. A população com mais de 15 anos de idade, que havia abandonado a escola ou não teve a oportunidade de freqüentá-la, está agora mais presente no sistema de ensino, segundo os indicadores oficiais. Na região Nordeste, por exemplo, o crescimento de matrículas no ensino médio foi de 10%, nesse mesmo ano, o que significa um incremento de 191 mil matrículas (Inep, 2002).

O Estado da Bahia conta com 415 municípios e uma população total de 13.070.250 habitantes. Salvador é a terceira maior cidade do país, com 2.443.107 pessoas. Se considerarmos a região metropolitana da capital baiana, encontraremos uma população de 3.021.572 habitantes. Considerando a população total do estado, a região metropolitana engloba 23,1% dos baianos, como mostra o gráfico a seguir, sendo 557.408 jovens na faixa etária de 15 a 24 anos de idade (IBGE, 2000).

GRÁFICO A2 – Proporção da população residente no Estado da Bahia segundo localização - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000.

É nesse cenário que o Programa ganha significado e se concretiza, por meio da abertura das escolas nos finais de semana, com a disponibilização de espaços alternativos capazes de atrair jovens que colaboram para a reversão do quadro de violência e a construção de espaços de cidadania (Noletto, 2001). A estrutura fundamenta-se em três focos – o jovem, a escola e a comunidade – sob a coordenação de uma equipe, em cada escola, composta por jovens das unidades escolares, das comunidades e de organizações não-governamentais, em sua maioria voluntários.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Miriam; WAISELFISZ, Julio Jacobo; ANDRADE, Carla Coelho; RUA, Maria das Graças. *Gangues, galerias, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). *Escolas de paz*. Brasília: UNESCO, Governo do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria do Estado da Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary. *Ensino Médio: Múltiplas vozes*. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

BOLFARINE, Heleno; BUSSAB, Wilton. O. Elementos de amostragem. In: SINAPE - Simpósio Internacional de Probabilidade e Estatística (mimeo). Belo Horizonte, 24 - 29 jul., 1994.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CALDAS, Alcides S. e SPINOLA, Tatiana A. Mobilização popular em defesa do aluno, da escola e do bairro: a experiência inovadora da escola Marcia Meccia, bairro da Mata escura

Salvador Bahia. *Relatório da pesquisa Escolas Inovadoras: Experiências bem sucedidas em escolas públicas* (mimeo). Rio de Janeiro, UNESCO, UNIRIO, 2002.

CAMPELLO, Cristina Maria T. *et al.*. *Construção de uma política social para jovens de Salvador: Estratégia de combate à violência e pela inclusão social*. Salvador: SEPLANTEC, SPE, 2002.

CARRANO, Paulo César R. Identidades juvenis e escola. In: *Alfabetização e cidadania*. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), nº 10, nov., 2000.

CASTRO, Mary Garcia (Coord.). *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

COCHRAN, William G. *Sampling techniques*. London: Wiley & Sons, 1977.

COLEMAN, James S. *Foundations of social theory*. Cambridge: Havard University Press, 1990.

CORTI, Ana Paula; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marília P. *O encontro das culturas juvenis com a escola*. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

DELORS, Jacques (Org.). *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília: UNESCO, MEC, Cortez, 2001.

DUBET, François. As desigualdades multiplicadas. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), nº 17, mai. – ago., 2001.

FARAH NETO, Miguel. *Escola, juventude e política social: estudando os processos de participação dos jovens e da comunidade no Programa Escolas de Paz no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ.

FERNANDES, R. C. *Privado, porém público, o terceiro setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. Escola cidadã: a hora da sociedade. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (Orgs.). *Autonomia da escola: princípios e propostas*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A.; HUNTLEY, Lynn. Tirando a Máscara. In: *Ensaíos sobre o Racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Ed 34, 1999.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Vale. *Relações Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

HENRIQUES, Ricardo. *Raça e Gênero nos sistemas de Ensino – Os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília: UNESCO, 2002a.

_____. Grupo Técnico para Elaboração de Propostas de Políticas para Adolescentes de Baixa Escolaridade e Baixa Renda, mimeo, 2002b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Censo Demográfico, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 de junho de 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. *Geografia da Educação Brasileira*. Brasília: INEP, 2002.

LANDIM, Leila. (Org.). *Ações em sociedade: militância, caridade, assistência, etc.* Rio de Janeiro: ISER, Nau Editora, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de S *et al.*. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: UNESCO, Cortez, 2000.

MOURA, Cláudio. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NOLETO, Marlova J. *Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*. Brasília: UNESCO, 2001.

NOVAES, Regina R.; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo (Orgs.). *Juventude, cultura e cidadania*. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, Ano 21 – Edição Especial – 2002.

PUTNAM, R. *Making democracy work: civic tradition in modern Italy*. Princeton: Princeton University Press, 1993 .

SILVA JR., Hédio. *Discriminação racial nas escolas – entre a lei as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. In: *Educação e sociedade*. São Paulo: Cortez, ano VII, nº 20, abr., 1985.

WASELFISZ, Júlio J. *Juventude, Violência e Cidadania: os Jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. *Mapa da violência II: os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, 2000.

_____; MACIEL, Maria. *Revertendo violências, semeando futuros*. Brasília: UNESCO, 2003.